

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH-III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
MULTIDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS
SEMIÁRIDOS – PPGESA**

JOEL BASTOS ALVES

**AFINAL, O QUE É SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS
MASCULINIDADES DE ESTUDANTES EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM
PETROLINA-PE**

JUAZEIRO – BA



JOEL BASTOS ALVES

**AFINAL, O QUE É SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS
MASCULINIDADES DE ESTUDANTES EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM
PETROLINA-PE**

Dissertação de mestrado
apresentada ao Departamento de
Ciências III, Universidade do
Estado da Bahia, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação, Cultura e
Territórios Semiáridos.

Linha de pesquisa: 2 Educação,
Comunicação e interculturalidade.

Orientador(a): Profa. Dra. Céres
Santos

JUAZEIRO – BA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) por Regivaldo José da
Silva/CRB-5-1169

B327a Bastos, Joel

Afinal, o que é ser homem? representações sociais das masculinidades de estudantes em uma escola estadual em Petrolina-Pe / Joel Bastos. Juazeiro-BA, 2025.
181 fls.: il.

Orientador(a): Prof.^a. Dr^a. Ceres Marisa Silva dos Santos.

Inclui Referências.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas – DCH-III. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios semiáridos – PPGESA, Campus III. 2025.

1. Masculinidades. 2. Representações sociais. 3. Educação – Petrolina-PE. 4. Análise do discurso. I. Santos, Ceres Marisa Silva dos Santos, Josenilton Nunes. II. Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro-BA. III. Título.

CDD: 302.15072

FOLHA DE APROVAÇÃO

"AFINAL, O QUE É SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MASCULINIDADES DE ESTUDANTES NA ESCOLA ESTADUAL OTACÍLIO NUNES DE SOUZA EM PETROLINA-PE"

JOEL BASTOS ALVES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, em 24 de abril de 2025, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professora Dra. CERES MARISSA SILVA DOS SANTOS (Orientadora)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutorado em Ciências da Comunicação

Universidade de São Paulo – USP

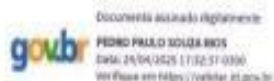


Professor Dr. FABIO RONALDO DA SILVA (Avaliador Interno)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutorado em História

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Professor Dr. PEDRO PAULO SOUZA RIOS (Avaliador Externo)

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Doutorado em Educação

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Dedico este trabalho a meus/minhas amig@s pares,
LGBTQUIAPN+ que ficaram pelo caminho, assassinad@s de
forma estúpida e cruel, aos que sobreviveram, resistem, e
existem, digam não à homolesbotransfobia e sim, a toda forma
de ser, pensar e sentir.

AGRADECIMENTOS

O ato de tecer agradecimentos é uma forma de expressar nossa gratidão e demonstrar que não caminhamos sozinhos. Primeiramente gostaria de agradecer a uma força superior a qual não sei denominá-la, mas que acredito ter criado todo esse universo. Em segundo minha família, em especial, a minha mãe Lucimeire, a meu namorado Gilmar, meu irmão Jeferson e sua esposa Caloama, que estiveram presente em todas as fases da conquista deste trabalho. Além de algumas(ns) amigas(os) como; Elma, Silvana, Ridalva e Élida.

O Programa de Pós-Graduação Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA foi um divisor de águas em minha vida. Trouxe-me transformações essenciais, permitindo-me diversas experiências as quais pude e posso compartilhar com outras pessoas ao meu redor. Cada professor(a) com quem dialoguei, possibilitou-me aprendizagens diferentes e deixaram contribuições muito significativas, seja, dentro da sala ou fora dela.

Agradeço ao grupo LGBT ao qual faço parte GGL (Grupo Gay de Livre) de Itaberaba, onde, durante minha caminhada, enquanto militante, me fez despertar uma consciência política. Pude participar de reuniões, atos de protestos, audiência em foro, câmara de vereadores do município de Itaberaba, eventos em diversos estados do Brasil discutindo e atuando nas práxis.

Agradeço imensamente ao Coletivo PARATODOS e PARATODAS-UNEB (composto por estudantes de diversas universidades do Brasil), por ter acreditado em meu potencial e por ter qualificado minha formação, aprendi lições neste Coletivo político ímpares e valiosas, que somaram e somam em minha caminhada. Construí laços sólidos, verdadeiros com pessoas que para sempre irão marcar minha história. O slogan que ficou marcado na minha militância na esquerda brasileira: “É Para todos construindo um novo Brasil, juventude organizada do movimento social estudantil”. Enfim, foram diversos os momentos que passamos e que reflete em cada um de nós um anseio futuro e ao mesmo tempo, e, fica a sensação de dever cumprido como protagonistas de nossa própria História.

Agradeço, imensamente, a minha orientadora Céres Santos. Primeiramente, por ter aceitado me orientar, ofertando encontros gostosos, seja de maneira presencial ou

remota, em virtude de nossa geografia. Agradeço também, por ter acreditado em mim, segundo, porque foi mais que uma orientadora, uma verdadeira mestra e amiga que vem colaborando de forma tão significativa para a materialização desse estudo, regado por muito carinho e afetividade. Sempre me incentivando, além de ser muito humana e competente, dando-me suporte em todos os momentos da pesquisa. Muito obrigadoooo!

Por fim, meus agradecimentos à Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ DCHIII/ PPGESA, grande referência na educação. Para isso, me possibilitou a extensão pelo sertão, onde conheci através de diversas viagens, lugares e pessoas especiais pelo Brasil. Uma instituição aonde professores e funcionários, que se doam constantemente para tornar a instituição uma referência em educação. A Diretora Edonilce, proporcionando uma melhor educação de qualidade, ao até então, coordenador do Programa, Josenilton. Não poderia esquecer os funcionários do Campus III, em especial, aos funcionários da secretaria, Cleide, Elenice e Rafaela, por terem me prestado com muito prazer uma excelente assistência em seus atendimentos. A todos/as/es que fizeram parte da turma 2023 do PPGESA: Ane, Alessando, Cristiane, Francisco, Gabriel, Hanna, Isaac, Joel, Jéssica, Jackeline, Keren, Michele, Mary, Tay, Vanderleia e Vinícios que estavam desde o início dessa jornada juntos, um segurando a mão do outro e que, de alguma forma, direta ou indiretamente contribuíram para a efetivação desse sonho em me tornar mestre em educação, sonho esse que já buscava há anos. Ahhh, “chorei, chorei, sorri, sorri e vivi muitas emoções”!!!

“Quando eu estava pra nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer
Ai meu Deus como eu queria
Que essa cabra fosse home'
Cabra macho pra danar
Ah! Mamãe aqui estou eu
Mamãe aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou!”

(Antônio Barros, 1974;
Ney Matogrosso)

RESUMO

O presente estudo se propõe a identificar as representações sociais que os estudantes do 3º ano do Ensino Médio numa escola da cidade de Petrolina-PE, têm das masculinidades, localizando suas possíveis compreensões e os seus reflexos no cotidiano escolar. Para tal, os objetivos específicos são: a) identificar por meio do grupo focal as possíveis compreensões de masculinidades existentes no cotidiano escolar; b) Analisar os discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O interesse em desenvolver essa pesquisa surgiu a partir de vivências/trajetórias tanto pessoais quanto profissionais a respeito dos estudos sobre masculinidades que me fizeram questionar uma dada concepção de masculinidade. Essa realidade me motivou a investigar como se dão as representações de masculinidades e suas práticas no ambiente escolar. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, utilizando à análise do discurso. Recorre-se, para a coleta de dados de forma articulada e planejada como; o grupo focal, na utilização de entrevistas semiestruturadas, a execução de oficinas temáticas e a aplicação de questionário. Tendo como base teórica Connell (1987;1995; 2001; 2003; 2013; 2016), Foucault (1995,1997, 1999), Beauvoir (1970), Scott (1995), Butler (2000; 2014), Bourdieu (2014) e Louro (1997; 2000; 2002). Os resultados finais da pesquisa apontam que as representações de masculinidades são diversas, mas, que em sua maioria, ainda concebe a visão da masculinidade hegemônica, cristalizada em nossa sociedade, de forma fixa, binária e biológica. Por outro lado, as(os) participantes demonstraram que os homens podem ser carinhosos, sorrir, chorar, brincar e ter a profissão que quiserem. No entanto, afirmam que, nem todos são assim por terem medo de julgamentos baseados em um modelo hegemônico de ser do sexo masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades; representações sociais; análise do discurso; Educação.

ABSTRACT

This study aims to identify the social representations that third-year high school students in a school in the city of Petrolina-PE have of masculinities, locating their possible understandings and their reflections in everyday school life. To this end, the specific objectives are: a) to identify, through a focus group, the possible understandings of masculinities that exist in everyday school life; b) to analyze the discourses of the subjects involved in the research. The interest in developing this research arose from both personal and professional experiences/trajectories regarding studies on masculinities that made me question a given conception of masculinity. This reality motivated me to investigate how representations of masculinities and their practices occur in the school environment. The research has a qualitative approach, using discourse analysis. For the collection of data in an articulated and planned manner, it is used: the focus group, the use of semi-structured interviews, the execution of thematic workshops and the completion of a questionnaire, finally employing the triangulation technique. Based on the theoretical framework of Connell (1987; 1995; 2001; 2003; 2013; 2016), Foucault (1995, 1997, 1999), Beauvoir (1970), Scott (1995), Butler (2000; 2014), Bourdieu (2014) and Louro (1997; 2000; 2002). The final results of the research indicate that the representations of masculinities are diverse, but that the majority still conceive the vision of hegemonic masculinity, crystallized in our society, in a fixed, binary and biological way. On the other hand, the participants demonstrated that men can be affectionate, smile, cry, play and have whatever profession they want. However, they state that not all are like this because they are afraid of judgments based on a hegemonic model of being male.

Keywords: Masculinities; social representations; speech analysis; Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Programação de Encontros conforme o interesse da temática pesquisada	52
Tabela 2- Total de participantes por idade.....	92
Tabela 3 - Total de participantes por sexo	93
Tabela 4 - Total de participantes por autodeclaração da orientação sexual.....	95
Tabela 5 - Total de participantes por autodeclaração de pertencimento étnico/racial	97
Tabela 6 - Total de participantes por pertencimento religioso.....	99
Tabela 7 - Total de palavras sobre masculinidades	100
Tabela 8 - Total de participantes por palavras sobre masculinidade frágil.....	102
Tabela 9 - Primeiras palavras quanto a pergunta é masculinidade e machismo.....	104
Tabela 10 - Qual a sua idade?	105
Tabela 11- Qual sexo você se define	107
Tabela 12- Quantidade de irmãos(ãs) dos participantes	108
Tabela 13- Total de pessoas que moram com você?	109
Tabela 14- Se possui TV em casa e quantas?	110
Tabela 15- Com que frequência você vê TV?	111
Tabela 16- Quantos livros você lê ao ano?	111
Tabela 17- Você possui computador em casa?.....	113
Tabela 18- Você possui <i>internet</i> em casa?.....	114
Tabela 19- O que mais você gosta de fazer na <i>internet</i> ?.....	115
Tabela 20- Você utiliza o computador da escola?.....	116
Tabela 21- O que você entende sobre masculinidade?.....	117
Tabela 22- Você já conversou na escola sobre masculinidade?	118
Tabela 23- Qual raça você se identifica?	119
Tabela 24- Qual a sua orientação sexual?.....	121
Tabela 25- Qual a sua orientação religiosa?	122
Tabela 26- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidades.	123
Tabela 27- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade frágil.	124
Tabela 28- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade machismo.	125

Tabela 29- Das palavras abaixo, selecione metade delas que tenha a ver com masculinidades.....	126
Tabela 30- O que você entende por masculinidade?	128
Tabela 31- o que é ser homem?	129
Tabela 32- o que é ser masculino para você?	130
Tabela 33- o que é machismo?	132
Tabela 34- o que você entende por gênero?	133
Tabela 35- o que é ser homem em nosso território semiárido e relacionando com o filme, o que vocês entendem?	134
Tabela 36- Quais tipos de masculinidades vocês observam ao ter assistido alguns trechos do filme Barbie?	136
Tabela 37- Todos os homens são tratados de forma igual? E, quem seria mais desrespeitado, heterossexuais, homossexuais, negros ou outros?	139
Tabela 38- o que aprenderam sobre masculinidades?	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Teses e dissertações no banco de dados da CAPES sobre masculinidades e educação, entre 2004 e 2019.....	64
Quadro 2- Quadro comparativo do IDEB-2019.	77
Quadro 3- Quadro comparativo do IDEB 2021.	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Comparativo de matrículas declarados por dependência administrativa- Censo escolar.	85
Figura 2- <i>Habitus</i>	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Comparativo de matrículas declaradas por dependência administrativa – Censo Escolar	88
Gráfico 2- Total de participantes por idade	92
Gráfico 3- Total de participantes por sexo	93
Gráfico 4- Total de participantes por autodeclaração da orientação sexual	95
Gráfico 5- Total de participantes por autodeclaração de pertencimento étnico/racial ...	97
Gráfico 6- Total de participantes por pertencimento religioso	99
Gráfico 7- Total de palavras sobre masculinidades	100
Gráfico 8- Total de participantes por palavras sobre masculinidade frágil	102
Gráfico 9- Primeiras palavras quanto a pergunta é masculinidade e machismo	104
Gráfico 10- Qual a sua idade?	105
Gráfico 11- Qual sexo você se define	107
Gráfico 12- Quantidade de irmãos(ãs) dos participantes	108
Gráfico 13- Total de pessoas que moram com você?	109
Gráfico 14- Se possui TV em casa e quantas?	110
Gráfico 15- Com que frequência você vê TV?	111
Gráfico 16- Quantos livros você lê ao ano?	111
Gráfico 17- Pesquisas retratos da leitura no Brasil	113
Gráfico 18- Você possui computador em casa?	114
Gráfico 19- Você possui <i>internet</i> em casa?	115
Gráfico 20- O que mais você gosta de fazer na <i>internet</i> ?	116
Gráfico 21- Você utiliza o computador da escola?	117
Gráfico 22- O que você entende sobre masculinidade?	118
Gráfico 23- Você já conversou na escola sobre masculinidade?	119
Gráfico 24- Qual raça você se identifica?	121
Gráfico 25- Qual a sua orientação sexual?	122
Gráfico 26- Qual a sua orientação religiosa?	123
Gráfico 27- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidades.	124

Gráfico 28- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade frágil.	125
Gráfico 29- Das palavras abaixo, selecione metade delas que tenha a ver com masculinidade	126
Gráfico 30- O que você entende por masculinidade?.....	128
Gráfico 31- o que é ser homem?.....	129
Gráfico 32- o que é ser masculino para você?.....	130
Gráfico 33- o que é machismo?	132
Gráfico 34- o que você entende por gênero?.....	133
Gráfico 35- o que é ser homem em nosso território semiárido e relacionando com o filme, o que vocês entendem?.....	134
Gráfico 36- Quais tipos de masculinidades vocês observam ao ter assistido alguns trechos do filme Barbie?	136
Gráfico 37- Todos os homens são tratados de forma igual? E, quem seria mais desrespeitado, heterossexuais, homossexuais, negros ou outros?	139
Gráfico 38- o que aprenderam sobre masculinidades?.....	141

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACD- Análise Crítica do Discurso

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONDEL- Conselho Deliberativo

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

GGL- Grupo *Gay* de Livre

GRE- Gerência Regional de Educação

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB- O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IFPA- Instituto Federal do Pará (IFPA)

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INSA- Instituto Nacional do Semiárido

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPEC- Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica

LGBTQUIAPN+- lésbicas, bissexuais, *gays*, transexuais/travestis, queers, intersexos, assexuais, pansexuais, não-binários e mais outras identidades

OMS- Organização Mundial de Saúde

PCN's- Parâmetros curriculares nacionais

PIB- Produto Interno Bruto

PHS- Partido Humanista de Solidariedade

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE- Plano Nacional de Educação

PPGESA – Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos

SAEB- Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

STF- Supremo Tribunal Federal

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

TALP- Técnica de Associação Livre de Palavras

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TALP- Técnica de Associação Livre de Palavras

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 AS MASCULINIDADES COMO OBJETO DE ESTUDO	25
2.1 A contribuição do movimento das feministas e do movimento da comunidade LBTQUIAPN+ no campo das masculinidades.....	26
2.2 Os Estudos sobre Masculinidades no Brasil: a crise do masculino	34
2.3 As configurações das masculinidades e as práticas de violências	39
2.4 Raça e masculinidade	42
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	47
3.1 Coleta de dados: grupo focal.	49
3.2 A Análise Crítica do Discurso.	53
3.3 Porque pesquisar adolescentes?	55
4 AS MASCULINIDADES E AS TEORIAS DE GÊNERO	58
4.1 Gênero e masculinidades	58
4.2 A interseccionalidade frente ao conceito educacional: diferenças sobre o conceito na educação.....	64
4.3 Masculinidade e educação: Estado da arte.....	66
4.3. Violência contra masculinidades destoantes.....	69
3.3.2 Processo formativo de professores	71
3.3.3 Rótulos e performances de gênero	73
5 DA EDUCAÇÃO NO BRASIL AO SERTÃO PETROLINENSE	76
5.1 No torrão do sertão: Petrolina na trilha do Semiárido brasileiro	78
5.2 Região Nordeste: “homem macho, sim senhô!	83
5.3 Masculinidades e educação na Califórnia Sertaneja	87
5.4 Localização do estudo.....	90
6 DADOS APURADOS NA PESQUISA.....	92
6.1 Dados apurados com a turma	92
6.2 Dados apurados no grupo focal.	105
6.3 Entrevista com o grupo focal.	127
6.4 Oficinas com o grupo focal.	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144

Referencial bibliográfico	148
Anexos	156
Apêndices	158

1 Introdução

Atualmente, surgiram diversos debates no Brasil acerca dos estudos sobre masculinidades e, que vem ganhando notoriedade em diversos espaços, inclusive, acadêmicos, uma vez que, os próprios homens vieram a produzir sobre si mesmos. Essas produções têm sido fundamentais para reflexões sobre sua relação com o seu gênero, com as sexualidades e os meios discursivos na tentativa de desconstruções, com suas afetividades, sua relação com o/a outro/a etc. Essas discussões estão em consonância com pautas identitárias de cunho político, como também, dentro de uma logicidade capitalista.

A reflexão dos homens sobre suas próprias masculinidades e a história dessas identidades é um campo em crescimento que provoca as noções tradicionais de gênero e promove uma compreensão mais densa das experiências e vivências masculinas. É de fundamental importância essa temática estar inserida nos espaços, inclusive, institucionais, uma vez que, algumas práticas preconceituosas podem acabar em exclusões, violência, mortes, entre outras ações que são reproduzidas, inclusive, no ambiente escolar.

Durante minha infância, adolescência e até hoje na minha vida adulta, foram/são utilizadas diversas expressões por algozes, na tentativa de relacionar com uma forma pejorativa a minha orientação sexual. Algumas dessas formas de violências praticadas com expressões como; “menino não chora”, “senta direito moleque”, “fala feito homem”, “isso é coisa de *gay*/viado/maricas”, “homem que é homem não chora”, “fala grosso”, “viadinho”, “bichinha”, “afetada”, “passivona”, “poc poc”, “vira homem”, “viadinho pão com ovo”, “tudo bem ser *gay*, mas não precisa querer ser afeminado”, “nossa, que desperdício é ele ser *gay*”, “não precisa ficar contando para todo mundo que você é *gay*”, “sabia que você vai para o inferno?” “quando você virou *gay*?”, “não tenho preconceito, tenho até amigos que são *gays*”,

Infelizmente, é comum a manifestação de expressões preconceituosas como estas e outros tipos de violências cometidas à população LGBTQUIAPN+, que são constantemente utilizadas de forma depreciativa, com a intenção de desqualificá-los e desrespeitá-los. Essas expressões não são apenas ofensivas, mas também contribuem para a perpetuação de estereótipos e preconceitos que alimentam a violência e a discriminação contra essa comunidade.

Costumeiramente a masculinidade foi conferida a mim por meio de expressões desse tipo. Diante disso, eu lutei, constantemente para não ser visto e, conseqüentemente, não ser julgado por conta da minha sexualidade, a qual tinha vergonha por destoar de outras pessoas em espaços onde me inseria. Essas frases, bem como, inúmeras maneiras de assédios foram formas de violências que vivenciei ao longo da minha vida, inclusive, nas escolas pelas quais passei, uma vez que, eu também não tinha nenhuma abertura com os/as professores/as no sentido de poder dialogar a respeito de minhas inquietações, minha sexualidade.

Afinal, o que é ser homem? A priori é importante destacar que essa inquietação só pode ser entendida a partir de um recorte geográfico e histórico de espaço-tempo, pois cada sociedade proporciona modelos e determinações específicas de masculinidades que serão refletidas de acordo com suas práticas sociais e culturais (Hall, 2000; Bourdieu, 2014). Na tentativa de responder a essa inquietação do título da minha pesquisa recorro aos trechos da música de Ney Mato Grosso “Homem com H” e em seguida, faço a minha análise.

“Quando eu estava pra nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer
Ai, meu deus, como eu queria
Que essa cabra fosse homem
Cabra macho pra danar
Ah mamãe, aqui estou eu
Mamãe, aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou”

Os trechos da música em questão elucidam que, mesmo antes de seu nascimento, já são atribuídas diversas as características majoritariamente heteronormativa do que se convencionou “ser homem” socio-culturalmente em determinada sociedade, quando a mãe naturaliza o seu desejo de ter um homem com tais atributos. Essas normas que conduzem como o sujeito deve se comportar, falar, sentar, acaba gerando consequências cruciais como; recusar sua própria identidade, potencializar violências contra pessoas destoantes aos moldes, performarem a partir do gênero a qual não se identificam,

repressão de desejos, contribuição de estereótipos da masculinidade e feminilidade, dentre outros. (Barros, 1974)

Percebe-se no trecho “Porque eu sou é homem”, que o autor contrapõe a ideia do homem que é idealizado pelos padrões historicamente construídos como, sobretudo no sertão nordestino como; força, musculosos, machos, viris, com o ser homem a qual o próprio cantor Ney Mato Grosso performa, um homem peludo, afeminado, diante do contexto da repressão e violência da Ditadura Civil Militar brasileira na década de 1980. Importante ressaltar que, nesse período diversos homossexuais foram perseguidos e até mortos pelos órgãos do governo ditatorial, a respectiva palavra ‘bicho’ relaciona-se com a ditadura e seus moldes de repressão.

A performance de Ney Mato Grosso colabora para o aprofundamento da análise, já que seus movimentos e gestos corporais lhe faz modificar a letra “H” da palavra homem, dando ao público o sentido de ser homem de diversas formas, inclusive dentro de atributos da feminilidade.

Assim, eu, homem cisgênero, *gay* afeminado, na época, com meus 19 anos, com baixo poder aquisitivo, no entanto, tinha uma militância bastante ativa, vivendo no sertão nordestino, assumindo minha orientação sexual, com distintos demarcadores sociais como de orientação sexual, raça, religião, etnia etc. O que me restava eram inquietações infinitas, talvez por não ter tido referências do que seria ser homem naqueles espaços pelos quais eu ocupava. Mas, que homem eu poderia de fato ser, sendo *gay*? A expressão de gênero que eu deveria performar para ser visto como homem na sociedade? Como me colocar contra performances que eu forçava ser para ser “bem-quisto” socialmente? Como construir e lutar por pautas políticas sobre minhas subjetividades?

Eu vivia em zonas conflitivas de mudanças tanto físicas, mentais, psíquicas, entre o eu que estava sendo gerado diante das expectativas sobre meu gênero e sexualidade, até mesmo antes de eu nascer e o meu eu mais profundo. Como bem abordou a escritora Cecília Meireles (2001) em seu poema chamado retrato, que diz “*Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.*”

Assim como o poema da escritora retrata pessoas tristes, amargas, sem direção, é, também para milhões de LGBTQUIAPN+ que vivem sob o Sol e vida interiorana, eu sou um deles. Viver não era fácil, pois o que resta(va) para muitos como eu, era moldar sua identidade dentro das normatizações que eram/são impostas de forma hegemônica. Além

do mais, nossa educação ainda é pautada pela heteronormatividade, uma vez que, relaciona a região com a ideia do “cabra macho” (Rios, 2016, p. 18).

Essa afirmação é bastante pertinente e reflete uma realidade observada em muitos sistemas educacionais. Segundo Katz (1986, p.46) a heteronormatividade é baseada na suposição de que a heterossexualidade é a norma ou padrão natural de orientação sexual, e essa perspectiva muita das vezes permeia nas práticas educacionais, nos currículos e políticas escolares. Fora dessas normas, Silva (2022, p.18) a realidade de um homem *gay* em uma cidade interiorana é marcada pela solidão afetivo-sexual, além da pouca sociabilidade, que resulta na falta de apoio e muita das vezes, esse indivíduo não tem modelos de pessoas com vivências semelhantes para formar sua própria identidade, falta de espaços que debatam, questionem essas normatizações.

Minha entrada na universidade foi um divisor de águas, pois foi fundamental para minha formação identitária, tanto pessoal quanto profissional. No curso de licenciatura em História, a cada passo, fui conhecendo e aprofundando mais sobre minha sexualidade, conheci professores que me incentivaram e potencializaram para os estudos de gênero e sexualidades, sempre fazia viagens em eventos acadêmicos, que me oportunizaram a me envolver mais ainda com assuntos interseccionais ligado a gênero, raça, classe etc.

O curso também, me oportunizou problematizar e interpretar os fatos de forma que, analisasse com teor crítico propositivo, além de me potencializar nas construções e vivências protagonistas dentro da sociedade. Quero deixar meu legado na memória das pessoas, já que, é por meio de lembranças que construímos nossas narrativas.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítido que nos pareça de um fato antigo, ele não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor Bosi (1994, p. 55).

Por meio do presente que elaboramos e reelaboramos o que éramos no passado, a partir de nossas vivências, mesmo que possamos lembrar, são continuam as mesmas, já que, passamos por mudanças ao longo do tempo, desconstruindo pensamentos, consolidando outros.

Por isso, que a realidade pela qual vivi, em relação a minha sexualidade, despertou meu interesse específico pelo estudo das masculinidades, que surgiu a partir de minhas vivências acadêmicas, através de discussões sobre os estudos de gênero e sexualidades como trajetórias profissionais. A partir de participações em reuniões com grupos

LGBTQUIAPN+, fóruns, atos e protestos, dentre outros, onde, me fez despertar uma consciência histórica e política, discutindo e atuando nas práxis. No mestrado, sob orientação com a minha orientadora, Céres Santos, ao afunilar o que estudar dentro dessa rica e complexa linha de pesquisas sobre estudos de gênero, de fato, coloquei em prática um desejo que desde a graduação tinha, abordar sobre as masculinidades.

Quando criança e adolescente, passei por diversas situações em que fui vítima de ações homofóbicas, uma vez que, a homofobia é uma série de atitudes e sentimentos negativos, discriminatórios ou preconceituosos em relação a pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo ou gênero, ou percebidas como tal, em diferentes espaços, inclusive, escolar. Após essa ação descrita conceitualmente, dar para entender o motivo pelo qual, por muito tempo tive vergonha de ser quem eu verdadeiramente era/sou. Ou seja, um ser constituído de transgressões que contrapõem aos modelos de padrões hegemônicos heteronormativos existentes em nossa sociedade. Ademais, enquanto docente nas escolas pelas quais lecionei, vivenciei casos constantes de homolesbotransfobias¹, desde os mais sutis aos mais grosseiros possíveis.

Durante minha experiência docente, percebi que ocorria uma constante cumplicidade minha para com os/as meus/ minhas estudantes “dissidentes”². Sobre este último termo, Gadsby (2018, p. 51), diz que, “o corpo dissidente é uma linha de fuga, uma brecha que se abre no sistema para que corpos silenciados ganhe fala, exerçam suas cidadanias em/através de “lugares de fala”. Nas palavras do autor, esse corpo dissidente refere-se a pessoas ou determinados grupos que não se conformam às normas sociais, culturais ou políticas estabelecidas. Ademais, o teórico acrescenta que, essa fuga envolve uma variedade de identidades e comportamentos que desafiam as expectativas tradicionais de uma sociedade.

Dessa maneira, acredito que, um dos fatores para tal abertura que ocorria de forma espontânea dos/das estudantes para comigo, seja minha autoafirmação sobre minha identidade de gênero³, a qual discursava em alguns momentos de aulas, e, isso fez com quem estes corpos dissidentes se identificassem de alguma maneira e me vissem como

¹ O termo homolesbotransfobia refere-se à unificação das três fobias contra os *gays*, lésbicas e trans/travestis/transgêneros. Criaram o termo Homolesbotransfobia que foi discutido na 18ª edição da Parada Gay de São Paulo, em 2014.

² Um dissidente é uma pessoa que desafia ativamente um sistema político, religioso estabelecido, doutrina, crença, política ou instituição.

³ Identidade de gênero diz respeito à experiência interna e individual relacionada ao gênero com o qual a pessoa se identifica. A identidade de gênero não está necessariamente relacionada com características biológicas tipicamente atribuídas aos sexos masculino e feminino.

uma representação transgressora⁴, resistindo a uma normatividade. Muitas das vezes, sem antes ser perguntado, alguns estudantes recorriam a mim, por vezes, de maneira tímida, no intuito de eu ser uma possibilidade de resolução das questões que envolviam suas sexualidades.

Diante de determinados episódios ocorridos a quais estudantes chegaram aos extremos, como por exemplo, tentativas de suicídio por não saber lidar com sua própria sexualidade, resultando em estudantes tristes e com baixa autoestima em sala de aula, sem participação ativa, dentre outras questões.

Em 2019, elaborei e apresentei a diretora escolar, um projeto sobre gênero e sexualidades, para trabalhar em forma de projeto na escola. Para a produção desse projeto, diante de um tema que ainda encontra diversas barreiras, inclusive em sua aplicação, procurei me fundamentar teoricamente através dos dados do Instituto Federal do Pará (IFPA), a qual demonstrou por meio de um levantamento que a maioria dos jovens do Ensino Médio manifestam de forma mais inicial sua sexualidade, identificando-se ou não com seu gênero ou identidade de gênero, sendo nesse período a fase que surgem os maiores questionamentos, dúvidas etc.

Trouxe também, documentos normativos educacionais que tratam sobre a prerrogativa de inclusão de assuntos transversais dentro do currículo e que poderia ser trabalhado em sala de aula dentro das práticas pedagógicas das(os) professoras(es) no Ensino Médio. Trouxe assim como exemplo, o programa “*Brasil sem Homofobia*”, aprovado no período de governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Conforme Junqueira (2009, p. 167), este programa tinha como objetivo, fomentar discussões em sala de aula para que combatesse a violência contra os homoafetivos e garantir o direito de cidadania de todas/os/es, em conjunto com a órgãos para a implementação de políticas públicas e com a sociedade civil. O autor reforça ainda que, essa conquista da aprovação do programa foi resultado dos movimentos LGBT's. Contudo, esses empreendimentos de inclusão a cidadania na luta de fomentar tais discussões, especialmente nas cidades interioranas do semiárido nordestino, como estão?

⁴ A transgressão de gênero (em inglês: *gender bender*) é a flexão ou "dobra" dos papéis de gênero esperados. A transgressão de gênero às vezes é uma forma de ativismo social para destruir papéis rígidos de gênero e desafiar os estereótipos de papéis sexuais, principalmente quando a pessoa não-conformada de gênero considera o sistema de gênero opressor. Pode ser uma reação ou protesto à homofobia, transfobia, binarismo ou sexismo.

A resposta para esse questionamento não demorou muito. De imediato, tive a negativa, pois, a gestora afirmava que havia um Projeto de Lei Nº 2.985/17, de 19 de dezembro, aprovado na câmara de vereadores de Petrolina/PE e que estava em vigência.

Ao pesquisar a veracidade do caso, infelizmente, verifiquei que a lei existia e que, proibia conteúdo e material que abordasse sobre gênero, diversidade sexual e orientação sexual em sala de aula. Esse Projeto de Lei chamado de “ideologia de gênero”. Cabe

esclarecer que, esse termo não é reconhecido atualmente pela comunidade acadêmica, mas é constantemente externado sem base científica. A criação desse termo teve sua criação, inicialmente em 1990 com a Igreja Católica, segundo Corrêa (2018, p. 74). Esse ativismo religioso, reacionário e conservador tinha como objetivos estratégicos a articulação com diversos grupos sociais conservadores, inclusive, às esferas políticas, tentando barrar e/ou frear os progressos concernentes aos assuntos sobre gêneros e sexualidades Junqueira (2018, p. 48).

Petrolina-PE encontra-se localizada no sertão pernambucano, uma cidade interiorana, no entanto, bastante desenvolvida economicamente, com várias universidades, grandes empresas, indústrias e o setor da fruticultura. Contudo, politicamente como de costume em muitas cidades do interior, a liderança política há anos sendo da mesma família, os Coelhos. Estando no segundo mandato, o prefeito Simão Durando do PSB.

O projeto em discussão foi criado pelo vereador Elias Jardim, do Partido Humanista de Solidariedade (PHS), partido que foi agrupado ao Podemos e é de extrema direita. Votado no dia 07 de dezembro de 2017, o projeto passou e foi aprovado com 12 votos a favor e dois contra. Grande parte dos discursos em defesa da lei, abordava sempre com base na religiosidade como justificativa para proibir tais assuntos nas escolas Junqueira (2009, p. 171).

De acordo com Barros (2023, p. 101) em Garanhuns, cidade que também pertence ao estado de Pernambuco, foi criado um movimento por líderes políticos que levaram para o Legislativo, através de projetos de lei 4.432, para coibir o diálogo sobre a (fictícia) ‘ideologia de gênero em sala de aula. A lei foi aprovada em plenária da câmara de vereadores e está em vigor.

Porém, o Supremo Tribunal Federal (STF) foi acionado pelo grupo LGBTQUIAPN+ do município e começou a investigar o caso, entendendo ser uma lei inconstitucional, já que ela tirava direitos básicos garantidos pela constituição brasileira,

um deles que é a liberdade de pensamento das crianças, dos profissionais da educação etc. (Farias, 2021, p. 20).

Mesmo diante da investigação em curso, a lei ainda está em vigor. O processo está em tramitação e sob a relatoria de Marco Aurélio Mello, que é pastor presbiteriano. Enquanto isso, os espaços educacionais sendo silenciados por uma lei inconstitucional Junqueira (2009, p. 172).

Barros (2023, p. 100) adverte quem em nosso país, são garantidos por lei os direitos regidos pela Constituição Federal, desde 1988, a livre liberdade de expressão, a educação, assim como a diversidade. Afirma ainda que, esse movimento do ativismo religioso utilizou da representação política e conceituaram como ‘ideologia de gênero’, surgindo como ameaça à democracia, o que impacta diretamente no currículo, relações sociais do ambiente escolar. Barros (2023) ainda evidencia que, a mídia detém e pratica uma função importante para a constituição da cultura de um país, de uma sociedade, desde demonstrar fatos e a noticiá-los da sua maneira afim de influenciar de acordo com os interesses em questão.

Diante disso, me senti impotente, sem apoio, ao mesmo tempo em que notava, diante daquele contexto sob a condição desses jovens, seja homossexual, lésbica, transsexual, travesti ou qualquer outra identidade de gênero, assumir para todos sua sexualidade diante de uma cidade do interior nordestino não seria o melhor caminho, até que se sentissem confiantes. Vi o quão emergente e necessário seria uma intervenção sobre a temática naquela comunidade escolar. A realidade, era que muitos daqueles discentes LGBTQIAPN+ externavam desabafos constantes, de dores e angustias que sofriam tanto dentro, quanto fora do espaço escolar naquele sertão pernambucano.

Essa realidade me fez refletir sobre, como se dão as representações de masculinidades e as suas configurações no ambiente escolar e de que maneira estão sendo (re)construídas culturalmente práticas entendidas do que é ser feminino ou masculino, de modo que, aqueles que fugiam dos comportamentos e pensamentos hegemônicos, já que, por vezes, acabavam sendo excluídos de grupos que ali eram formandos, acabavam sofrendo diretamente com tais ações, refletindo assim em sua baixa autoestima, além de não poder expressar suas verdadeiras formas de ser, pensar e existir.

Os estudos me fizeram questionar uma dada concepção cristalizada em nossa sociedade de masculinidade, aquela que aprendemos desde criança, a ter identidade fixa, de forma binária e biologicamente, de modo que, me fez pensar em outras perspectivas as masculinidades existentes, de forma mais aberta, fluída e diversa.

Sendo a masculinidade, compreendida como uma das categorias de gênero, que foram/são (re)construídas ao longo do tempo e dos espaços a partir de um modelo hegemônico heteronormativo atribuído socio-culturalmente, de modo que determina atitudes, comportamentos, sentimentos e ações dos sujeitos, identificar quais as representações de masculinidades que os estudantes numa escola do 3º ano do Ensino Médio têm?

No intuito de responder a tal problema nessa dissertação, tem-se como objetivo geral, identificar quais as representações de masculinidades que os estudantes de uma escola do 3º ano do Ensino Médio têm, localizando suas possíveis configurações e os seus reflexos no cotidiano.

Já como objetivos específicos compreendem: A) identificar por meio do grupo focal as possíveis compreensões de masculinidades existentes no cotidiano escolar; B) analisar os discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Por qual motivo se decidiu realizar a pesquisa apenas com estudantes? A decisão de realizar uma pesquisa com estudante partiu de diversos motivos, *a priori*, notou-se a necessidade de trabalhar apenas com esse público, uma vez que, levou-se em consideração as práticas, opiniões e comportamentos que podem ser criados, reproduzidos, ensinados entre eles no cotidiano escolar. Logo, determinadas identidades podem ser legitimadas a partir dessa rotina escolar, trazendo reflexos variados, como repressão, exclusão, etc.

Nesse sentido, as discussões sobre masculinidades nessa etapa da educação básica tornam-se necessárias, já que, as construções das representações se dão de modos diferentes, refletindo em variadas identidades na escola que se constituem em cada ser culturalmente. (Louro, 2002, p. 32)

Entende-se que, essa pesquisa tem um caráter fundamental no contexto atual político e cultural a qual se insere, em meio a discursos como a “ideologia de gênero”, que tenta inibir abordagens ou discussões a respeito das relações de gênero (Junqueira, 2018; 2020, p. 23-24), faz lembrar os empecilhos diante da luta para a desconstrução de estereótipos. Diante disso, esse estudo dialoga coerentemente também, para o combate as discriminações e preconceitos, na tentativa de haver reflexões acerca da igualdade de direitos para todos(as).

A pesquisa fornece dados essenciais para a criação de políticas públicas inclusivas e leis que protejam grupos vulneráveis. Essas análises podem contribuir para informações mais precisas aos profissionais das mais diversas áreas, na tentativa de que se construa

uma compreensão aprofundada e que somem um ambiente mais inclusivo, informando sobre a diversidade de experiências e relações humanas. Ademais, esse estudo pode contribuir nos questionamentos presos em caixinhas e desconstruir normas sociais construídas dentro de uma moral opressiva, dando espaço para uma sociedade mais consciente e ciente sobre a história de grupos ainda estigmatizados em nossa sociedade.

Utiliza-se como aporte teórico, Connel (1987; 1995; 2001; 2003; 2013; 2016)) e Michael Kimmel (1998) para tratar do conceito de masculinidades; Michel Foucault (1995, 1997, 1999) conceitualizando sexualidade, poder e análise do discurso; para conceituar gênero, emprega-se as autoras, Beauvoir (1970), Joan Scoot (1995), e Judith Butlher (2003), performatividade (2000;2014), patriarcado com Heleieth Saffioti (2015), violência simbólica (2014) para abordar a partir de Pierre Bourdieu (2014), gênero na educação aplica-se Lopes Louro (1997) e por fim, identidade por Tomaz Tadeu da Silva (2018), dentre outros.

O presente estudo está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo trago a introdução com a finalidade de demonstrar os caminhos perpassados no decorrer da pesquisa, de que forma ocorre o interesse na temática, demonstro também, o contexto histórico que se relaciona a pesquisa, assim como, teóricos que irão embasar epistemologicamente a pesquisa.

No segundo capítulo, se evidencia a Análise do Discurso, numa abordagem francesa, com uma metodologia para nortear teoricamente os discursos dos estudantes. Apresenta-se os caminhos metodológicos perpassados pela pesquisa e os diferentes instrumentos utilizados que caracterizaram a construção de ferramentas empíricas. Expõe-se a amostra e a utilização de alguns critérios de inclusão, tanto do local da pesquisa quanto da população pesquisada, obtendo assim, uma melhor precisão na coleta de dados e análise mais profunda dos resultados.

O terceiro capítulo constitui uma proposição de discussão conceitual sobre gênero a partir de uma contextualização atualizada. Aborda-se a contribuição do movimento das feministas e do movimento da comunidade LBTQUIAPN+ no campo das masculinidades. Em seguida, faz-se um debate em torno da ramificação entre interseccionalidade e a sua relação com a educação, pautando as diferentes conceituações de gênero na Educação Básica. Ademais, trata-se de abordar quais são as formas de configurações das masculinidades existentes e as práticas de violências acometidas entre elas.

Já o quarto capítulo, abrange os estudos das masculinidades na área da educação. Apresenta-se um estado da arte dos estudos que versam sobre masculinidades na Educação Básica do Ensino Médio. Esse levantamento se deu pela produção acadêmica relacionada ao mote apontando de acordo com o objeto da pesquisa. Posteriormente procedeu-se com uma pesquisa no banco de dados das teses e dissertações da Capes, objetivando um recorte diante das produções levantadas, no intuito de entender o que já foi produzido nesse campo e as lacunas existentes. Finalizando esse capítulo, aborda-se sobre o conceito de interseccionalidade na educação.

O quinto capítulo, traz o contexto sócio-político e educacional de Petrolina-PE, apresentando logo em seguida, um panorama da educação brasileira à educação petrolinense, a partir dos resultados educacionais no Brasil avaliados através de indicadores que permitem comparações entre os municípios e escolas. Ademais, demonstra o cotidiano de crianças, jovens, adolescentes e adultos LGBTQUIAPN+ nas cidades interioranas, os impactos e luta por maior acesso a espaços e oportunidades, além da resistência desses buscando mecanismos para sua sobrevivência no Semiárido do Nordeste.

Por fim, no último capítulo, é a apresentação da pesquisa, a análise dos dados coletados; é onde classifico e categorizo os dados, no intuito, de conhecer, por exemplo, o contexto socioeconômico dos(as) participantes, mas, principalmente os discursos sobre masculinidades e as suas representações.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa recorreu a uma abordagem qualitativa, uma vez fiz uma análise indutiva dos diversos dados obtidos em distintas fontes de informação interrelacionadas. Para Minayo (2001, p. 49) esse tipo de estudo responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, como é o caso dessa pesquisa, sendo que, as múltiplas representações de masculinidades permeiam no ambiente escolar, e que foram e ou/são construídas e reproduzidas através de crenças, valores e atitudes que estão interligadas com as subjetividades desses sujeitos.

A perspectiva do estudo de caso que, segundo Latorre et al (2003, p. 103) se configura como uma das formas de interpretação dos dados qualitativos que pode utilizar-se, também, de dados quantitativos onde é feito um estudo mais intensivo com poucos casos. O estudo de caso engloba o contexto analisado e de forma mais intensiva e visa trazer um delineamento metodológico restrito ao universo de uma escola, cujos dados poderemos fazer algumas generalizações.

A(o) pesquisador(a) faz uma inserção antecipada no campo de estudo. Isto proporciona o conhecimento da realidade e permite que seja reconhecido por aqueles/as que nela atuam, de maneira que o objetivo do estudo seja de comum acordo entre o campo e o pesquisador. Para o contato entre o pesquisador e as(os) participantes desse estudo, é necessário, também, com vistas à autorização institucional e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nessa etapa, o pesquisador apresenta a seu estudo aos(as) participantes, realizando os esclarecimentos necessários; no caso desse estudo, o lócus foi numa escola estadual, com turma de 3º ano do Ensino Médio em Petrolina-PE.

Utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) por entender que seria a mais apropriada para a pesquisa. De acordo com Tsoukalas (2006, p. 28), essa técnica tem como objetivo, deixar o participante livre para responder palavras, logo, ficam livres para o que lhe vier à mente e, faz com que ele/ela tenha os primeiros pensamentos de palavras geradoras.

É importante a agrupação das palavras, uma vez que ao disseminá-las, o pesquisador poderá perceber o número de evocações, quais que tem mais relações em comum, podendo inclusive, percebendo a falta de palavras não externadas, podendo fazer a exclusão das que menos aparecem, não as ignoram Tsoukalas (2006, p. 28)

Para a coleta dos dados, foram operacionalizadas da seguinte maneira: realizou-se entrevistas semiestruturadas, de forma individual e coletiva, que Gerhard et, al (2009, p. 34), conceituam como uma técnica roteirizada pelo tema pesquisado, mas que permite/incentiva o(a) entrevistado(a) a falar, livremente sobre os assuntos e desdobramentos que surgem na decorrência da entrevista. Pois, esse tipo de entrevista permite o desenvolvimento de um diálogo, a partir de um roteiro básico, sem perder de vista o foco da investigação, ao tempo que não se torna algo rígido, como apontam Ludke e André (2022, p 23).

Por conseguinte, foi utilizado o questionário, que segundo Gil (2008, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Nessa pesquisa, o questionário trouxe resposta a diversos aspectos da ‘realidade’. As perguntas, assim, podem ter, segundo ensina Gil (2008, p.132), conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros, podendo assim, identificar as representações sociais que tem os estudantes das masculinidades.

De acordo com Gil (2008, p. 119), cada pesquisa traça seu caminho metodológico a partir da relação com o seu objeto e projeto de pesquisa. Para a aplicação do questionário por exemplo, exige-se técnicas que devem ser feitas com muito cuidado, isso tudo, para que não saia da direção focalizadora e tenha uma ótima efetividade na aplicação.

Conforme Gil (2008, p. 1200), a finalidade de trabalhar com o questionário é justamente para coletar dados sociais, e que essas informações podem ser coletadas e aplicadas nas pesquisas quantitativas quanto qualitativas. O autor enfatiza que, para essa técnica deve haver o bom emprego e organização a partir de um bom planejamento do pesquisador sobre sua pesquisa, conceitua-se que:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Ele consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas Gil (2008, p.121)

A partir do trecho acima, o autor evidencia a necessidade de uma efetiva e precisa aplicação do questionário já que, a finalidade é poder obter dados e informações que serão

imprescindíveis para a pesquisa. Nesse sentido, o pesquisador deve conhecer previamente os participantes e o lócus para poder estruturar de forma específica o material. Conforme:

O questionário pode ser padronizado de acordo com a intenção da pesquisa e pode ser utilizado para grandes números de pessoas a serem pesquisadas. Com ele pode-se levantar características de um grupo ou pessoas, comportamentos com variações. O pesquisador constrói o questionário com foco nos dados que ele precisa para desenvolver sua pesquisa, deve levar em consideração o tipo de perguntas que ele pretende fazer e o modo que ele vai aplicar o questionário e em que local coletará os dados Gil (2008 p,122-123).

Assim, o autor deixa nítido que para a técnica do questionário, podem ser feitas perguntas tanto abertas, fechadas ou semiabertas, e que tudo dependerá do objetivo e objeto da pesquisa. Quanto ao modo de aplicar o questionário, que dependerá do contexto, tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Pode ser aplicado direta ou indiretamente, caso seja tenha o contato direto com o pesquisado, poderá haver uma conversação, diálogo. No caso indireto, por ser aplicado por meio de plataformas online da internet.

Utilizou-se como critérios de inclusão, diferentes perfis de estudantes, onde o local da pesquisa contribuiu muito para isso, uma vez que, é uma das escolas no município de Petrolina-PE que mais recebe discentes; ser escola estadual em tempo integral e pública do Ensino Médio ponderando os diferentes estudantes abarcando: faixa etária, sexo, de turmas diferentes para a obtenção de maior número dos entrevistados.

Fez-se a escolha de uma escola estadual de Petrolina/PE devido a ser uma das escolas que mais recebe estudantes, tanto da zona urbana quanto da zona rural, em Petrolina/PE. Possivelmente, com uma ampla diversidade de estudantes em seus mais variados aspectos, foi de fundamental dar possibilidades a distintas percepções acerca das masculinidades na comunidade escolar. A partir de alguns instrumentos de pesquisas que foram explorados, que serão apresentados nos tópicos a seguir.

3.1 Coleta de dados: grupo focal

Gatti (2005, p. 45) evidencia que a formação de um grupo focal emerge a partir de critérios prévios, bem elaborados pela(o) pesquisador(a), diante de um grupo desenvolvido por indivíduos que tenham desejo ou alguma aproximação com as abordagens de uma pesquisa. Segundo a autora (2005, p. 4) “os participantes devem ter

alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”.

Deve-se se assinalar que, que essa escolha da metodologia ajudou nas abordagens dos assuntos dessa pesquisa que tratou da identificação das masculinidades presentes no grupo focal selecionado e de que forma discursaram sobre. Dessa forma, não foram tratados nenhum dos assuntos que versem sobre as orientações sexuais das (os) estudantes, contudo esse assunto surgiu naturalmente nas atividades com o grupo focal, nas respostas das entrevistas e questionários.

Os conteúdos foram utilizados a partir dos seguintes critérios: conversas estimulantes pré-orientadas no intuito de analisar o que entenderam e de que forma estão presentes as masculinidades, se existia apenas uma forma de ser homem. Objetivou: (1) analisar quais foram os enunciados reproduzidos nas narrativas das (os) estudantes a respeito das múltiplas masculinidades; (2) relacionar e classificar as narrativas, procurando identificar suas diferenças e pontos em comum.

Pesquisadoras/es devem ser cautelosas/os, como afirma Gatti (2005, p. 9) diante do seu “ofício de moderador do grupo focal, para não cometer nenhuma intervenção de modo afirmativo, negativo, nem tão pouco, emitir opiniões pessoais, conclusões ou outras formas de intervenção direta” Gatti (2005, p.8). A autora afirma que o ofício do moderador do grupo focal é de apreender as falas e ideias sem intervir nas narrativas. Uma das questões que motivou recorrer ao grupo focal, foi o fato de que, para Gatti (2005), é que ele é um espaço onde ocorrem, trocas, sentimentos, atitudes, reações etc.

Enquanto todos os colegas de minha turma davam notícias sobre o aceite para suas pesquisas de campo, afim de, realizarem suas pesquisas, é importante enfatizar que fiz, tentativas diversas escolas para que aceitassem a realização de estudo dessa pesquisa, o que demonstra ainda uma certa resistência de determinadas instituições educacionais quanto as temáticas que versem sobre gêneros e sexualidades.

Ao conversar com a gestão da escola escolhida, tive a autorização para realizar a pesquisa. Inicialmente, agendamos e realizamos uma reunião no dia 18 de junho de 2024, com a coordenação, gestão escolar e o grupo de professores que se dispuseram a participar, o intuito foi apresentar a proposta de pesquisa, além das fases e instrumentos de pesquisa de campo que foram utilizadas na escola.

No entanto, percebi uma certa resistência por parte de alguns professores, quando abordei sobre os objetivos e como a pesquisa poderia colaborar para a escola e estudantes. Após essa reunião, agendamos para dia 26 de junho de 2024 uma conversa com os

estudantes da turma do 3º ano A, com o objetivo de tratar também sobre a pesquisa e os processos da pesquisa de campo, além de, poder aplicar um questionário, caso aceitassem. A escola inicial da turma foi justamente por indicação da gestora pelo critério da diversidade de estudantes por conta de alguns marcadores como: cor, religiosidade, idade e orientação sexual; além do mais, por ser uma turma que é bastante participativa, dialógica e responsável.

Mediante o questionário e aceitação, realizou-se a seleção dos(das) participantes a partir do contato que pôde ser feito a partir dos seguintes meios: (1) tentativa de contato presencial; (2) preenchimento de um questionário pelo Google Forms. Posterior a manifestação de interesse em participar da pesquisa, foi feito um agendamento prévio com os(as) participantes de acordo com os seus horários disponíveis. Foi percebível o quanto que as(os) estudantes estavam super dispostos a contribuir para a pesquisa, no entanto, no início das entrevistas, houve alguns empecilhos no que tange a disponibilidade tanto dos estudantes quanto a do pesquisador, pois nem sempre os horários convergiam.

Porém, dialogando com a coordenação, conseguiu-se organizar e agendar os horários para todos e, assim, dar andamento a pesquisa, garantindo a ética, o respeito e os procedimentos necessários para atingir os objetivos propostos.

Depois do contato com a gestão da escolar, foram selecionados 10 estudantes, os(as) participantes de acordo com o preenchimento do formulário convite no Google Forms e/ou manual escrito, se colocaram a participar da pesquisa. A amostra definida foi feita para ter a maior variabilidade possível entre: sexo, raça/cor, faixa etária, religião, orientação sexual, identidade de gêneros.

Realizou-se cinco encontros presenciais, contendo duas horas cada, totalizando 10 horas que foram agendados previamente e, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi possível a gravação das atividades em grupo e individuais, assim como as entrevistas.

Houve os encontros com gravações para posterior transcrições das entrevistas e análise posterior das entrevistas de cada estudante, garantindo o sigilo, como desejaram. Nesse caso, a amostra de entrevistas foi feita por nomes fictícios, para assegurar a privacidade de cada estudante.

Realizar uma entrevista semiestruturada exige de o pesquisador reordenar as perguntas no decorrer da entrevista, caso haja necessidade. De acordo com Lakatos (2003, p. 56) compreender os caminhos da entrevista semiestruturada faz com que quem o pesquisador deixe que o processo ocorra de forma fluída os questionamentos que podem

surgir, ter a sensibilidade para abordar novas perguntas que norteiem o procedimento de pesquisa.

Ademais, foram realizados cinco encontros com o grupo focal, contendo duração de duas horas cada, onde foram promovidas oficinas temáticas a respeito do objeto pesquisado pois, as trocas verbais e não verbais presentes nesse momento uma melhor compreensão dos significados, dos valores e opiniões dos participantes acerca do objeto de investigação.

Para melhor organização, foi feito um planejamento que foi seguido de acordo com o roteiro abaixo. Esse roteiro foi construído de acordo com essa pesquisa, no sentido de ter feito a coleta da forma mais verossímil possível.

Tabela 1: Programação de Encontros conforme o interesse da temática pesquisada.

ENCONTROS	OBJETIVOS
PRIMEIRO ENCONTRO: Apresentou-se a proposta e realizou-se o convite para pesquisa.	Diálogo sobre a ideia da pesquisa, no intuito de convidá-los a participar. Em seguida, pedi aos estudantes que fizessem a efetivação das respostas no questionário com as devidas informações. Ao fim, organizou-se os dias e horários para os encontros posteriores. Carga horária: duas horas
SEGUNDO ENCONTRO: Representação do homem sertanejo como indiciador das discussões.	Apresentação/exibição de trechos do filme ‘abril despedaçado’ como pontos para a discussão em torno das masculinidades no território do semiárido. Carga horária: duas horas
TERCEIRO ENCONTRO Relações de poder.	Apresentou-se trechos do filme Barbie como pontos para a discussão em torno das múltiplas masculinidades. Carga horária: duas horas
QUARTO ENCONTRO Por quais motivos deve-se falar sobre as diversas masculinidades?	Abordou-se com o grupo sobre os diferentes tipos de masculinidades e a importância de compreender as diferentes existências e vivências de ser homem. Carga horária: duas horas
QUINTO ENCONTRO Encerramento das atividades do grupo focal com uma revisão dos conteúdos	Fez-se pautas e reflexões do assunto debatido sobre masculinidades no grupo Carga horária: duas horas

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Os encontros ocorreram em uma sala apropriada, optou-se por espaços que não tivessem interferência de sons ou de terceiros, garantindo assim, a comodidade e confiabilidade dos participantes. Foi solicitado a preservação do sigilo de acordo com os critérios éticos de grupos em pesquisa. Como material dos encontros foram utilizados trechos dos filmes listados que deram amplo debate com a temática, bem como material lúdico como cartolina, música, trecho de poesia como disparadores da fala dos participantes.

A análise de conteúdo dos dados obtidos, possibilitou promover o conhecimento objetivo da realidade, a fim de que se procurasse as estratégias possíveis de ação. Como técnica para análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo apresentada e dividida em três fases descritos a seguir (Minayo, 2001, p. 14): pré-análise - consistiu na seleção inicial do material coletado, no caso dessa pesquisa: a observação participante, encontros com oficinas temáticas, entrevistas semiestruturadas e o questionário; exploração do material- a fase de classificação e codificação, na qual os dados foram analisados para o alcance dos núcleos dos sentidos e significados, a fim de que pudessem permitir a identificação e compreensão das representações sociais de masculinidades; tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos resultados que foram retomados e aprofundados por meio dos conceitos teóricos que embasaram o objeto de estudo, sendo realizada a discussão a luz da literatura.

Intencionalmente, essas fases permitiram ao pesquisador buscar respostas para um problema, por meio da análise grupal do conhecimento, e a partir disso, pensar a forma como este conhecimento será utilizado na realidade. Além disso, permite examinar informação de maneira crítica, estabelecendo as causas dos problemas, as possibilidades de solução e, assim, propõe encaminhamentos Minayo et.al (2001, p. 13- 14)

A análise se deu por meio das entrevistas, observação participante, do questionário, das oficinas temáticas e dos referenciais teóricos e o cruzamento das respostas, além, do que for possível inferir a partir disso, pois, como afirma Minayo et.al (2001, p. 16), essa técnica permite o diálogo entre diferentes aspectos sobre determinado objeto de estudo e aprofundamento sobre a realidade pesquisada.

A seguir, demonstra-se como esse estudo analisou as diferentes narrativas e percepções sobre as representações sociais de masculinidades dos participantes a partir dos instrumentos utilizados. A Análise Crítica do Discurso possibilitou nessa pesquisa

juntamente com meios teóricos e metodológicos, analisar as condições históricas e ideológicas, intencionalidades em que os discursos dos participantes foram produzidos, buscando dar sentido aos mesmos. Além disso, para além do discurso literal, percebeu-se as subjetividades existentes.

3.2 A Análise Crítica do Discurso

A Análise do Discurso foi aprofundada por Eni Orlandi no Brasil, sendo uma corrente de pensamento de matriz francesa, seu fundador foi o filósofo francês Michel Pêcheux, cientista da École Normale Supérieure (ENS Paris), contudo, no período em que desenvolveu essa teoria, vivia na França de 1969. ACD almeja estudar de que maneira a linguagem, em específico os discursos produzem sentidos e como os objetos simbólicos estão carregados de significados.

Nesse sentido, traçar caminho(s) para a pesquisa nem sempre é fácil, uma vez que, pode determinar variações durante diferentes percursos. Logo, se faz necessário estar aberto a novos métodos e alternativas de estudos, demonstrando assim, que o pesquisador não deve ser tão prescritivo Vasconcelos (2004, p. 192). Além do mais, se ponderar o grau de aprofundamento do objeto desta pesquisa: as masculinidades, considerando suas diferentes configurações representativas no Ensino Médio.

Diante disso, com o objetivo de contrapondo às perguntas desta pesquisa, procurei uma linha de pensamento que desse conta das variáveis como as múltiplas representações sociais e que aprofundasse os estudos interseccionais. Utilizou-se para a análise e interpretação dos Discursos, uma vez que:

o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam, Foucault (1986, p. 56),

Ao finalizar as coletas de dados, foi feita a transcrição das entrevistas a partir dos encontros realizados por meio do grupo focal. Diante disso, para melhor análise, empregou-se nessa pesquisa como apoio teórico a Análise Crítica do Discurso (ACD). Para Foucault (1972, p. 25), analisar os discursos, suas (re)produções, é de fundamental importância, uma vez que, assim como a memória, o discurso é seletivo e que esse

discurso por sua vez, pode ser silencioso, há uma rede de intensões, individuais e coletivas sobre se apoderar do poder, já que, poder é saber, havendo assim, uma dominação discursiva sobre um determinado tempo e espaço. Segundo o autor, esses discursos podem ser reproduzidos em diversos meios e formas, como midiáticos, familiares, escolares, etc.

Cabe ao pesquisador, compreender as subjetividades, fazendo uma contextualização, além de identificar os discursos narrativos que reverberam nos sujeitos pesquisados. Os autores que foram utilizados para nortear teoricamente os discursos dos estudantes como referenciais pós-estruturalistas; Hall (2006, p. 45), para compreender que as identidades não são fixas e sim, fluídas, além de entender que não existe um único tipo de identidade e sim diversas concepções. Silva (2018, p 34) e Foucault (1987, p. 104).

Afora isso, a emergência da produção de novos discursos de relação de gêneros e sexualidades contribuíram para questionarmos sobre como esses discursos podem colaborar para o entendimento sobre as masculinidades.

3.3 Porque pesquisar adolescentes?

Especialistas da contemporaneidade tem conceituado a adolescência como uma fase de desenvolvimento pela qual passam, sendo assinalada pela mudança de fase na qual são envolvidos em determinados contextos irão formar sua(s) identidade(s), tomar suas próprias decisões e organizar-se como em um ritual de passagem para a vida adulta Lepre (2006, p. 18).

Segundo Costa (2000, p. 176) a Organização Mundial de Saúde (OMS), entende que a adolescência abrange a faixa etária entre os 10 e 20 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) concebe as faixas etária entre os 12 e 18 anos. No entanto, o autor enfatiza que, essa fase não deve ser pensada de forma hegemônica e definitiva, pois as experiências e vivências pelas quais passam e a forma pela qual irão se comportar a determinadas situações irão gerar diversos reflexos no cotidiano.

Desse modo, estudiosos concordam que a adolescência é uma fase de constantes mudanças em diversos aspectos: físicos, psicológicos, na vida social, etc. Uma das características da adolescência é a puberdade, que inicia entre nove e 14 anos de idade para a os meninos. Já as meninas, geralmente, entre oito e 13. Nesse período, os adolescentes passam comumente por modificações no corpo, sejam elas: hormonais com

o desenvolvimento das genitálias; aparecimento de espinhas no rosto; começo da produção de espermatozoides; início da ejaculação; meninas iniciando sua primeira menstruação, dentre outras que, muitas das vezes não conseguem frear. Lepre (2006, p. 20).

Com o desenrolar de todas essas transformações corpóreas e o “estouro” de hormônios, é natural que os adolescentes sintam um misto de angustias, sem saber tratar de determinadas alterações. É de fundamental importância que adultos possam ter uma noção, minimamente básica para lidar com essas situações ao contrário de repreendê-los por atos que independem de seu mando. Por exemplo, quando um adulto percebe um forte odor emanado por grande parte dos adolescentes no começo da puberdade, motivado pelas transformações hormonais; é lógico nesse caso que, (a)o jovem utilize um desodorante ou algo que resolva, bem como seja norteado, no sentido dos cuidados e higiene corporal, sem julgá-la Lepre (2006, p. 22).

Já outros adolescentes não se sentem felizes com essas mudanças corpóreas, muitas das vezes, por não se sentir bem neles ou que, não acontece da forma a qual pensavam Lepre (2006, p. 23). Importante destacar que, oposto a puberdade, entendido pelos estudiosos como algo universal, onde adolescentes passam por um conjunto de modificações de ordem tanto físicas quanto biológicas. Já as mudanças sociais variam por razões diversas como: aspectos culturais; conformação familiar; situação socioeconômica; dentre outros que irão gerar situações diferentes de vivenciar a adolescência, já que a constituição identitária é individual e socialmente construída através do meio ao qual está incorporado. Lepre (2006, p. 27-28). Costa (2000, p. 98)

Diante dessa fase, o adolescente começa a pensar e a questionar-se o tempo todo quanto as atitudes não só suas como também, as dos outros, com base, muita das vezes, nos valores de ordem social e cultural, como por exemplo, recebe grande influência familiar, discurso religioso e de ordem biológica Costa (2000, p. 73-74)

Diversos psicólogos situam que, um dos aspectos centrais da adolescência é essa procura pela identidade e confirmam que a identidade do adolescente é entendida como um período gradual e dolorido, pois é nessa fase que surgem as incertezas, inquietações com maior fervor do tipo: Quem sou eu? qual a minha importância social? Tenho valor para alguém? Os autores acreditam que esse momento seja uma crise de identidade, pois faz o adolescente pensar ser adulto de tal forma que se sente capaz de adotar incumbências no cotidiano. Um dos fatores para tal crise, segundo estudiosos, seria a ausência de

referências de pessoas a qual de fato adolescentes possam se espelhar Costa (2000, p. 108-109).

Dessa forma, a adolescência passa pela imaturidade na busca constante da maturidade. Geralmente não são decisões sólidas, fixas e isso os deixam, mais ainda, angustiados, já que é o momento de construção de seus valores que já vem desde a infância a partir da experiência em distintos grupos, seja na família, escola, etc. Lepre (2006, p. 32).

Diante desse processo intenso de escolhas, decisões, a mídia desempenha uma forte interferência, seja na inclusão e abertura sobre a temática ou no reforço de preconceitos, estigmas. Nesse sentido, no período de busca constante pela sua identidade, formulando e reformulando valores, definições e indefinições a todo momento, interferem no humor que, também pode oscilar a todo instante. Ao mesmo tempo em que ri, chora, fica alegre e triste, gerando um misto de emoções pelos quais terão que se exercitar com novos desafios Lepre (2006, p. 46).

Na fase da adolescência, muitos rapazes acreditam que, ser homem, por exemplo, é afirmar a todo instante sua virilidade e modelos hegemônicos diante de seus pares. Os meninos passar por uma pressão social no sentido de que, precisam, o mais cedo possível, ter um trabalho, obter um lar, constituir uma família, ter automóveis, dentre outros. Ainda repercute em nossa sociedade os papéis sociais de gênero, que são atribuídos socioculturalmente Lepre (2006, p. 52).

Segundo Louro (2000, p. 56) os meninos que destoam das formas que foram atribuídas conforme o gênero, são muitas das vezes violentados e excluídos entre seus pares e profissionais do ambiente escolar. A seguir nota-se discussões a respeito de como uma parte da sociedade cria expectativas de papéis sociais e comportamentos esperados dos indivíduos a partir do gênero atribuído conforme o sexo biológico.

3 AS MASCULINIDADES COMO OBJETO DE ESTUDO

O estudo das masculinidades tem ganho destaque nas últimas décadas dentro das ciências sociais e humanas, especialmente no Brasil com debates protagonizados para e por homens. Entende-se que esta discussão está voltada para reflexão teórica acerca de seu papel na sociedade, de suas implicações numa visão mais profunda, além de abordar suas ramificações entre gêneros e sexualidades, de seus prazeres e sentimentos, dentre outros. A análise das masculinidades envolve a compreensão de como os conceitos de masculinidade são construídos, reproduzidos e transformados em diferentes contextos culturais, históricos e sociais.

Uma das primeiras questões que se apresenta quando se fala sobre os estudos das masculinidades é a atualidade da questão. Por muito tempo se pensava as abordagens de gênero, assim, como violência de gênero e, exclusivamente as mulheres, no centro desses estudos. Fazia-se parecer como se somente a mulher tivesse o gênero e que fosse vista na experiência dessa subalternidade.

Connell (1995, p. 53) evidencia que, o conceito de masculinidade não é único ou estático. E, que existem múltiplas masculinidades, que variam conforme o padrão cultural dominante de masculinidade que legitima a posição dominante dos homens na sociedade e a subordinação das mulheres e outras formas de masculinidades.

A relação entre masculinidades e gênero é profunda e perpassa muitos campos de ligação, abordando como as normas e expectativas sociais moldam e definem as experiências e identidades masculinas. Assim como as masculinidades são entendidas por muitos autores como construções sociais que variam de acordo com o contexto cultural, histórico e social, ou seja, o que é considerado “masculino” em uma cultura pode ser diferente em outra, assim também, é o conceito de gênero, para alguns autores referenciais para os estudos de gênero.

Joan Scott (1995, p. 23) demonstra como o gênero é fruto de uma relação social. Sendo, portanto, uma relação social, para a autora, isso significa dizer que o gênero afeta homens e mulheres, além de construir e constituir aquilo que se entende como sendo homem e como sendo mulher.

Antes de nascermos, são criadas diversas expectativas que serão procedidas em cada momento através de seus rituais. Desde quando é gerada a ansiedade para se descobrir o sexo do bebê, ou seja, se terá o fenótipo masculino ou feminino, conterà pênis

ou vagina, colocando uma série de esperanças, ancoradas em suas genitálias, sem levar consideração seus gostos e subjetividades fundamentais aos seres (Bento, 2006, p. 45)

Ainda se tratando dessas questões, Scott (1990, p. 29) discute no interior das relações de identidade, a masculinidade, a heterossexualidade e a branquitude, compreendendo que essas abordagens correspondem a marcadores não marcados. Ou seja, para a autora, eles correspondem ao que Stuart Hall (2016, p. 51) desenhou como sujeito universal; o que parece não ter gênero, que parece não ter cor, que parece não ter raça, que parece não ter sexualidade, como se fosse neutro. Assim, a constituição desse masculino como universal, neutro, faz com que as dinâmicas que constituem as formas de dominação masculinas com as dinâmicas que constituem o próprio mundo subjetivo da masculinidade, que seja então considerada.

Na busca de romper com essa visão essencialista sobre esse homem universal, segundo Kimmel, (1998, p. 28), iniciou-se um movimento pelas feministas, seguido pelos movimentos homossexual e negro, na tentativa de compreender os contextos social e histórico entre dois campos baseando-se nas profundas relações de poder, entre os homens e mulheres na busca de entender as desigualdades de gênero e homens com outros homens, na tentativa de demonstrar as diferenças fundamentadas nos marcadores sociais (raça, gênero, etnicidade, de geração).

2.1 A contribuição do movimento das feministas e do movimento da comunidade LGBTQIAPN+ no campo das masculinidades

Os estudos das masculinidades têm o homem como objeto de pesquisa. Assim, começam, a partir de 1970, os estudos sobre as masculinidades, que segundo Connell (1995, p. 23) partiram, inicialmente em países europeus e nos Estados Unidos, apenas a partir de 1980 foi adentrando na América Latina. Em 1990 começam esses estudos começam a se fazer enquanto campo de pesquisa, em razão dos esforços dos movimentos feministas em sua segunda onda⁵, além dos movimentos homossexuais entre os anos de

⁵A história do feminismo brasileiro é oficialmente dividida em “três ondas”. A chamada primeira onda do feminismo foi no início do século 20, e tinha foco na igualdade de direitos no exercício da vida pública. A principal reivindicação era o direito ao voto. Na segunda onda do movimento feminista, segunda onda, que ocorreu entre os anos 1960 e 1980, as mulheres buscavam trazer questionamentos sobre o objetivo de ser mulher e sobre a sua subordinação no cotidiano, buscando por uma nova forma de concepção sobre liberdade e igualdade e direito contraceptivo. Já a terceira onda traz maior diversidade ao movimento por meio do conceito de interseccionalidade entre gênero, raça e classe. As mulheres passam a questionar o papel de reprodutoras, mães e donas de casa. Ganha destaques vertentes do feminismo negro, com debates

1960 e 1980. Diante disso, os estudos sobre masculinidades começaram a ser estudados na academia, principalmente como uma resposta ao movimento feminista e ao desenvolvimento dos estudos de gênero.

O Feminismo hegemônico⁶ pautava sobre a independência das mulheres sobre seus corpos, questões ligadas à reprodução, a busca por iguais oportunidades entre homens e mulheres no mercado de trabalho e a desnaturalização do trabalho doméstico⁷, entendidos como ‘coisa de mulher’, segundo a historiadora Mello (2011, p. 24).

Dessa forma, denotaram-se os privilégios da masculinidade, construídos socio-culturalmente. Já os movimentos homossexuais, tiveram início finais da década de 1960, mais especificamente em 1969 com a revolta de Stonewall⁸ na Europa e que, tinham como objetivo basilar a luta pela igualdade de direitos civis, como aponta Kimmel⁹ (2018, p. 19).

Connell (1987, p. 22) demonstra como determinados grupos de homens como por exemplo, o movimento *gay*, se articulava com o movimento feminista, no intuito de aprofundar análises a respeito das masculinidades. Perceberam que, o conceito de masculinidade hegemônica contempla não a todos os homens e sim, a alguns em específicos, geralmente à aqueles que são mais subalternizados dentro das relações internas e hierárquicas que foram construídas.

sobre discriminação racial, genocídio da população negra e a solidão da mulher negra. começam a surgir os primeiros núcleos de estudos sobre a questão da mulher e a questão de gênero nos meios acadêmicos.

⁶ O feminismo hegemônico é um ativismo reproduzido por um feminismo europeu (mulheres brancas), e neste movimento buscam igualar os problemas civis das mulheres brancas na sociedade com os problemas que as mulheres negras e grupos LGBTQ+ enfrentam na sociedade.

⁷ MELLO, Soraia Carolina de. Trabalho doméstico: coisa de mulher? Debates feministas no Cone Sul (1970-1989). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

⁸ A Rebelião de Stonewall, ocorrerá em 29 de junho de 1969, a partir de diversos protestos feitos por membros da comunidade LGBTQ diante de opressões como a famosa batida policial no Stonewall Inn no bairro de Greenwich Village, em Lower Manhattan, na cidade de Nova York. Os que iam ao Stonewall e outros bares lésbicos e *gays* resistiram quando a polícia fez-se mais violenta. Estes protestos tornaram um dos marcos para a formação do movimento de liberação *gay* e a luta do século XX pelos direitos LGBTQ nos Estados Unidos e foi se espalhando pelo mundo todo.

⁹ Kimmel é considerado uma das grandes referências para os estudos das masculinidades. Ele escreveu vários livros sobre gênero e masculinidades, incluindo *Men's Lives* (2010, 8ª edição), *The Gendered Society* (2011, 4ª edição), *Manhood: a Cultural History* (2012, 3ª edição) e *Guyland: O mundo perigoso onde os meninos se tornam homens* (2008). Ele co-editou *The Handbook of Studies on Men and Masculinities* (2005) e *Men and Masculinities: a Social, Cultural and Historical Encyclopedia* (2004) que foi nomeado "Best of Reference 2004" pela Biblioteca Pública de Nova York. Além disso, é editor de uma série sobre gêneros e sexualidades na New York University Press. Em 1992–1993, Kimmel fundou a revista *Masculinities*, associada à American Men's Studies Association. A revista foi a precursora da revista *Men and Masculinities*, que foi adquirida pela SAGE Publications em 1998 e se tornou uma das primeiras revistas acadêmicas voltadas para os homens, com Kimmel como editor.

Diante desse contexto, para Proni¹⁰ e Henrique¹¹(1998, p. 31), a década de 1960 ficou marcada pelo crescimento dos movimentos de esquerda nos diversos países do Ocidentais. Do ponto de vista cultural o movimento da contracultura¹² irá surgir como resposta a cultura vigente, tecendo críticas aos padrões estabelecidos na sociedade. Socióloga e pesquisadora de gênero e sexualidade, Facchini (2005, p 27) demonstra que, o surgimento dos feminismos e os movimentos civis em favor dos(as) negros(as) e homossexuais irão dar a ênfase para as principais pautas nos anos seguintes. Ocorreram diversas manifestações em muitos países, e essa eclosão decorre dos movimentos negros (*Black Power*)¹³, dos movimentos pelos gays (*Gay Power*)¹⁴.

Segundo Proni e Henrique (1998, p. 32) nesse período estava ocorrendo um conjunto de ditaduras militares na América Latina. Os países latinos, passaram por experiências ditatoriais demarcadas pela violência do Estado na sociedade¹⁵. Lehen (2015 apud Temponi, 2020, p. 51) em sua pesquisa, demonstra que, no século XX, a sociedade da época compreendia o ser homem diante de modelos da virilidade que, basicamente, a partir de características como “a força física, a potência sexual e o (auto) controle, imiscuindo-se em episódios de violência simbólica e não simbólica que garantiam o domínio masculino na sociedade”, escrito por Lehen (2015, p. 54).

¹⁰ Natural de São Paulo, o professor é associado do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Graduação em Economia pela UNICAMP (1985), mestrado em Ciências Econômicas pela UNICAMP (1994), doutorado em Educação Física pela UNICAMP (1998). É pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit). Tem experiência de ensino e pesquisa nas seguintes disciplinas: desenvolvimento econômico, mercado de trabalho, políticas públicas.

¹¹ Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (1980), graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas (1982) e doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1989). Atualmente é professor doutor aposentado da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Relações de Trabalho, Desigualdade Social e Pobreza, atuando principalmente nos seguintes temas: mercado de trabalho - Brasil, condições sociais, trabalho e classes trabalhadoras - Brasil, previdência social - Brasil, políticas sociais - Brasil e experiência internacional, desigualdade social e pobreza.

¹² Contracultura é um movimento de questionamento e negação da cultura vigente que visa quebrar tabus e contrariar normas e padrões culturais que dominam uma determinada sociedade. Em geral, as ações de contracultura surgiram de jovens descontentes com a vida e os padrões estabelecidos por seus pais.

¹³ O movimento *Black Power* foi proeminente no final dos anos 60 e início dos 70, enfatizando o orgulho racial e a criação de instituições políticas e culturais negras para cultivar e promover interesses coletivos negros e avançar valores negros.

¹⁴ A ação política das pessoas LGBT do Stonewall foi tão grande que resultou no chamado movimento *Gay Power*, de cunho revolucionário e que andava lado a lado com o movimento *Black Power* e com o Partido dos Panteras Negras, na busca por direitos civis.

¹⁵ O filme recente, “*Ainda estou aqui*” denota uma história gerada no Brasil por governos de ditadura militar. No caso, o filme revisita, na década de 1970, a família Paiva – tendo Rubens, Eunice e seus cinco filhos – viviam no Rio de Janeiro, próximo da praia, juntos aos amigos. Um dia, Rubens Paiva é pego por militares e torna-se um preso político desaparecido, dando início a uma busca por sua esposa, Eunice. O filme demonstra como muitas pessoas eram perseguidas, sobretudo, aquelas que pensavam e agiam contra o governo ditatorial.

Connell (1995, p. 67 apud, Marcio Souza 2009, p. 6) compreende que, houve esforços para “romper com os modelos e abordagens essencialistas, procurando atentar-se em salientar que a masculinidade não é objeto coerente acerca do qual se possa produzir uma ciência generalizadora”. A socióloga assinala a ausência de nitidez no conceito de masculinidade. Dando continuidade a esse pensamento, é preciso demarcar a necessidade em discutir a significação do termo da masculinidade em suas diversas camadas.

Resultante dos movimentos feministas, inicialmente com a finalidade de elaborar uma história das mulheres, em contraste as histórias dos homens, onde estes em grande parte das histórias da humanidade constituíram como principais sujeitos, agora, haveria uma mudança paradigmática nas produções e modos de pensar, para além do modelo de masculinidade até então. “É que, o movimento revelou que a dominação masculina afeta a sociedade de uma maneira bem mais abrangente do que inicialmente se supunha, atingindo até mesmo a linguagem utilizada na sociedade” Lehen (2015, p. 273).

Diante disso, Edson Almeida (2016, p. 17) demonstra em sua pesquisa, como essa “nova” história dos homens “deveria preocupar-se aos homens excluídos da historiografia oficial. Além disso, a história até então escrita não levava em conta as relações de gênero, assim, a nova história não seria, necessariamente, a história dos homens, mas das masculinidades”.

Nota-se que os movimentos sociais começam a tecer questionamentos como: a forma de um heterossexual ser e sua condição de existência é a mesma que um homossexual, por exemplo? Não existiria nesse processo de formação disso que se entende como homem, uma distinção? Se existe uma distinção, que distinção é essa? Começam a perceber que existem formas diferentes de se organizar as experiências do que se convencionou a chamar de homem. Segundo Connel (2003, p. 47), se convencionou a chamar homem porque a categoria homem, ela é profundamente vinculada aos modos de pensar e organizar as sociedades ocidentais.

De acordo com Connel (2001, p. 47) a partir da década de 1970, o feminismo e os estudos de gênero começaram a questionar e desconstruir as normas e expectativas tradicionais associadas ao gênero, incluindo o papel e a identidade masculinos. Logo, tiveram alguns motivos específicos que impulsionaram o surgimento dos estudos sobre masculinidades na academia, denunciando a dominação masculina, sexismo.

Determinadas motivações, conforme Connel (2016, p.49), colaboraram para esses estudos, como: a busca pela reflexão acerca das normas de gênero. Ou seja, buscava-

se compreender como as normas de gênero oprimem não apenas as mulheres, mas também homens, ao impor comportamentos e expectativas sobre o que significa ser “masculino”; os estudos, também, segundo a autora, foram motivados devido as transformações nas estruturas familiares, no mercado de trabalho e na dinâmica de poder nas relações interpessoais levantaram novas questões sobre a identidade masculina e o papel dos homens na sociedade.

Logo, os estudos das masculinidades contrapuseram a uma visão essencialista e cristalizada do ser masculino (Margareth Arilha; Sandra Ridenti; Benedito Medrado, 1998, p. 68-69), “uma vez que não fazia sentido pensar a masculinidade como uma essência, mas como constructo social, cultural e histórico em relação à feminilidade e, ultimamente, às possibilidades múltiplas de identidades de gênero”¹⁶.

Os autores compreendem ainda que, como os estudos das masculinidades desenvolvidos,, principalmente aqui no Brasil a partir dos anos 1980 e 1990, desafiaram a visão essencialista e cristalizada do ser masculino ao propor que as identidades e as práticas masculinas são socialmente construídas e variáveis, vez de tratar a masculinidade como uma característica fixas e universal, esses estudos destacam a diversidade e a pluralidade das experiências masculinas, demonstrando que elas são influenciadas por fatores como cultura, classe, raça, sexualidade e contexto histórico.

Connell (2013, p. 42) entende que, a perspectiva essencialista vê a masculinidade como algo inerente e imutável, baseada em características biológicas e psicológicas consideradas “naturais” aos homens. De outro modo, os estudos das masculinidades argumentam que as formas de ser homem são aprendidas e moldadas pelas expectativas e normas sociais, que deveriam variar significativamente entre diferentes sociedades e épocas.

Rios (2016, p. 18) em seus estudos, fazem uma análise de como, por exemplo, os brinquedos e brincadeiras podem ou não interferir na construção da identidade de gênero de determinadas mulheres no semiárido brasileiro. Assim, os autores trazem um questionamento a respeito das relações que são estabelecidas, historicamente e que seguem até a nossa sociedade contemporânea, entre os homens e mulheres, brancos/as, negros/as e homoafetivos, essas relações são naturais (biológicas ou construídas socio culturalmente?

¹⁶ Identidade de gênero diz respeito à experiência interna e individual relacionada ao gênero com o qual a pessoa se identifica. A identidade de gênero não está necessariamente relacionada com características biológicas tipicamente atribuídas aos sexos masculino e feminino.

Portanto, os autores demonstram que o brincar e brincadeiras são aprendizados adquiridos quando criança, e que vão conduzindo os moldes de acordo com as percepções de mundo dos adultos que os cercam. Os autores entendem que tanto os brinquedos quanto as brincadeiras, estão carregadas de símbolos, de significados e estereótipos que foram/são construídos, culturalmente sobre a identidade de gênero, do modelo de masculinidade aceita naquela sociedade e tempo para os indivíduos.

A abordagem crítica permite entender como certas formas de masculinidades são valorizadas e incentivadas em detrimento de outras, levando à reprodução de desigualdade de gênero e opressão. Ao reconhecer a multiplicidade das masculinidades, estudos abrem espaço para uma compreensão mais inclusiva e dinâmica das identidades de gênero.

Almeida (2016, p. 27) percebe que, os estudos sobre masculinidades no período da década de 1960, já se contava com um número significativo de trabalhos realizados sobre os homens e masculinidades nessa perspectiva descrita acima. Porém, o autor afirma que, já na década de 1970 começou a diminuir por conta do aumento de produções sobre mulheres.

Kimmel (1998, p. 25) compreende que, os estudos das masculinidades sofreram reflexos dos estudos feministas e dos estudos relacionados a gênero e sexualidade e, no decorrer do tempo, abordam outros conteúdos referentes as questões dentro das próprias masculinidades como violência, etc. Compreendia-se essas discussões como necessárias, uma vez que, precisava-se compreender o homem como sujeito de gênero, questionar e entender quais os papéis dos homens no feminismo? Os homens não sofrem violência de gênero específicas? Como os homens participam do patriarcado?

Essas questões começam a ser pensadas dentro do campo teórico e um dos primeiros a abordar e tecer críticas sobre o conceito de masculinidade hegemônica foi; Kimmel¹⁷, (1998, p. 25-26) sociólogo americano, especializado em estudos de gênero. Ele contribuiu com a ideia de masculinidade hegemônica, que se constituiu diante das relações de poder, resultando num modelo hegemônico do homem heterossexual, branco e referente à classe dominante. O conceito de masculinidade hegemônica foi bem adotado nos estudos de gênero que abordam sobre as masculinidades, que se refere à forma dominante de masculinidade que subordina outras formas de ser homem.

Para Kimmel (1998, p. 28), a compreensão de masculinidade não é uma experiência homogênea, mas varia de acordo com fatores como raça, classe, sexualidade e cultura. Desse jeito, diferentes formas de opressão e privilégio se entrelaçam, afetando as experiências de homens de maneira mais subjetivas e variada.

Connell (1995 apud Márcio Souza, 2009, p. 25) também foi uma das primeiras teóricas a abordar o conceito de masculinidade hegemônica dentro dos estudos das masculinidades e, que “fundamenta o conceito de hegemonia com base em Gramsci, cuja categoria é utilizada em sua análise das classes sociais”. Porém, Connell (1995, p. 44) atenta para o “caráter volátil da hegemonia, já que os padrões de masculinidades variam localmente e historicamente. Entretanto, a masculinidade hegemônica tem como modelo de referência o patriarcado visto que no âmbito das relações de gênero”, o que vai resultar num modo de dominação dos homens e de subserviência das mulheres Connell (1995, p. 77).

A Connell (1995, p. 83) salienta que, se deve pensar a construção da masculinidade como um projeto em que a globalização também, dará grande contribuição na forma de se pensar o que é ser masculino, trazendo assim, impactos na forma de se organizar em sociedade. A intelectual pontua que, alguns fatos históricos como por exemplo, a Guerra Fria e a Segunda Guerra Mundial, colaboraram para a consolidação de uma ampla gama de circulação de imagens sobre o ser homem. Essa imensa circulação, segundo a autora, aprofundou na intensificação dos modelos de masculinidades, tornando-se universais.

Nesse sentido, a socióloga e teórica feminista negra Patrícia Hill Collins (2020, p. 19) desenvolveu o conceito sobre ‘imagens de controle’ em seu trabalho sobre interseccionalidade e as estruturas de opressão. Essas imagens que a autora debate, referem-se a estereótipos ou representações sociais que são usadas para justificar e manter a subordinação de grupos marginalizados, particularmente mulheres negras. Collins argumenta que essas imagens são instrumentos poderosos de dominação porque moldam a forma como os membros desses grupos são vistos pela sociedade e, em última análise, como eles veem a si mesmos.

Em uma coletânea chamada “*La masculinidad a debat*” os autores Kimmel (1998, p. 25), chamam a atenção para a representação do homem que aparecia nos cinemas, tendo um círculo incessante de modelos e imagens de masculinidades como por exemplo, o Rambo, demonstrando força e violência. Os autores salientam que estava ocorrendo uma disputa no interior da Guerra, por um imaginário corporal masculino associado às formas

de poder e ação, sobretudo, codificadas pelas linguagens bélicas, das armas e pela linguagem da violência.

Assim como na Segunda Guerra Mundial onde as imagens que circularam sobre o homem reforçavam preconceitos, estereótipos, Collins (2019, p. 27) reafirma que a opressão das mulheres negras, sustentam um sistema de racismo e sexismo que tem afetado outros grupos marginalizados. A análise de Collins sobre as imagens de controle destaca a necessidade de desafiar e desconstruir esses estereótipos para avançar na luta por justiça e igualdade.

Diante disso, Butler (2014, p. 39), elucida de como é fundamental pensar a respeito da violência de gênero, que também inclui as imagens que são construídas sobre determinados grupos, e que essas normas são pensadas na sociedade a partir de uma construção biologizante, binária e heteronormativa. Importante ressaltar que a autora entende que, ainda na sociedade se estabelece as relações de gênero de maneira que ainda ocorrem a partir da determinação de papéis relacionados ao ser homem e ao ser mulher. Contudo, Butler (2014, p. 41-42) afirma que, esse pensamento alusivo a binaridade não dar mais conta, pois existem outras formas de expressar o ser masculino e feminino, como por exemplo, o gênero não binário¹⁸.

Butler (2014, p. 38) aborda a violência de gênero, principalmente em termos de como os discursos e normas sociais sobre o gênero podem perpetuar e justificar essa violência. Em suas obras, Butler argumenta que o gênero não é uma identidade fixa, mas uma performance repetida e regulada por normas sociais.

Assim, pensar em gênero requer (re)pensar que existem outras possibilidades para além da binaridade. É necessário ir para além do gênero (Sandra Garcia, 1998; Connel, 1995, p. 33), compreendendo a relação que o gênero tem diante de outros marcadores sociais – território, raça/etnia, orientação sexual, religiosidade, classe, etc (Connell; Messerschmidt, 2013; Guacira Louro, 2000). Assim, não é possível separar gênero de outros demarcadores que constroem os sujeitos a partir da interseccionalidade. Conforme Anne McClintock (1987, p.151) “o gênero não é uma dimensão separada da identidade à qual se adiciona, cumulativamente, a dimensão de classe (raça, sexualidade). A autora conclui, que antes, gênero é uma categoria articulada”.

¹⁸ Não-binários ou identidade não binária são termos utilizados para referenciar sujeitos(as) que tem sua identidade de gênero não ligada, exclusivamente ao masculino nem feminino. Compreendendo-se, portanto, como indivíduos fora de uma cisnormatividade de gênero.

Diante disso, faz-se necessário compreender os estudos sobre masculinidades dentro dessa pesquisa, uma vez que, evidenciam uma urgência na sua abordagem a respeito dos diversos discursos utilizados a partir de uma visão essencialista para reduzir e excluir sujeito desviantes a essa universalização de pensamentos, comportamentos. Ademais, o cenário sobre as expectativas do papel do homem universal será marcado por diversas transformações socioculturais, de modo que, ampliará um debate complexo diante de contradições nas sociedades.

2.2 Os Estudos sobre Masculinidades no Brasil: a crise do masculino

Como foi discutido anteriormente, os estudos sobre masculinidade surgem, a priori, devido ao movimento feminista, com a finalidade de se pensar e produzir de fato uma história das mulheres, diante do protagonismo histórico que os homens recebiam.

Na atualidade ainda temos diversos resquícios do sistema colonial, fundamentado em uma base cultural a partir das relações que ainda beneficiam os homens, em específico, o homem branco, de alto poder aquisitivo e heterossexual.

Assim, de acordo com Connel (2001, p. 19), eram raras as produções científicas sobre as mulheres, antes da década de 70. Contudo, a partir de 1970 houve esforços das feministas em produzir uma história das mulheres no intuito de demonstrar que as mulheres eram invisibilizadas no tempo e espaço. Além disso, a autora compreende que era um meio de lutas por direitos a espaços de poder, uma vez que, os homens já tinham, como se fosse algo dado por natureza.

Proune e Henrique (2003, p. 36) nos alertam para o contexto histórico da época, demonstrando de forma categórica, as intensas mudanças, uma vez que, nosso Estado brasileiro optou por investir em alguns setores como; indústria e de serviços. Contudo, as ações de políticas sociais estavam sendo deixadas de lado. Assim, esse contexto irá refletir nas ideias e ações de diversas manifestações sociais.

O historiador Domingues (2004, p. 35), demonstra como os movimentos sociais foram fazendo suas próprias identidades e formas de lutas, reivindicando proximidades e diferenciais acerca de suas atuações políticas. Segundo o autor, esses grupos foram buscando sua forma de atuar a partir de temas que para a época eram considerados como pautas secundárias, como, por exemplo, a questão racial e de gênero.

Conforme Domingues (2004, p. 36) durante a década de 1990, de forma articulada e organizada, parte da população através dos movimentos sociais como; o Movimento homossexual, Movimento Negro, Movimento Indígena dentre outros, protestaram o modelo patriarcal e ideologias do Estado autoritário. Lutaram por espaços para participar e sugerir suas pautas nos debates políticos e, inclusive, na Constituição da Constituinte de 1988. Segundo o autor, buscava-se a luta pela construção de ações políticas de forma mais efetiva para e com os cidadãos na busca por direitos.

Nesse contexto, a partir de 1990 os estudos das masculinidades no Brasil iniciam, de forma tímida, as primeiras produções, e assim, de forma gradual, as discussões e produções ganham espaços, inclusive, no meio acadêmico. Ao fazer levantamento de pesquisas a respeito das origens sobre os estudos das masculinidades no Brasil, Sócrates Nolasco (2003, p. 13) foi desses pioneiros no Brasil. Na época que escreveu obras como: “*De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*”¹⁹ e “*O mito da masculinidade*”²⁰, o psicólogo já estava tendo algumas experiências profissionais em alguns ambientes como, hospitais, empresas, escolas e penitenciárias. Nolasco é estudioso dos estudos das masculinidades, identidade, feminilidade, dentre outros assuntos.

O escritor e jornalista Trevisan (2000, p 22), foi outro pioneiro sobre os estudos das masculinidades. É um escritor, jornalista, dramaturgo, tradutor, cineasta e defensor da comunidade homossexual brasileira. Ex-seminarista, assumiu sua homossexualidade à época da vigência do Ato Institucional nº 5, o que lhe fez mudar-se para a Califórnia, onde acabou se assumindo politicamente. contribuindo com sua obra “*Devassos no Paraíso- A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*”. Este trabalho investiga a relação entre a representação masculina e a violência em sociedades contemporâneas, contextualizando-a a partir das transformações sociais pelas quais passaram estas sociedades na transição para o individualismo moderno.

Em um frutífero diálogo com diversos campos de conhecimento e expressões de nossa cultura - cinema, teatro, política, história, medicina, psicologia, direito, literatura, artes plásticas etc. -, Trevisan (2000, p. 12) realiza um estudo pioneiro sobre a

¹⁹ Este trabalho investiga a relação entre a representação masculina e a violência em sociedades contemporâneas contextualizando-a a partir das transformações sociais pelas quais passaram estas sociedades na transição para o individualismo moderno.

²⁰ Ninguém nasce homem: torna-se homem. Quando partiu em busca da identidade masculina, o psicólogo Sócrates Nolasco descobriu muita frustração, repressão, críticas e dúvidas em relação ao modelo tradicional de homem, uma variação do Dom Juan sedutor ao pai provedor.

homoafetividade no Brasil. Nessa obra, o escritor e jornalista, compreende que, para se ter a maior alcance, a “homossexualidade acirra as contradições no sentido de tirar a máscara do masculino imposto, apontando para um masculino temperado por nuances nas quais cabem o frágil e o sensível” Simon (2023, p. 10)

Esses estudos iniciais estiveram focados na ideia de que os homens estariam passando uma crise baseada em múltiplas razões, entre elas, algumas bem comuns com as questões feministas, as quais eram adversas a “posição dominadora e patriarcal dos homens na sociedade e na família” Lisboa (1998, p. 131) e “a ascendência da discussão acerca das mudanças nos papéis masculinos e femininos na sociedade contemporânea”, Machado (2016, p. 52).

Conforme Medrado e Lyra (2018, p. 83), é inegável que a contribuição dos movimentos feministas, passou por diversos confrontos em busca de espaços, condições dignas, e abordaram sobre as masculinidades. Concepções essas, que passaram a ser a priori compreendidas de acordo com as lutas e aquisições femininas, como exemplo, a independência da mulher por não precisar de legitimidade de seu esposo para adentrar ao mercado de trabalho, a revolução da mulher utilizar a pílula anticoncepcional, ter a herança como direito, dentre outras questões. Todos esses direitos foram de fato colocados em prática a partir da Constituição de 1988, dando em lei, direitos iguais aos homens e mulheres.

Entretanto, o interesse da pesquisa nesse momento é o de centrar num rumo determinado que os debates acerca dos homens e masculinidades foram tomando, culminando na ideia de “crise” da consequente concepção de “novo homem”. Concepção essa que ganha espaço não só nos meios acadêmicos, mas nas mídias, de uma maneira geral.

“As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s), demonstram que, “a partir dos anos 1990, o interesse pelos estudos sobre masculinidades vem se desenvolvendo de maneira mais sistemática no país. Em 1985, realizou-se no Brasil, o “*Simpósio do Homem*”, organizado por e para os homens, como consequência, resultou, segundo Costa (1986, p.113), em uma obra chamada “Macho-Masculino-Homem: a sexualidade, o machismo e a crise da identidade do homem brasileiro”.

Uma das explicações dadas, é que, após intensos diálogos abordados no Simpósio, fora percebido a comprovação de que os homens estavam passando por uma “crise”. Essa determinada “crise” se fundava em muitas razões, entre elas;

questões que envolviam a moral, atitudes e inquietações dos movimentos feministas opositora em relação a “posição dominadora e patriarcal dos homens na sociedade e na família” Lisboa (1998, p. 131).

Os antropólogos Leal²¹ e Boff (1996, p. 132) destacam que, “inicialmente se destacou uma concentração de estudos sobre os homens sob a perspectiva da sexualidade, ficando para o segundo plano importantes temáticas, tais como a da violência ou da paternidade, restritas a poucos estudos investigativos”. Nessa perspectiva, os estudos sobre os homens foi crescendo gradualmente no Brasil na medida em que foi se debruçando a partir dos estudos teóricos das mulheres, contudo, destacando as multiplicidades das masculinidades.

Garcia (1998, p. 44) em suas pesquisas, tentou compreender quem são e quais são as abordagens teóricas que foram feitas inicialmente nos espaços acadêmicos no Brasil sobre masculinidade. A antropóloga, apontou alguns autores(as), esses discutiram sobre uma possível crise dos homens com o modelo de masculinidade predominante na época, e, que esse tipo de padrão imposto deixava-os sobrecarregados.

Garcia (1998, p.46) cita alguns(mas) estudiosos(as) pioneiros(as) que pensaram sobre a crise do masculino no país, como; “Maria Isabel Mendes de Almeida (1996), Sócrates Nolasco (2003), Mirian Goldenberg (1991; 1992) e João Silvério Trevisan (2000)”. Entretanto, segundo afirma Lisboa (1998, p. 45) “os personagens que protagonizaram o cenário desta crise foram os homens das classes médias mais intelectualizadas, inseridos numa lógica individualista”.

Ainda de acordo com Lisboa (1998, p. 46) boa “parte dos autores se preocuparam em explicar que a raiz do medo dos homens em redefinir sua identidade se encontra no fato de que a masculinidade se constrói por oposição do que é culturalmente considerado feminino”. Os autores(as), estavam preocupados em compreender as mudanças de pensamento no sentido de que, a masculinidade não é oposta, notadamente a feminilidade e que essa ideia de “novo homem” se põe de acordo com o tempo e espaço para determinadas formas de ser e pensar.

Em sua tese, “*De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*”, o psicanalista e fundador do Núcleo de Pesquisa

²¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. Possui graduação em Ciências Sociais- bacharelado (2006) e licenciatura (2009) pela UFRGS e mestrado em Antropologia Social pela UFRGS (2010). Trabalha especialmente com os temas infância, família e direitos humanos. Atualmente pesquisa as formas de governo do desaparecimento de pessoas no Brasil.

sobre o Comportamento Masculino em São Paulo, Nolasco (2003, p. 79) aborda como era esse homem frágil e as dificuldades das mulheres em acessar esse homem que estaria vivendo uma crise. Em contraposição a essa imagem, surge alguns estudos sobre essa(s) representação(ões) masculina(s) de um “novo homem”, aquele que pode chorar, permite ser abraçado por outros homens, que carece repartir os compromissos que foram atribuídos socio e culturalmente. A pesquisa de Nolasco é de fundamental importância para se pensar como romper com os estudos essencialistas que se tinha até então sobre o homem e que cristalizavam uma natureza do que é ser masculino e feminino.

Nesse sentido, Lisboa (1998, p. 47) adverte que, algumas produções que abordam sobre esse novo homem aparecem demonstrando sobre “as masculinidades, tal como a noção de “homem reconciliado” (Badinter, 1998). O termo refere-se ao homem que concilia sua característica “dura” (masculina) com o seu lado “mole” (feminino)”. Assim, Lisboa (1998, p.48) destaca que algumas produções reproduziam mais estereótipos acerca do que é ser homem e do que é ser mulher acerca dos papéis sociais esperados de acordo com o sexo biológico, como por exemplo, mulher cuidar da casa e dos filhos. Já ao homem, ser provedor do lar.

Souza (2009, 135) demonstra em sua pesquisa, de que forma o conceito de masculinidade baseado na definição de hegemonia obtém, gradualmente lugares para além de instituições acadêmicas. Outros espaços como os meios midiáticos e na *internet* foram intermediários nesse pensamento do ideal de masculinidade, que acarretou nos hábitos e costumes ditados de como deve ser um homem. Esses discursos impactaram no cotidiano das pessoas, seja na forma de se vestir, de se comportar, de pensar, etc. Ampliando, assim, o aumento não só do consumo sobre produtos desse novo homem, bem como, fortalecendo cada vez mais, as imagens que se tinha desse novo homem no mercado de consumo a partir dos discursos midiáticos transmitidos, refletindo na constituição identitária dos homens e suas relações de gêneros e sexualidades.

A luz de Bourdieu (2014, 94) que fundamenta de forma conceitual o *habitus* como determinações, modos de se viver, jeitos e gostos inseridos em nossa sociedade. O conceito de *habitus* surge a priori quando existia algumas críticas contundentes a respeito da função das escolas no meio social. Para o autor, O *habitus* caracteriza-se como um tipo de organização única com atribuições em suas práticas que é realizada por cada indivíduo diante de uma função a qual ele ocupa socialmente na estrutura.

Na visão de Bourdieu (2014, p.191), o *habitus* opera como um autorregulador de princípios, ou seja, é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto

estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. Portanto, o *habitus* também, é a maneira dos indivíduos incorporarem representações tanto de si como da realidade, trazendo uma sistematização de práticas que se inserem de acordo com o que se apresenta em determinada sociedade, em relação aos valores, crenças, aliando-se assim com a maneira pela qual os indivíduos se identificam.

Diante disso, torna-se, para Souza (2009), imprescindível a compreensão da historicidade das relações de gênero, com intuito de que seja possível descortinar as interlocuções relacionadas ao masculino e ao feminino, dado que “a transformação dos modelos vigentes de masculinidades bebeu na fonte de movimentos sociais importantes, como o feminista, o movimento de mulheres, negro, LGBTQUIAPN+, entre outros” (Nascimento, 2018, p. 25).

Um dos objetivos dessa pesquisa é justamente identificar as configurações em torno das masculinidades através do *locus* pesquisado, portanto, é fundamental conhecer historicamente como se operam as relações entre as masculinidades no interior das subjetivações, é o que veremos a seguir.

2.3 As configurações das masculinidades e as práticas de violências

O campo dos estudos de gênero sobre as masculinidades compõe basicamente numa abordagem atual e necessária. Gerado a partir dos estudos feministas, esse campo de estudo teve papel fundamental nas discussões e produções científicas a partir de 1970. Com esse resultado, diversos movimentos sociais requeriam novas formas de se pensar os homens em suas especificidades (Connell & Messerschmidt, 2013).

Alguns estudiosos que se debruçaram a respeito das masculinidades, fizeram pesquisas mais aprofundadas, no intuito de compreender o que são as masculinidades e de que forma elas operam no interior da sociedade, levando em consideração os contextos históricos e suas subjetividades, em uma tentativa de romper com uma visão essencialista, que fixa e solidifica sobre o que é ser homem. Assim, houveram esforços para se compreender as dinâmicas sociais que hierarquizavam as relações entre os próprios homens. De acordo com Connel (1995), compreende-se a masculinidade da seguinte forma:

uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero diferentes masculinidades são

produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre os homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória Connel (1995, p. 188-189).

No entendimento da autora, as masculinidades não devem ser entendidas como algo dado, fixo, com papéis sociais determinados, e sim, entender essas construções reproduzidas de acordo com o gênero (Connell, 2016). Esse discurso, segundo a autora, é feito e legitimado como verdade com imagens verbais e não-verbais que tonificam, cristalizam essas ideias. Tais pensamentos, de acordo com a Connel (2016), são fabricadas e utilizadas por meio de códigos, espalhando signos e significados, de modo que, são entendidos. Assim, quando se fala em masculinidade, é esperado um pensamento único sobre o termo e que esse discurso se repete constantemente.

Centravam-se nas reflexões sobre as relações de poder, compreendendo sob influência foucaultiana, que o poder não está localizado em um único agente de dominação, o homem, mas que ele é relacional (Medrado, 2018; Mara Vigoya, 2018). Nesse sentido, não tem como pensar em uma masculinidade ou um único homem universal, inclusive, essa é a crítica que certos ramos do feminismo fazem a ideia de um patriarcado universal.

Kimmel (2018, p. 18) é um dos precursores nos estudos sobre masculinidades, que procurou entender as diferenças entre os homens e como que a masculinidade funciona dentro da nossa sociedade. Nessa obra, ele compreende que o sexismo funciona para os homens enquanto grupos e não enquanto indivíduos. Kimmel (2018, p. 21) encontrou uma contradição fundamental com a qual ele precisava lidar teoricamente. Essa contradição encontrada foi a partir dos homens com os quais ele conversou, que relatavam por exemplo, sentirem-se menos valorizados, manipulados, sem poder, sem rumo, sem condições de agir. Logo, o autor questiona como os sujeitos, cujo sistema patriarcal os coloca no centro do poder, como por exemplo, homens brancos, mas que, apresentam determinados tipos de sofrimento que se revela em dados objetivos como por exemplo, dados sobre o alcoolismo, os dados de suicídios?

Diante dessa questão e através dos dados apurados pelo autor, que compreende que não basta ser branco para exercer o poder, outros demarcadores podem ser fundamentais para o exercício desse poder. Kimell (1996, p. 22) teceu outro

questionamento fundamental: como conciliar a constituição de um sistema opressivo com processos de sofrimentos no interior das classes dominantes desse sistema opressivo? Assim, Kimmel (2018, p. 22-23), compreende que esse sistema funciona para os homens em grupos. Contudo, individualmente, cada homem tem suas especificidades, o que nem sempre, dar condições para que usufrua do poder masculino em sua totalidade.

Kimmel (2018, p. 25) entende que, foi construído na história um “direito natural” dos homens, e quando estes são destituídos desse “poder masculino” como por exemplo, a mulher ser a principal provedora financeiramente numa casa, logo muitos homens passam por processos intensos de frustração, que redundam no que o autor vai chamar de ‘práticas de violências’. Para o Kimmel (2018, p. 26), as ‘práticas de violências’ têm a ver, entre outras coisas, com a tentativa de afirmar uma masculinidade a princípio perdida, por que, desde sempre, utópica.

A questão levantada pelo autor é, a maneira com que as práticas de gênero que subalternizam as mulheres, também violentam os homens, nos processos de constituí-los para agirem como dominadores sem condição de dominação. Se produzem as opressões a partir de dois polos, é uma rede de significação, não tem como pensar um sem o outro. Dito isso, Kimmel (2018, p. 27) evidencia que, esse processo de determinados homens que não usufruem do poder em sua totalidade, se torna mais ainda frustrantes é quando, por exemplo, em sua primeira dimensão da violência masculina, quando tem o aumento da pobreza.

O que o aumento da pobreza tem a ver com a violência masculina? Segundo Kimmel (2018, p. 29), quando o homem é destituído de suas formas de exercício do poder, a violência se afigura como possibilidade única de exercício de poder. O autor ainda enfatiza que, não é por sentirem-se menos poderosos, mas é por se sentirem enfraquecidos do poder que supõem merecer. Nesse sentido, seria a ilusão do poder frente a ausência de poder.

Essa constituição ilusória, segundo Kimmel (2018, p. 22), é importante, pois é parte estruturante da violência no interior das relações de gênero. As elaborações feministas, dão conta dessas questões, compreendendo que masculinidades específicas reagem violentamente, frente aos seus processos de desempoderamentos.

A segunda dimensão da masculinidade abordada por Kimmel (2018, p. 37) é o da homofobia, como sendo um dos princípios organizadores do masculino. O autor demonstra que a homofobia é uma prática de gênero, pois libera os homens para as suas relações de fraternidades. Para melhor elucidar o que foi dito, essa pesquisa traz um

exemplo. Imagine-se no vestuário, um *gay* afeminado, logo, esse será chamado de ‘viadinho’, ‘marica’, sendo excluído daquele espaço.

O que Kimmel (2018, p. 23) entende é que houve uma prática social que violentou esse indivíduo, uma ação homofóbica. Quando ele é expulso do banheiro, por exemplo, os outros homens se sentem livres para o exercício da intimidade masculina. No entendimento do autor, uma vez marcado o desvio, não há mais riscos de que nenhum deles sejam contaminados por essa presença que “denunciaria” ou “fragilizaria” o pacto que ordena o masculino.

Pensando a masculinidade como sendo desdobramento de um conjunto de pactos, Kimmel (2018, p. 25) demonstra que a violência contra homens e mulheres desviantes se transforma e converte em violência contra os desempoderados, pois, só assim, pode ser construídas formas de combate com a própria impotência. Então, se tem dentro dos paradigmas e das formas como as gramáticas de opressão se estruturam, tendo sempre o masculino no interior de cada um dos demarcadores sociais como dominante.

Assim, Kimmel (2018, p. 31) dirá que, não existe um só homem, existem masculinidades, pois essas masculinidades se modificam segundo critérios diversos. Conforme o tempo, serão construídos estereótipos que vão compor imagens distintas de masculinidades, inclusive, com práticas sociais diferentes. O autor traz um exemplo, daquele homem que é associado, frequentemente, à ideia de violador, aquele cuja dimensão de raça que mais o desumaniza.

Daí, percebe-se o quão importante foi a contribuição das feministas para uma análise das masculinidades a partir das interseccionalidades. Deve-se se lembrar, ainda que, diversas são as perspectivas que atravessam esse campo, no sentido que, nas múltiplas produções, são distintas as articulações e disputas narrativas.

De acordo com Connel, (2005, p. 69) as questões das desigualdades são amplamente discutidas pelas Ciências Sociais, e mesmo que esse tema antes da década de 1970 já tivesse sido pautado, foi a partir as feministas nesse mesmo ano que se começa a pensar em diferentes grupos ‘subordinados’ a qual precisavam de uma ampla e sistemática análise. É nesse sentido que, veremos a seguir como opera a interseccionalidade entre demarcadores como gênero, raça e classe, e que estes não operam separadamente.

2.4 Raça e masculinidade

O estudo de raça e masculinidades perpassa, por meio da intersecção entre as questões raciais e de gênero, abordando o modo de como as experiências e expectativas de masculinidades variam entre diferentes grupos raciais. O estudo desenvolvido por Crenshaw (2002, p. 22) analisa como diferentes categorias de identidade como raça, gênero, classe e sexualidade, interagem de maneira mais aprofundada. Empregada a masculinidade, a autora demonstra como o conceito analisa as experiências dos homens de diferentes raças por exemplo e de como são conformadas por essas múltiplas identidades.

No artigo “*Raça e masculinidade*” o antropólogo analítico Domingues (2004, p. 47), aborda o processo de racialização das masculinidades. Uma vez que, é necessário entender a constituição das masculinidades do ponto de vista interseccional. Essa constituição interseccional fará ver que existe outras formas de masculinidades e exercício dessa dominação masculina. Saber como esses discursos operam dentro do campo das masculinidades é importante para se compreender as formas distintas de ser homem e compreender como estes acessam o poder no mundo de maneiras diferentes.

Logo, Domingues (2004, p. 48-49) enfatiza que a raça irá produzir uma outra noção de masculinidade, a do homem negro. O autor tece alguns questionamentos como, quais são os discursos que se estabelecem com a masculinidade do homem negro e qual o papel social que essa masculinidade irá desempenhar? E, quais são os fluxos de imagens que circulam sobre o homem negro? Quais são os fluxos de imagens que circulam de estereótipos sobre o homem asiático, pobre etc.?

Domingues (2004, p. 49) demonstra que, frequentemente os homens negros são retratados como violentos, perigosos em imagens e na mídia, reforçando estereótipos negativos. Além disso, há um estereótipo de que os homens negros são, excessivamente sexuais, o que é explorado nos meios de comunicação e em campanhas publicitárias. Ou, associando homens negros a atividades criminosas, costumeiramente é relacionado em situações de pobreza. Essas imagens, corroboram e perpetuam um estereótipo prejudicial que contribui para o racismo no cotidiano.

O antropólogo compreende que homens e mulheres, desde o período colonial foram descritos como machos e fêmeas. Homem e mulher, entendidos assim, como uma “categoria civilizatória” a serem alcançados, de modo que, o gênero emerge aqui sobre uma codificação da animalidade. Logo, quando Pessoa (2019, p. 18) pensa, do ponto de vista de uma geopolítica global da masculinidade, que determinadas formas de masculinidades acabam ocupando a base da cadeia produtiva.

Os homens negros são mais explorados que os homens brancos, pois, têm o racismo operando e produzindo mais desumanização. O autor demonstra que essa construção imagética sobre o homem negro ainda é bastante reproduzida em nossa sociedade, tanto que ainda se pensa que, a virilidade de um homem branco não desumaniza, já a virilidade de um homem negro o desumaniza, colaborando com o racismo na constituição de um imaginário animalesco, Fanon (2008, p. 34).

Fanon (2008, p.23) alerta a respeito de como os homens negros são constantemente colocados em condições de inferioridade e que ainda repercute de forma intensa essa falsa ideia, uma vez que tem a legitimidade do Estado, de forma que mantem as práticas de violências contra esses sujeitos e contribuindo para o racismo estrutural em nossa sociedade.

Kimmel (2018, p. 36) tece o seguinte questionamento:— quando se fala em homens racializados e vulnerabilizados, como se pode pensar essa “frustração” pelo não poder absoluto se a eles não é prometido esse mesmo poder que é dado ao homem branco? O antropólogo responde afirmando que, é preciso dizer ao homem negro que ele também é negro, pois as formas como essa dominação se organizam no interior das classes reproduz a organização geral.

Segundo Kimmel (2018, p. 24) o que pode acontecer é das comunidades subalternas se transformarem em aliados das formas hegemônicas de masculinidades, justamente porque há uma produção ideológica de ascensão social, de constituição de uma família, dentre outras. Por fim, Kimmel (2018, p. 26) traz à tona que, o que se tem é uma distribuição diferencial de poder, em que alguns tomarão parte maior e outras uma parte menor.

Fanon (2008, p. 45) demonstra que, alguns corpos masculinos, nos processos globais de constituição das relações de poder, não alcançam, igualmente as formas de dominação. Por isso que, quando se fala o homem, é preciso saber de que homem estamos nos referindo? de qual raça, de que classe? Justamente, porque não existe uma experiência universal, única, de masculinidade e sim, diversas práticas sociais que constituem os sujeitos.

Valencia (2016, p. 29) enfatiza que a globalização tem um impacto na forma como as masculinidades se organiza. Ou seja, para a autora, a constituição de práticas das masculinidades subalternas se configuram e reproduzem modelos hegemônicos, pois esse sistema é seletivo, principalmente potencializando indivíduos em seres tão proativos, que se tornam no final, passivos de dominação em um crime do capital organizado.

Fanon (2008, p. 35) elucida as diversas formas de violências pelas quais passam pessoas negras. O autor aborda, especificamente sobre o homem negro em relação as imposições que passam por conta da construção sociocultural em torno do papel que “um homem” devem portar diante de sua masculinidade.

Esse esforço constante em tentar fazer o homem negro se encaixar nos padrões estabelecidos, fará com que esse se frustrate nas próprias expectativas que foram criadas sobre ele, relacionadas ao poder e subserviência. Por outro lado, ser homem branco numa visão essencialista, segundo o autor, é já nascer tendo privilégios como se fosse uma espécie de poder natural para ser utilizado sem nenhuma contestação, já que esse modo de pensar encontra-se no imaginário de uma parte da sociedade Fanon (2008, p. 36). Nesse sentido, bell hooks (2017, p. 19) elucida que:

Mais do qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade, os homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais. Sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que mente, homens negros estão propensos a serem recebidos pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, como sujeitos que parecem ser idiotas.

Diversas características foram relacionadas aos papéis que o homem deveria exercer, como provedor, falar grosso, força, corajoso, não transmitir emoções, a repulsa em performances que relacione ao feminino, dentre outros. Para além dessas conformações, estruturas políticas e sociais estabelecem normas e valores sobre o “ser homem”, de modo que, motivam o comportamento padronizado hooks (2017, p. 20). Muitas das vezes, o que resta para os homens negros é perpassar ao meio da branquitude e classes com maiores poderes aquisitivos seria advindo do consumo por exemplo, como possibilidade de maior aceitação social, ou converter-se racialmente branco, como enfatiza Almeida (2016, p. 20).

Os dados publicados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2019, demonstram os tipos de violências aos homens negros. Evidencia-se que, “o índice de homicídio tendo como vítimas os negros (que, na categoria do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), engloba pretos e pardos) no ano de 2017 foi de 75,5%. Numa análise geral do Instituto, 92% das vítimas de homicídio eram homens” (Atlas, 2019).

A partir dos dados acima, fica evidente o quanto que homens negros ainda se encontram nas estatísticas em posição de destaque enquanto vítimas em homicídio através do mapa da violência. No entanto, Louro (2000, p. 17) esclarece que, o ambiente escolar

também é um dos principais espaços que ocorre violências contra homens negros. A autora enfatiza que, o corpo e pele são as primeiras esferas a passarem por um corpo exercício de exclusão e discriminações que se constitui de diversas formas.

Ramos (2019, p. 8), evidencia a violência acometida no cotidiano escolar, sobretudo para muitos homens negros. O geografo demonstra que os estudantes negros são classificados como estudantes problemáticos, sendo muitas das vezes excluídos e sem sociabilidade. Portanto, finaliza abordando que, instituições como a escola não sabe tratar com as relações étnico-raciais, nem de classe e gênero.

Ramos (2019, p. 10-11) alerta que, é de responsabilidade da escola trabalhar sobre a temática de forma mais aprofundada, formando nos jovens uma consciência racial. Além de acabar com a evasão de negros no ambiente escolar. Para tanto, é de fundamental importância se atentar as discussões das masculinidades raça e racismo.

Portanto, essas discussões interseccionais não devem estar pautadas isoladamente, apenas de suas especificidades e, por isso, é fundamental, segundo Ramos (2019, p. 10-11), que as escolas trabalhem temáticas referentes às relações de gênero e as masculinidades como categoria desse campo. Dessa forma, a sociedade pode conhecer as relações de poder entre mulheres e mulheres, entre mulheres e homens e homens com outros homens.

Para tanto, o pesquisador deve explorar o máximo possível de seu objeto, envolvendo diversos procedimentos técnicos, teórico-metodológicos, entendendo as condições históricas, socioeconômicas entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Fundamental nessa pesquisa é provocar novos conhecimentos num esforço de modo a contribuir na área da educação.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa recorreu a uma abordagem qualitativa, uma vez fiz uma análise indutiva dos diversos dados obtidos em distintas fontes de informação interrelacionadas. Para Minayo (2001, p. 49) esse tipo de estudo responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, como é o caso dessa pesquisa, sendo que, as múltiplas representações de masculinidades permeiam no ambiente escolar, e que foram e ou/são construídas e reproduzidas através de crenças, valores e atitudes que estão interligadas com as subjetividades desses sujeitos.

A perspectiva do estudo de caso que, segundo Latorre et al (2003, p. 103) se configura como uma das formas de interpretação dos dados qualitativos que pode utilizar-se, também, de dados quantitativos onde é feito um estudo mais intensivo com poucos casos. O estudo de caso engloba o contexto analisado e de forma mais intensiva e visa trazer um delineamento metodológico restrito ao universo de uma escola, cujos dados poderemos fazer algumas generalizações.

A(o) pesquisador(a) faz uma inserção antecipada no campo de estudo. Isto proporciona o conhecimento da realidade e permite que seja reconhecido por aqueles/as que nela atuam, de maneira que o objetivo do estudo seja de comum acordo entre o campo e o pesquisador. Para o contato entre o pesquisador e as(os) participantes desse estudo, é necessário, também, com vistas à autorização institucional e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nessa etapa, o pesquisador apresenta a seu estudo aos(as) participantes, realizando os esclarecimentos necessários; no caso desse estudo, o lócus foi numa escola estadual, com turma de 3º ano do Ensino Médio em Petrolina-PE.

Utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) por entender que seria a mais apropriada para a pesquisa. De acordo com Tsoukalas (2006, p. 28), essa técnica tem como objetivo, deixar o participante livre para responder palavras, logo, ficam livres para o que lhe vier à mente e, faz com que ele/ela tenha os primeiros pensamentos de palavras geradoras.

É importante a agrupação das palavras, uma vez que ao disseminá-las, o pesquisador poderá perceber o número de evocações, quais que tem mais relações em comum, podendo inclusive, percebendo a falta de palavras não externadas, podendo fazer a exclusão das que menos aparecem, não as ignoram Tsoukalas (2006, p. 28)

Para a coleta dos dados, foram operacionalizadas da seguinte maneira: realizou-se entrevistas semiestruturadas, de forma individual e coletiva, que Gerhardt et al (2009, p. 34), conceituam como uma técnica roteirizada pelo tema pesquisado, mas que permite/incentiva o(a) entrevistado(a) a falar, livremente sobre os assuntos e desdobramentos que surgem na decorrência da entrevista. Pois, esse tipo de entrevista permite o desenvolvimento de um diálogo, a partir de um roteiro básico, sem perder de vista o foco da investigação, ao tempo que não se torna algo rígido, como apontam Ludke e André (2022, p 23).

Por conseguinte, foi utilizado o questionário, que segundo Gil (2008, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Nessa pesquisa, o questionário trouxe resposta a diversos aspectos da ‘realidade’. As perguntas, assim, podem ter, segundo ensina Gil (2008, p.132), conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros, podendo assim, identificar as representações sociais que tem os estudantes das masculinidades.

De acordo com Gil (2008, p. 119), cada pesquisa traça seu caminho metodológico a partir da relação com o seu objeto e projeto de pesquisa. Para a aplicação do questionário por exemplo, exige-se técnicas que devem ser feitas com muito cuidado, isso tudo, para que não saia da direção focalizadora e tenha uma ótima efetividade na aplicação.

Conforme Gil (2008, p. 1200), a finalidade de trabalhar com o questionário é justamente para coletar dados sociais, e que essas informações podem ser coletadas e aplicadas nas pesquisas quantitativas quanto qualitativas. O autor enfatiza que, para essa técnica deve haver o bom emprego e organização a partir de um bom planejamento do pesquisador sobre sua pesquisa, conceitua-se que:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Ele consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas Gil (2008, p.121)

A partir do trecho acima, o autor evidencia a necessidade de uma efetiva e precisa aplicação do questionário já que, a finalidade é poder obter dados e informações que serão

imprescindíveis para a pesquisa. Nesse sentido, o pesquisador deve conhecer previamente os participantes e o lócus para poder estruturar de forma específica o material. Conforme:

O questionário pode ser padronizado de acordo com a intenção da pesquisa e pode ser utilizado para grandes números de pessoas a serem pesquisadas. Com ele pode-se levantar características de um grupo ou pessoas, comportamentos com variações. O pesquisador constrói o questionário com foco nos dados que ele precisa para desenvolver sua pesquisa, deve levar em consideração o tipo de perguntas que ele pretende fazer e o modo que ele vai aplicar o questionário e em que local coletará os dados Gil (2008 p,122-123).

Assim, o autor deixa nítido que para a técnica do questionário, podem ser feitas perguntas tanto abertas, fechadas ou semiabertas, e que tudo dependerá do objetivo e objeto da pesquisa. Quanto ao modo de aplicar o questionário, que dependerá do contexto, tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Pode ser aplicado direta ou indiretamente, caso seja tenha o contato direto com o pesquisado, poderá haver uma conversação, diálogo. No caso indireto, por ser aplicado por meio de plataformas online da *internet*.

Fez-se a escolha da escola estadual em tempo integral por ser uma das escolas que mais recebe estudantes, tanto da zona urbana quanto da zona rural, em Petrolina/PE. Possivelmente, com uma ampla diversidade de estudantes em seus mais variados aspectos, foi de fundamental dar possibilidades a distintas percepções acerca das masculinidades na comunidade escolar. A partir de alguns instrumentos de pesquisas que foram explorados, que serão apresentados nos tópicos a seguir.

3.1 Coleta de dados: grupo focal

Gatti (2005, p. 45) evidencia que a formação de um grupo focal emerge a partir de critérios prévios, bem elaborados pela(o) pesquisador(a), diante de um grupo desenvolvido por indivíduos que tenham desejo ou alguma aproximação com as abordagens de uma pesquisa. Segundo a autora (2005, p. 4) “os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”.

Deve-se se assinalar que, que essa escolha da metodologia ajudou nas abordagens dos assuntos dessa pesquisa que tratou da identificação das masculinidades presentes no grupo focal selecionado e de que forma discursaram sobre. Dessa forma, não foram tratados nenhum dos assuntos que versem sobre as orientações sexuais das (os)

estudantes, contudo esse assunto surgiu naturalmente nas atividades com o grupo focal, nas respostas das entrevistas e questionários.

Os conteúdos foram utilizados a partir dos seguintes critérios: conversas estimulantes pré-orientadas no intuito de analisar o que entenderam e de que forma estão presentes as masculinidades, se existia apenas uma forma de ser homem. Objetivou: (1) analisar quais foram os enunciados reproduzidos nas narrativas das (os) estudantes a respeito das múltiplas masculinidades; (2) relacionar e classificar as narrativas, procurando identificar suas diferenças e pontos em comum.

Pesquisadoras/es devem ser cautelosas/os, como afirma Gatti (2005, p. 9) diante do seu “ofício de moderador do grupo focal, para não cometer nenhuma intervenção de modo afirmativo, negativo, nem tão pouco, emitir opiniões pessoais, conclusões ou outras formas de intervenção direta” Gatti (2005, p.8). A autora afirma que o ofício do moderador do grupo focal é de apreender as falas e ideias sem intervir nas narrativas. Uma das questões que motivou recorrer ao grupo focal, foi o fato de que, para Gatti (2005), é que ele é um espaço onde ocorrem, trocas, sentimentos, atitudes, reações etc.

Enquanto todos os colegas de minha turma davam notícias sobre o aceite para suas pesquisas de campo, afim de, realizarem suas pesquisas, é importante enfatizar que fiz, tentativas diversas escolas para que aceitassem a realização de estudo dessa pesquisa, o que demonstra ainda uma certa resistência de determinadas instituições educacionais quanto as temáticas que versem sobre gêneros e sexualidades.

No entanto, percebi uma certa resistência por parte de alguns professores, quando abordei sobre os objetivos e como a pesquisa poderia colaborar para a escola e estudantes. Após essa reunião, agendamos para dia 26 de junho de 2024 uma conversa com os estudantes da turma do 3º ano A, com o objetivo de tratar também sobre a pesquisa e os processos da pesquisa de campo, além de, poder aplicar um questionário, caso aceitassem. A escola inicial da turma foi justamente por indicação da gestora pelo critério da diversidade de estudantes por conta de alguns marcadores como: cor, religiosidade, idade e orientação sexual; além do mais, por ser uma turma que é bastante participativa, dialógica e responsável.

Mediante o questionário e aceitação, realizou-se a seleção dos(das) participantes a partir do contato que pôde ser feito a partir dos seguintes meios: (1) tentativa de contato presencial; (2) preenchimento de um questionário pelo *Google Forms*. Posterior a manifestação de interesse em participar da pesquisa, foi feito um agendamento prévio com os(as) participantes de acordo com os seus horários disponíveis. Foi perceptível o

quanto que as(os) estudantes estavam super dispostos a contribuir para a pesquisa, no entanto, no início das entrevistas, houve alguns empecilhos no que tange a disponibilidade tanto dos estudantes quanto a do pesquisador, pois nem sempre os horários convergiam.

Porém, dialogando com a coordenação, conseguiu-se organizar e agendar os horários para todos e, assim, dar andamento a pesquisa, garantindo a ética, o respeito e os procedimentos necessários para atingir os objetivos propostos.

Depois do contato com a gestão da escolar, foram selecionados 10 estudantes, os(as) participantes de acordo com o preenchimento do formulário convite no *Google Forms* e/ou manual escrito, se colocaram a participar da pesquisa. A amostra definida foi feita para ter a maior variabilidade possível entre: sexo, raça/cor, faixa etária, religião, orientação sexual, identidade de gêneros.

Realizou-se cinco encontros presenciais, contendo duas horas cada, totalizando 10 horas que foram agendados previamente e, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi possível a gravação das atividades em grupo e individuais, assim como as entrevistas.

Houve os encontros com gravações para posterior transcrições das entrevistas e análise posterior das entrevistas de cada estudante, garantindo o sigilo, como desejaram. Nesse caso, a amostra de entrevistas foi feita por nomes fictícios, para assegurar a privacidade de cada estudante.

Realizar uma entrevista semiestruturada exige de o pesquisador reordenar as perguntas no decorrer da entrevista, caso haja necessidade. De acordo com Lakatos (2003, p. 56) compreender os caminhos da entrevista semiestruturada faz com que quem o pesquisador deixe que o processo ocorra de forma fluída os questionamentos que podem surgir, ter a sensibilidade para abordar novas perguntas que norteiem o procedimento de pesquisa.

Ademais, foram realizados cinco encontros com o grupo focal, contendo duração de duas horas cada, onde foram promovidas oficinas temáticas a respeito do objeto pesquisado pois, as trocas verbais e não verbais presentes nesse momento uma melhor compreensão dos significados, dos valores e opiniões dos participantes acerca do objeto de investigação.

Para melhor organização, foi feito um planejamento que foi seguido de acordo com o roteiro abaixo. Esse roteiro foi construído de acordo com essa pesquisa, no sentido de ter feito a coleta da forma mais verossímil possível.

Tabela 1: Programação de Encontros conforme o interesse da temática pesquisada.

ENCONTROS	OBJETIVOS
PRIMEIRO ENCONTRO: Apresentou-se a proposta e realizou-se o convite para pesquisa.	Diálogo sobre a ideia da pesquisa, no intuito de convidá-los a participar. Em seguida, pedi aos estudantes que fizessem a efetivação das respostas no questionário com as devidas informações. Ao fim, organizou-se os dias e horários para os encontros posteriores. Carga horária: duas horas
SEGUNDO ENCONTRO: Representação do homem sertanejo como indiciador das discussões.	Apresentação/exibição de trechos do filme ‘abril despedaçado’ como pontos para a discussão em torno das masculinidades no território do semiárido. Carga horária: duas horas
TERCEIRO ENCONTRO Relações de poder.	Apresentou-se trechos do filme Barbie como pontos para a discussão em torno das múltiplas masculinidades. Carga horária: duas horas
QUARTO ENCONTRO Por quais motivos deve-se falar sobre as diversas masculinidades?	Abordou-se com o grupo sobre os diferentes tipos de masculinidades e a importância de compreender as diferentes existências e vivências de ser homem. Carga horária: duas horas
QUINTO ENCONTRO Encerramento das atividades do grupo focal com uma revisão dos conteúdos	Fez-se pautas e reflexões do assunto debatido sobre masculinidades no grupo Carga horária: duas horas

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Os encontros ocorreram em uma sala apropriada, optou-se por espaços que não tivessem interferência de sons ou de terceiros, garantindo assim, a comodidade e confiabilidade dos participantes. Foi solicitado a preservação do sigilo de acordo com os critérios éticos de grupos em pesquisa. Como material dos encontros foram utilizados trechos dos filmes listados que deram amplo debate com a temática, bem como material lúdico como cartolina, música, trecho de poesia como disparadores da fala dos participantes.

A análise de conteúdo dos dados obtidos, possibilitou promover o conhecimento objetivo da realidade, a fim de que se procurasse as estratégias possíveis de ação. Como técnica para análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo apresentada e dividida em três fases descritos a seguir (Minayo, 2001, p. 14): pré-análise - consistiu na seleção inicial do material coletado, no caso dessa pesquisa: a observação participante, encontros

com oficinas temáticas, entrevistas semiestruturadas e o questionário; exploração do material- a fase de classificação e codificação, na qual os dados foram analisados para o alcance dos núcleos dos sentidos e significados, a fim de que pudessem permitir a identificação e compreensão das representações sociais de masculinidades; tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos resultados que foram retomados e aprofundados por meio dos conceitos teóricos que embasaram o objeto de estudo, sendo realizada a discussão a luz da literatura.

Intencionalmente, essas fases permitiram ao pesquisador buscar respostas para um problema, por meio da análise grupal do conhecimento, e a partir disso, pensar a forma como este conhecimento será utilizado na realidade. Além disso, permite examinar informação de maneira crítica, estabelecendo as causas dos problemas, as possibilidades de solução e, assim, propõe encaminhamentos Minayo et.al (2001, p. 13- 14)

A análise se deu por meio das entrevistas, observação participante, do questionário, das oficinas temáticas e dos referenciais teóricos e o cruzamento das respostas, além, do que for possível inferir a partir disso, pois, como afirma Minayo et.al (2001, p. 16), essa técnica permite o diálogo entre diferentes aspectos sobre determinado objeto de estudo e aprofundamento sobre a realidade pesquisada.

A seguir, demonstra-se como esse estudo analisou as diferentes narrativas e percepções sobre as representações sociais de masculinidades dos participantes a partir dos instrumentos utilizados. A Análise Crítica do Discurso possibilitou nessa pesquisa juntamente com meios teóricos e metodológicos, analisar as condições históricas e ideológicas, intencionalidades em que os discursos dos participantes foram produzidos, buscando dar sentido aos mesmos. Além disso, para além do discurso literal, percebeu-se as subjetividades existentes.

3.2 A Análise Crítica do Discurso

A Análise do Discurso foi aprofundada por Eni Orlandi no Brasil, sendo uma corrente de pensamento de matriz francesa, seu fundador foi o filósofo francês Michel Pêcheux, cientista da École Normale Supérieure (ENS Paris), contudo, no período em que desenvolveu essa teoria, vivia na França de 1969. ACD almeja estudar de que maneira a linguagem, em específico os discursos produzem sentidos e como os objetos simbólicos estão carregados de significados.

Nesse sentido, traçar caminho(s) para a pesquisa nem sempre é fácil, uma vez que, pode determinar variações durante diferentes percursos. Logo, se faz necessário estar aberto a novos métodos e alternativas de estudos, demonstrando assim, que o pesquisador não deve ser tão prescritivo Vasconcelos (2004, p. 192). Além do mais, se ponderar o grau de aprofundamento do objeto desta pesquisa: as masculinidades, considerando suas diferentes configurações representativas no Ensino Médio.

Diante disso, com o objetivo de contrapondo às perguntas desta pesquisa, procurei uma linha de pensamento que desse conta das variáveis como as múltiplas representações sociais e que aprofundasse os estudos interseccionais. Utilizou-se para a análise e interpretação dos Discursos, uma vez que:

o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam, Foucault (1986, p. 56),

Ao finalizar as coletas de dados, foi feita a transcrição das entrevistas a partir dos encontros realizados por meio do grupo focal. Diante disso, para melhor análise, empregou-se nessa pesquisa como apoio teórico a Análise Crítica do Discurso (ACD). Para Foucault (1972, p. 25), analisar os discursos, suas (re)produções, é de fundamental importância, uma vez que, assim como a memória, o discurso é seletivo e que esse discurso por sua vez, pode ser silencioso, há uma rede de intensões, individuais e coletivas sobre se apoderar do poder, já que, poder é saber, havendo assim, uma dominação discursiva sobre um determinado tempo e espaço. Segundo o autor, esses discursos podem ser reproduzidos em diversos meios e formas, como midiáticos, familiares, escolares, etc.

Cabe ao pesquisador, compreender as subjetividades, fazendo uma contextualização, além de identificar os discursos narrativos que reverberam nos sujeitos pesquisados. Os autores que foram utilizados para nortear teoricamente os discursos dos estudantes como referenciais pós-estruturalistas; Hall (2006, p. 45), para compreender que as identidades não são fixas e sim, fluídas, além de entender que não existe um único tipo de identidade e sim diversas concepções. Silva (2018, p 34) e Foucault (1987, p. 104).

Afora isso, a emergência da produção de novos discursos de relação de gêneros e sexualidades contribuíram para questionarmos sobre como esses discursos podem colaborar para o entendimento sobre as masculinidades.

3.3 Porque pesquisar adolescentes?

Especialistas da contemporaneidade tem conceituado a adolescência como uma fase de desenvolvimento pela qual passam, sendo assinalada pela mudança de fase na qual são envolvidos em determinados contextos irão formar sua(s) identidade(s), tomar suas próprias decisões e organizar-se como em um ritual de passagem para a vida adulta Lepre (2006, p. 18).

Segundo Costa (2000, p. 176) a Organização Mundial de Saúde (OMS), entende que a adolescência abrange a faixa etária entre os 10 e 20 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) concebe as faixas etária entre os 12 e 18 anos. No entanto, o autor enfatiza que, essa fase não deve ser pensada de forma hegemônica e definitiva, pois as experiências e vivências pelas quais passam e a forma pela qual irão se comportar a determinadas situações irão gerar diversos reflexos no cotidiano.

Desse modo, estudiosos concordam que a adolescência é uma fase de constantes mudanças em diversos aspectos: físicos, psicológicos, na vida social, etc. Uma das características da adolescência é a puberdade, que inicia entre nove e 14 anos de idade para a os meninos. Já as meninas, geralmente, entre oito e 13. Nesse período, os adolescentes passam comumente por modificações no corpo, sejam elas: hormonais com o desenvolvimento das genitálias; aparecimento de espinhas no rosto; começo da produção de espermatozoides; início da ejaculação; meninas iniciando sua primeira menstruação, dentre outras que, muitas das vezes não conseguem frear. Lepre (2006, p. 20).

Com o desenrolar de todas essas transformações corpóreas e o “estouro” de hormônios, é natural que os adolescentes sintam um misto de angustias, sem saber tratar de determinadas alterações. É de fundamental importância que adultos possam ter uma noção, minimamente básica para lidar com essas situações ao contrário de repreendê-los por atos que independem de seu mando. Por exemplo, quando um adulto percebe um forte odor emanado por grande parte dos adolescentes no começo da puberdade, motivado pelas transformações hormonais; é lógico nesse caso que, (a)o jovem utilize um

desodorante ou algo que resolva, bem como seja norteador, no sentido dos cuidados e higiene corporal, sem julgá-la Lepre (2006, p. 22).

Já outros adolescentes não se sentem felizes com essas mudanças corpóreas, muitas das vezes, por não se sentir bem neles ou que, não acontece da forma a qual pensavam Lepre (2006, p. 23). Importante destacar que, oposto a puberdade, entendido pelos estudiosos como algo universal, onde adolescentes passam por um conjunto de modificações de ordem tanto físicas quanto biológicas. Já as mudanças sociais variam por razões diversas como: aspectos culturais; conformação familiar; situação socioeconômica; dentre outros que irão gerar situações diferentes de vivenciar a adolescência, já que a constituição identitária é individual e socialmente construída através do meio ao qual está incorporado. Lepre (2006, p. 27-28). Costa (2000, p. 98)

Diante dessa fase, o adolescente começa a pensar e a questionar-se o tempo todo quanto as atitudes não só suas como também, as dos outros, com base, muita das vezes, nos valores de ordem social e cultural, como por exemplo, recebe grande influência familiar, discurso religioso e de ordem biológica Costa (2000, p. 73-74)

Diversos psicólogos situam que, um dos aspectos centrais da adolescência é essa procura pela identidade e confirmam que a identidade do adolescente é entendida como um período gradual e dolorido, pois é nessa fase que surgem as incertezas, inquietações com maior fervor do tipo: Quem sou eu? qual a minha importância social? Tenho valor para alguém? Os autores acreditam que esse momento seja uma crise de identidade, pois faz o adolescente pensar ser adulto de tal forma que se sente capaz de adotar incumbências no cotidiano. Um dos fatores para tal crise, segundo estudiosos, seria a ausência de referências de pessoas a qual de fato adolescentes possam se espelhar Costa (2000, p. 108-109).

Dessa forma, a adolescência passa pela imaturidade na busca constante da maturidade. Geralmente não são decisões sólidas, fixas e isso os deixam, mais ainda, angustiados, já que é o momento de construção de seus valores que já vem desde a infância a partir da experiência em distintos grupos, seja na família, escola, etc. Lepre (2006, p. 32).

Diante desse processo intenso de escolhas, decisões, a mídia desempenha uma forte interferência, seja na inclusão e abertura sobre a temática ou no reforço de preconceitos, estigmas. Nesse sentido, no período de busca constante pela sua identidade, formulando e reformulando valores, definições e indefinições a todo momento, interferem no humor que, também pode oscilar a todo instante. Ao mesmo tempo em que ri, chora, fica alegre

e triste, gerando um misto de emoções pelos quais terão que se exercitar com novos desafios Lepre (2006, p. 46).

Na fase da adolescência, muitos rapazes acreditam que, ser homem, por exemplo, é afirmar a todo instante sua virilidade e modelos hegemônicos diante de seus pares. Os meninos passar por uma pressão social no sentido de que, precisam, o mais cedo possível, ter um trabalho, obter um lar, constituir uma família, ter automóveis, dentre outros. Ainda repercute em nossa sociedade os papéis sociais de gênero, que são atribuídos socioculturalmente Lepre (2006, p. 52).

Segundo Louro (2000, p. 56) os meninos que destoam das formas que foram atribuídas conforme o gênero, são muitas das vezes violentados e excluídos entre seus pares e profissionais do ambiente escolar. A seguir nota-se discussões a respeito de como uma parte da sociedade cria expectativas de papéis sociais e comportamentos esperados dos indivíduos a partir do gênero atribuído conforme o sexo biológico.

4 AS MASCULINIDADES E AS TEORIAS DE GÊNERO

Abordar, conceitualmente sobre as masculinidades e estudos de gênero, é de fundamental importância compreender o quão complexas são. Carvalho (2004, apud Edson Almeida, 2016, p. 29) sugere que, para o avanço dos estudos de gênero e das masculinidades, “se tenha antes uma profunda compreensão de cada gênero, masculino e feminino, além, das variadas formas de identificação de gênero, e que esse aprofundamento só poderá se dar plenamente numa perspectiva de entender as relações de forma dinâmica”.

Assim, os estudos das masculinidades acabam não só ganhando espaços para discussões, como também, questionam determinados conceitos cristalizados, até então, sobre a identidade masculina, compreendendo suas pluralidades, superando a visão do ser homem ou ser mulher como algo construído socio e culturalmente e não dado, determinado apenas pelo biológico.

4.1 Gênero e masculinidades

Diante de diversos diálogos, umas das pautas de luta das feministas está na elaboração do conceito de gênero, uma vez que, compreender as reivindicações das mulheres é transcender a construção dicotômica, binária que ainda se resulta na divisão de papéis entre os sexos. Conforme Machado (1998, p. 112), “romper com os estudos da substancialidade do que venha a ser essa mulher e esse homem, e com a determinação do biológico sobre o sexo, é construir um novo paradigma”.

Machado (1998, p. 112) destaca que o movimento feminista tem conseguido trazer discussões sobre o conceito de gênero, de modo que, possa se refletir, inclusive os privilégios dos homens durante a história. Por muito tempo, segundo a autora, aos homens eram dados direitos como se fossem naturais e exclusivos para exercer o poder em diversos espaços, como político, profissional, religioso, etc. A mulher por outro lado, cabia a cozinha, cuidar dos filhos, além de ter que lidar com as formas de opressões nas relações de dominação, direitos negados e violência dos homens.

Buscando romper com essa visão essencialista e sendo uma das pioneiras dos movimentos feministas, Simone de Beauvoir (1970, p. 9) deu grandes contribuições acerca de reflexões sobre a dominação masculina sobre as mulheres, fruto do patriarcado. Há um esforço da autora em formular uma definição a respeito do que é ser mulher:

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário”.

A partir de diversos questionamentos da sua época, Beauvoir (1970, p. 8), não nega o fator biológico. Contudo, entende que esse não pode ser o fator determinante para as reproduções de desigualdades nas relações de dominação do homem sobre a mulher nas sociedades modernas. Durante esse período, a mulher geralmente era vista como inferior e tratada como um objeto.

Dessa maneira, “a utilização do gênero nas análises sobre o feminino, recentemente, em meados dos anos 1970, passou a ser considerada cientificamente, relacionando-se com os conceitos de raça e classe social”, Almeida (1998, p. 39). Sendo assim, a autora chama a atenção para a o quão que conceituar gênero não é tão fácil, pois pode-se contradizer e voltar a reforçar discriminações.

Diante disso, buscando conceituar gênero de forma que não caia em contradição, Scott (1995, 15), trouxe também sua contribuição para os estudos de gênero, compreendendo que, o termo gênero é uma categoria construída e apreendida social e culturalmente durante as relações humanas. Assim, contribuindo para as discussões dos movimentos feministas, a autora busca desnaturalizar os constructos dos papéis sociais feminino e do masculino, ambos cristalizados dentro de um sistema patriarcal. Nesse sentido, Santos (2005, p. 19), assim como Scott (1995, p. 9), compreende que o gênero é determinado a partir das relações sociais e culturais a partir das características próprias que vão se constituindo dentro de cada ser.

Tratando ainda sobre o conceito de gênero, Judith Butler (2000, p. 20), uma pesquisadora pós-estruturalista, nascida nos Estados Unidos da América, tem se destacado como uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e da teoria queer²². Vem corroborando com os estudos de gênero e movimentos feministas, sobretudo, ao problematizar a compreensão de um sexo biológico e de gênero construído culturalmente.

A autora tem questionado os papéis sociais que são atribuídos ao homem e a mulher, contrapondo, inclusive, a algumas ideias de Scott. As duas compreendem que o

²² A teoria queer que quer dizer em inglês, estranho, é uma forma teórica de compreender o gênero que denota a orientação sexual e a identidade sexual dos sujeitos que historicamente foram construídos a partir de uma visão social, que não tem como determinar os papéis sexuais dos indivíduos, bem como, conceber uma ideia fixa sobre estes.

gênero é construído culturalmente, no entanto, Joan Scott (1995, p. 22) não contesta a ideia de como o sexo é construído, já Butler (2014, p. 23), enfatiza que tanto o sexo quando os gêneros são categoriais que podem romper ou não modificações conceituais socialmente e culturalmente. Assim, Butler (2014) afirma que:

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino Butler (2014, p. 26).

Em sua concepção, a sociedade que estabelece culturalmente os sexos, logo, não se explicaria conferir ao sexo como algo biológico, bem como, o gênero, são entendidos para a autora como construções estabelecidas culturalmente a partir das relações entre os indivíduos. Para Butler (2014, p. 31) então, são estabelecidos discursos e práticas a partir de hábitos, comportamentos, formas de se vestir a partir do que culturalmente foi construído e perpassado, com base no sexo biológico e com o gênero, regulando e fixando, repetidamente os sujeitos como se existisse uma essência natural.

A autora afirma que oposta a essa concepção os sujeitos são regidos por uma certa performatividade, ou seja, que os indivíduos aprendem a performar e se portam de formas exclusiva para se inserir na sociedade. Uma das preocupações da autora é, justamente que essas representações de gênero impostas sejam capazes de ditar de forma compulsória performances de uma masculinidade hegemônica, padrão e que associe o “verdadeiro homem” numa perspectiva viril, forte e bem macho.

Portanto, para a filósofa, o gênero é construído e, assim como as identidades, são mutáveis, fluídas. Butler (2014, p. 59-62) em seu trabalho destaca como foram construídas as ideias de que as pessoas devem se comportar de acordo as normas associadas ao seu gênero designado. Caso não as sigam, deve ser mantida através de um ritual de violência. Esta violência, conforme a autora, pode ser tanto física quanto simbólica, ocorrendo quando pessoas não se conformam às expectativas de gênero, logo enfrentam discriminação, agressão ou exclusão.

Butler (2014, p. 14), também discute como a violência de gênero está intimamente ligada ao poder e à opressão, observando que as normas de gênero reforçam estruturas de

poder que marginalizam e oprimem indivíduos que desafiam essas normas. Butler, defende uma crítica radical dessas normas e uma política de reconhecimento que abraça a diversidade de expressões e identidades de gênero.

Connell (2003, p. 26) demonstra como que para ser mais aceito, muitos homens atendem as expectativas de um modelo hegemônico de masculinidade. Enquanto outros não se encaixam dentro desse padrão de masculinidade veiculada como padrão a ser seguido, encontram-se fora, o que acaba refletindo em sua vida cotidiana por não corresponder a algo pré-estabelecido.

Assim, a feminista e marxista Saffioti (2011, p. 22) em sua obra “*Gênero, Patriarcado, Violência*”, mostra como as regras estabelecidas em cada sociedade para diferenciar os homens, entre aqueles que executam os padrões impostos, onde são exaltados e reforçam a manutenção das performances. Em contraposição, os que são afeminados, ou, que performam masculinidades outras ‘fora da caixa’, são colocados em uma condição de inferioridade, quase desumanos, portanto, excluídos.

Em contraposição a esse modelo de masculinidade, o período colonial, a qual foi estabelecido e praticado diversos tipos de violências contra aqueles que fugiam às regras e normas que legitimavam o “ser homem”, refletiu os processos de lutas para descolonizar não somente as terras, como também, as mentes de uma sociedade que vivia as marras da binaridade, que havia aprendido as determinações dos papéis fixos de gêneros, etc Connell (2012, p. 38).

Segundo Connell; Pearse (2015, p. 284) destacam que diante das reivindicações de movimentos pela anticolonização nas sociedades modernas, fez com que as configurações de gênero fossem desconsideradas ou naturalizadas. Connell (1995, p. 192) em sua obra “*Masculinidade*” esclarece que não existe uma única forma de ser masculino e sim, que existem outros marcadores sociais de masculinidades que são elaboradas em nossa sociedade, estabelecendo níveis entre si estando em constantes dinâmicas de disputas pela predominância em determinado tempo e espaço.

Keller e Araújo (2017, p. 21) reforçam que não há como invisibilizar as masculinidades desviantes as normas estabelecidas, contudo, os que assim não aos padrões hegemônicos, tendem a serem excluídos e condicionados a níveis de inferioridade. Arilha; Ridenti; Medrado, (2018, p. 44), se debruçar sobre os estudos de gênero, percebe-se que o seu desenvolvimento permite aprofundar as análises sobre as relações de gênero e que esses estudos contribuem significativamente para os estudos das masculinidades, no intuito de compreender que as operações sociais categorizam as

relações não só entre homens e mulheres, mas, também, entre diferentes hierarquias de homens, gerando as relações de poder.

Assim como gênero é uma categoria construída socioculturalmente, teóricos defendem que as masculinidades são construções culturais. Existe muitas discordâncias entre autores sobre o conceito masculinidade hegemônica acerca de um padrão de masculinidade confirmado através das relações de poder (Messerschmidt, 2005, p. 33-34).

Sobre o conceito de masculinidade hegemônica, as discordâncias são por conta do termo “hegemônico”, de origem gramsciana. Para alguns críticos, o conceito masculinidade hegemônica não é tão fácil de explicar, uma vez que, pode chegar a diversas interpretações. Outros, compreendem que as masculinidades hegemônicas precisam ser vistas como manifestações conceituadas de acordo com os contextos culturais e históricos de forma específica, já que, hegemônico pode mudar, consideravelmente entre culturas distintas e diferentes épocas. Fialho (2005, p. 14).

Para Fialho (2006, p. 15), abordar sobre masculinidades hegemônicas pode fortalecer estereótipos maléficos sobre os homens, corroborando com o pensamento de que todos os homens são opressivos e que findam nos mesmos modos. Além disso, o autor entende que há um risco de o conceito reforçar uma visão homogênea sobre as vivências masculinas, desconsiderando as múltiplas formas pelas quais os homens vivenciam e demonstram suas masculinidades.

Discutir a respeito da interseccionalidade é de fundamental importância na compreensão de que essa discussão proporciona romper com estereótipos negativos que foram construídos. Desse modo, é necessário um aprofundamento a respeito de estudos sobre as masculinidades hegemônica, pois muitas investigações não dão conta da interseccionalidade com demarcadores como sexualidade, etnia, raça, entre outros, perpetuando dessa forma, a manutenção de hierarquias Miskolci (2012, p. 48).

Connell e Messerschmidt (2013, p. 245) compreendem que, houve uma manutenção predominante da masculinidade hegemônica, por intermédio de várias instituições proferindo seus discursos como legítimos para manter seus domínios. Alguns trabalhos tecem críticas ao conceito de masculinidade hegemônica ao afirmar que:

A noção de hegemonia traz a ideia de luta por posições e de que um grupo mantém dominação sobre outro(s), cabe indagar, entretanto, se as demais formas de masculinidade ao se contraporem à forma predominante, buscam ocupar tal posição hegemônica ou será que o que

pretendem é serem reconhecidas como formas também legítimas e possíveis de se experienciar a masculinidade? Connell (2003, p. 25).

A socióloga Connell (2003, p. 57), trata das masculinidades não hegemônicas, demonstrando suas dinâmicas e relações. São assinaladas três formas de masculinidades: masculinidades subordinadas, as masculinidades cúmplices que podem se s e as subordinadas. As subordinadas, segundo a autora, referem-se as relações de gênero e subordinação entre uns homens aos outros, entre elas as relações entre heterossexuais, colocados como uma masculinidade hegemônica e homossexuais, enquanto uma masculinidade desviante e fora dos padrões, que se aproxima do feminino.

Já as masculinidades cúmplices, para Connell (2003, p. 62), são as que não estão plenamente dentro das masculinidades hegemônicas, contudo, são favorecidos nas relações de dominação, frutos do patriarcado. Finalmente, as masculinidades marginalizadas, que são exclusas a partir de demarcadores sociais como raça, classe, etnia, etc.

Expandindo mais ainda a discussão sobre tipos de masculinidades, é de fundamental importância a discussão e definição das transmasculinidades, segundo Bento (2008, p. 23) denota-se por aspectos de identidades de gênero de pessoas transgênero que se veem com o gênero masculino, mesmo como homens trans ou outras expressões de gênero masculina, sem precisar necessariamente estar vinculado a transgenitalização. Portanto, a autora demonstra como a vivência da transmasculinidade é guiada por diversas interpretações diante das construções e sentidos dados a partir de uma determinada sociedade e os conflitos discursivos geridos entre corpo e sexualidade.

Sendo um conceito complexo e que abarca diversas experiências e identidades, sujeitos que vivenciam as transmasculinidades passam, cotidianamente por diversas barreiras como; falta de reconhecimento facial e uma justa jurisprudência de gênero, para que possam ter seus direitos efetivamente garantidos. Bento (2008, p. 131), afirma ainda que, a marginalização social a pessoas trans e invisibilidade ainda são uma realidade, refletindo dessa forma na evasão escolar desses sujeitos.

O desenvolvimento dos estudos de gênero e das masculinidades sugere que a compreensão de cada gênero, masculino, feminino e das variadas formas de identificação de gênero, só pode se dar, plenamente, numa perspectiva relacional e dinâmica. As masculinidades surgem, assim, como campo fértil para os estudos de gênero na busca de

problematizar a fixidez das identidades e a correlação, forçada, entre o natural e o cultural. Connell (2003, p. 56).

As pesquisas sobre a masculinidade exigem que se aborde sua historicidade, rompendo com uma visão de que ser homem, e ser mulher, é algo natural, determinado pelo biológico Carvalho (2004, p. 39). Como aponta Pierre Bourdieu (2014, p. 107), “é preciso reconstruir a história do trabalho de des-historicização, ou, se assim preferirem, a história da (re)criação das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina”.

É nesse sentido que os estudos de gênero podem contribuir para as subjetivações dos sujeitos e sua complexidade nas estruturas do interior das intersecções, rompendo com visões cristalizadas, demonstrando por outro lado, o sentido científico que possa atravessar histórias de identificação dos/das estudantes.

Conceituar e identificar as configurações das masculinidades presentes em narrativas discursivas das (os) dos sujeitos, uma vez que, desvencilhar o perfil socioeconômico e percepções que este tem sobre as masculinidades no contexto educacional é de fundamental importância.

4.2 A interseccionalidade frente ao conceito educacional: diferenças sobre o conceito de gênero na educação

As masculinidades não podem ser debatidas de forma separada dos marcadores sociais que se entrelaçam nas intersecções. O ambiente escolar é um dos espaços mais visíveis para se dar os exemplos de interseccionalidade como; raça, sexualidades, classes entre outras. Basta ver as diferenças nos fenótipos, nas particularidades de cada ser, e que cada um tem à sua maneira de agir, de pensar, em sentir, nos modos diferentes de se relacionar, enfim, suas especificidades.

No entanto, na escola também, ainda existem reproduções performáticas, mais em específicos, as masculinidades, onde muitos meninos performam de acordo com normas estabelecidas e mais aceitas. Assim, quem performar dentro das representações hegemônicas, terá mais chances de ser aceito e menos chance de ser ridicularizado Butler (2003, p. 18). Nesse sentido:

As experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas. O sistema não consegue a unidade desejada. Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis e, ao fazê-lo, se põem em risco porque desobedeceram às normas d gênero, ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas.

Esse processo de fuga do cárcere dos corpos-sexuados é marcado por dores, conflitos e medos Bento (2006, p. 551)

Nas palavras da autora, múltiplas masculinidades estão sendo elaboradas dentro da sociedade de modo que instituem hierarquias entre pares, tendo por sua vez, choques de ideias, obtendo uma intensa corrida para saber quem terá sua hegemonia assegurada a partir das relações de poder Connell (1995, p. 192).

Um instrumento de análise fundamental para a elaboração dessa pesquisa é a discussão do conceito de interseccionalidade e suas relações com as masculinidades. Na pesquisa em questão, foram identificados e analisados nos perfis dos estudantes diferentes características, como; a questão étnico/racial e de gênero, com a religiosidade, questão de classe, dentre outros demarcadores sociais que desdobram nessa intersecção de elementos.

Atualmente, existe uma diversidade de conhecimentos assinalados pela opressão em suas múltiplas formas, o que tem sido gradativamente reforçada diante de pesquisas desempenhadas por diversas áreas, demonstrando sua maneira transdisciplinadora no processo de construção subjetiva das intencionalidades, os estudos queer é um dos exemplos que tecem críticas ao modelo binário, discursos essencialistas e a todas as normas heteronormativas. Sousa Neto; Gomes, (2018, p. 34).

Como aponta Crenshaw (2002, p. 48) que, não dar para falar no conceito de interseccionalidade deixando de pensar em marcadores como raça/etnia, gênero, classe social, geração, entre outras que estão conectadas respectivamente as interseccionalidades. Para a autora, interseccionalidade significa:

capturar as consequências estruturais e dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Isso é tratado, por exemplo, como o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classes ou outros sistemas discriminatórios, que criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, etnias, raças, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata de ações específicas como essas políticas geram opressões e que fluem ao longo do tempo, constituindo aspectos inerentes de desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

A autora faz uma espécie de analogismo ao elucidar que os eixos de poderes são formados pelos caminhos que estruturam as áreas sociais, política e econômica. E, que essas normas voltam-se atravessando intersecções. Assim, constatando que alguns grupos sociais têm vantagens sobre outros, como por exemplo, um rapaz negro, gay, candomblecista, pobre vivenciado essa intersecção com atravessamentos de desempoderamento, dos quais são existentes em quaisquer espaços, inclusive escolar.

Nesse sentido, Collins (2014, p. 47) assinala que, o empenho científico em juntar marcadores sociais, raciais e sexuais por exemplo, são fundamentais para deixar mais evidente ainda que existem diferenças entre mulheres homens e mulheres, mulheres brancas com outras mulheres negras e homens brancos com outros homens negros etc. Para a autora, a interseccionalidade é imprescindível no combate ao preconceito, as opressões, servindo como aparelho de luta política.

Nesse sentido Collins (2014, p. 22) analisa a interseccionalidade como uma forma de produzir conhecimento, além de transformar em uma arma política para a conquista por exemplo, de políticas públicas e reparação de injustiças sociais.

Procurando dar sentido e compreender de forma mais complexa as masculinidades, especificamente na realidade brasileira, no tópico a seguir aborda sobre levantamento de pesquisas que refletem sobre o objeto da pesquisa, tratando das masculinidades na educação e suas diferentes perspectivas.

4.3 Masculinidade e educação: Estado da arte

A relação entre masculinidades e educação é muito tênue, uma vez que, os estudos das relações de gêneros demonstram como ambas são construídas socialmente. Em se tratando, especificamente do ambiente educacional, este deve ser acolhedor, formando estudantes para que convivam e respeitem às diferenças, além de, sabe lidar com opiniões distintas e valores, enfim, que haja a luta contra toda e quaisquer discriminação e preconceito, compreendendo as subjetividades dos seres humanos.

A construção das masculinidades ocorre a partir de procedimentos que se desenvolve socialmente nas aprendizagens cotidianas em múltiplas entidades sociais que formam o “trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se”, Bourdieu (2014, p. 119). A escola é assinalada como uma dessas entidades sociais em que pode desconstruir normas de gêneros que excluem sujeitos, ou pode potencializar a reprodução de preconceitos e dominação masculina.

Nesse sentido, essa pesquisa efetuou-se um levantamento de trabalhos científicos que envolvessem as masculinidades e as suas relações com a educação, utilizando-se o estado da arte. Essa perspectiva empregada, possibilitou mapear e apontar trabalhos já elaborados diante de pesquisas acadêmicas, no intuito de entender quais as

abordagens temáticas que mais aparecem em torno dos estudos das masculinidades no ambiente escolar do Ensino Médio.

Foram encontrados 1071 estudos, sendo 871 dissertações e 200 teses. Contudo, fez-se um filtro entre janeiro de 2008 a janeiro de 2022. Utilizou-se alguns critérios para contemplar pesquisas que versassem sobre masculinidades e educação, tendo como foco os estudantes do Ensino Médio. Assim, foram localizados 76 trabalhos, sendo 58 dissertações e 18 teses. Após a leitura dos resumos, 10 pesquisas se conformaram nas definições e recortes do tema, sendo seis dissertações e quatro teses.

EM um trabalho minucioso, é de fundamental importância a categorização dos dados, para logo após, de acordo com Franco (2005, p. 18), distinguir e tipificar a partir de grupos categóricos de modo que “o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes “falas”, diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo etc.” Franco (2005, p.60-61).

Logo, é imprescindível o desenvolvimento de categorização em meio a uma rica examinação de dados, analisando e avaliando de acordo com suas especificidades, desde que focando no objetivo proposto da pesquisa em questão. Assim, diante das classificações feitas, resultou em três categorias: Rótulos e performance de gênero; violência contra masculinidades destoantes e processo formativo de professores. Verifica-se os agrupamentos de tais categorias a seguir.

Quadro 1–Teses e dissertações no banco de dados da CAPES sobre masculinidade e educação, entre 2004 e 2019.

Título da dissertação	Autor/a/es	Localização d base de dados	Tema/ Categoria	Ano e tipo de Trabalho
Sujeitos infantis m Masculinos: Homens por vir? vir?	Bello, Alexandre Toaldo	Capes	Violência contra Masculinidades destoantes	2006- Dissertação
Construindo a Masculinidade na Escola: o colégio Antônio Vieira (1911-1949)	Bispo Junior, Jorge Santana	Capes	Violência contra Masculinidades Destoantes	2004- Dissertação
Masculinidades, Raça e fracasso Escolar: narrativas De jovens em uma Escola pública do Ensino Médio de São Paulo	Brito, Rosimeire Dos Santos	Capes	Violência contra Masculinidades Destoantes	2009- Tese
Coisas de garotos!	Caetano,	Capes	Rótulos e	2016-

Currículos, masculinidade e regulações cotidianas	Márcio; Silva Junior, Paulo M. da; Goulart, Treyce Ellen Silva		Performances de Gênero	Tese
Dois olhares sobre masculinidade no ambiente escolar: Brasil e Espanha	GALET, Carmen; SEFFNER, Fernando	Capes	Processo Formativo de Professores	2016-Dissertação
Homens, Meninos e masculinidades na Escola.	Gama, Juliana F. de A.; Knusdsen, Patrícia P. S	Capes	Rótulos e Representações De Gênero	2015-Dissertação
Butler vs. Bourdieu: uma batalha no reino das práticas.	Nunes, Raul	Capes	Rótulos e Representações de Gênero.	2017-Dissertação
Gênero e cotidiano Escolar: dilemas e Perspectivas da intervenção escolar Na socialização Afetivo sexual dos Adolescentes.	Rodrigo Pereira da R Rosistolato.	Capes	Processo Formativo de Professores	2009-Dissertação
A representação Social e a Masculinidade em Textos de 1840 e 1920 da literatura Brasileira.	Pereira, André Alves; Pontarolo, Fábio.	Capes	Violência contra Masculinidades Destoantes.	2009-Dissertação
Educação, Masculinidade e Cultura do estupro: a Experiência do Debate de gênero e Violência contra a Mulher com os Estudantes das Escolas de Queimadas, na Paraíba.	Pessoa, Domícia; Alencar, Muller Alves		Rótulos e Representações de gênero	2019-Dissertação
Ele queria ser a Cinderela? Construções queer à Leitura das Masculinidades no Ensino Médio.	Silva Junior, Paulo Melgaço; Caetano, Marcio; Goulart, Tryce Ellen Silva	Capes	Processo Formativo de Professores	2018-Tese
Jovens universitários E discursos sobre Masculinidades Contemporâneas	Vitalli, Celso	Capes	Violência contra Masculinidades Destoantes	2008-Tese
“Discretos e Alarmosos”, apenas Os invisíveis serão Aceitos? Violências Relacionadas ao Gênero e a Sexualidade na Escola.	Profírio, Ana Luiza.	Capes	Rótulos e Representações De gênero.	2019-Dissertação

Fonte: dados da CAPES (2024)

Do quadro acima, nota-se que para cada categoria construída, há mais de uma temática ilustrada dentro do que foi selecionado a partir de critérios já mencionados.

Tratando-se da primeira categoria, “violência contra masculinidades destoantes”, engloba teses e dissertações que dão conta em tecer sobre masculinidades no ambiente escolar e seus reflexos no cotidiano dos estudantes. O que se percebe em cada pesquisa, é que esses reflexos, de fato instigam situações de violências ao decorrer dos discursos e que as práticas por sua vez, também são opressoras, mas existindo uma certa resistência de estudantes quanto a essa violência.

Já a categoria “Rótulos e Representações de Gênero” evidencia teses e dissertações que demarcam colaborações de pesquisas abordando como determinadas masculinidades convivem no espaço escolar carregados de diversos estereótipos. Ou seja, espaços educacionais que ainda fortalecem um pensamento heteronormativo, machista sobre alguns corpos destoantes, na tentativa de reprimir suas subjetividades.

Por fim, a categoria com a temática “Processo formativo de professores”, onde algumas pesquisas têm demonstrado que as práticas que reforçam uma masculinidade opressiva podem também estar relacionadas aos(as) professores(as), devido a não haver uma formação continuada e por sua vez, os(as) professores(as) não saberem lidar com determinadas situações, mas reforçam diversas ações preconceituosas ao invés de trazer a luz do debate alguns conhecimentos para desconstrução de conceitos carregados de estereótipos. Logo, no ambiente que deveria ser acolhedor, pode se tornar para muitos sujeitos, um ambiente aterrorizador.

Segundo Louro (2000, p. 63), uma outra reflexão fundamental a pensar nesse sentindo são “as representações de gênero que são facilmente vistas nas escolas pelo comportamento e discursos de alunos, professores e funcionários”. Talvez essa análise dê conta do motivo pelo qual existe diversas teses e dissertações ancorando-se sobre as representatividades de raça, gênero e as performances ou estereótipos.

A instituição escolar, que deveria ser, ao menos, um espaço de acolher os sujeitos, infelizmente, tem sido espaço de exclusões e diversos preconceitos. Muitas das vezes passam por discriminações por serem de outro grupo social, pelo recorte de raça, ou etnia. Essa realidade pode provocar impactos intensos na vida dessas(es) estudantes, induzindo a situações extremadas, como o suicídio. Assim, vamos compreender a seguir cada uma das categorias e refletir as visões de cada estudo pesquisado relacionando com o campo educacional

4.3.1 Violência contra masculinidades destoantes

As teses e dissertações selecionadas, demonstram como a construção de padrões colocados em nossa sociedade, provoca dores, traumas exclusões, subalternizando pessoas, dentre outros. Isso causa nesses sujeitos a sensação de que sempre estão fora, que lugares não lhe pertencem, que não merecem exercer determinadas funções e assim por diante. Gerando, portanto, uma continuidade na reprodução de preconceitos, estereótipos, complexo de inferioridade etc.

“A escola é um espaço multidimensional e constitui um campo central para a vigilância, controle e punição de corpos plurais e indesejáveis”, Foucault (1988, p. 89). Ou seja, a escola também é um espaço que utiliza de mecanismo de poder de maneira sutil para coerção aos sujeitos destoantes às normas impostas em determinado tempo e espaço na sociedade. Segundo Louro (2000, p. 36) os corpos entendidos como masculinos são educados para performar um determinado modelo de masculinidade. A autora compreende que, a instituição escolar reproduz violências de gênero, a contar das práticas pedagógicas até a criação dos currículos

De acordo com Prado e Ribeiro (2010, p. 45) a partir dos estudos de gênero, algumas abordagens ganham força e os autores se abrem a novos métodos como relatos de sujeitos sobre práticas preconceituosas que sofrem diariamente nas aulas de Educação Física. Dizem ser constantemente estigmatizados, se dirigem a eles com apelidos depreciativos e externando ódio e aversão aos que fogem a heteronormatividade. O que acaba por sua vez, de reproduzir práticas homofóbicas em um ambiente que teoricamente seria para ressaltar os direitos democráticos e exercício da cidadania. De acordo com Prado e Ribeiro (2010), ao trazerem uma fala de um ajudante, em que ressalta:

uma prática esportiva predominantemente associada ao universo masculino, a presença de um sujeito que não expresse a masculinidade padrão compartilhada por determinado grupo aciona mecanismos de marcação de diferenças sociais que tendem a rechaçá-lo e registrar seu não pertencimento a determinado contexto. O sujeito construído como “diferente” passa então a ser policiado e, não raro, proibido de acessar espaços comuns ao grupo. Caso sua presença seja “necessária”, motivada por algum interesse maior, como completar o número de jogadores de um time para que o jogo ocorra, a tolerância é instaurada, mas que essa seja constantemente marcada pela abjeção que materialize a diferença do sujeito para com seu grupo (Prado e Ribeiro 2010, p. 100).

Mediante a narrativa abordada acima, entende-se como muitos sujeitos são subalternizados diante de uma masculinidade hegemônica. O gênero entendido como uma constituição “sócio-histórica resultante de muitos comportamentos humanos baseados na postura, necessita de uma abordagem reflexiva”, (Pereira, 2010, p. 101). O pesquisador compreende que atitudes preconceituosas ocorrem por conta das relações sociais entre os indivíduos e que vão externalizando estereótipos principalmente a aqueles que fogem as regras normatizadoras na sociedade da época.

Assim, diante das relações sociais que ocorrem dentro dos espaços educacionais, onde diversas violências são acometidas, rotineiramente jovens estão sendo oprimidos com discursos da masculinidade hegemônica, como se só está fosse possível ser/sentir, Vitelli (2008, p 101).

De acordo com Bello (2006, p. 75) essa, maneira com a qual algumas escolas reproduzem apenas uma única forma de ser homem para os estudantes, demonstra como que ainda estão ancorados dentro de construções idealizadas por correntes essencialistas sobre as normas de gênero binário, para que atenda às suas expectativas.

Essas condutas refletem em violências e estereótipos, com as pessoas que não se enquadram dentro dessas expectativas, reproduzindo normas da masculinidade hegemônica Brito (2009, p. 46). Essa ideia de masculinidade hegemônica, se pauta a partir de uma relação de poder muito próxima entre os gêneros. Para Bispo Junior (2004, p. 128) essa configuração hegemônica, a percepção que se tem é de que todos as características ligadas ao feminino por outros homens, devem ser oprimidos, silenciados, marginalizados.

Os estudos supracitados acima, comprovam a precisão de que possa estar presente as questões de gênero, sexualidades e masculinidades na formação inicial e continuada do docente no intuito de problematizar percepções e capacitá-los para que tenha condições básicas em desenvolver habilidades técnicas de forma didática para os estudantes, é o que veremos logo a seguir.

4.3.2 Processo formativo de professores

Além de ser uma temática pouco discutida nas dissertações e teses, notou-se nas pesquisas que os professores ainda externalizavam a masculinidade ancorada na heteronormatividade, de modo binário e que ainda atribuía papéis de gênero construídos socialmente, contribuindo para cristalizar conceitos e sujeitos no espaço escolar.

Ademais, algumas pesquisas demonstram que diversas práticas preconceituosas tinham como iniciantes, os próprios professores que reforçavam, determinavam as representações de gênero. Contudo, algumas pesquisas fortalecem a importância de uma formação contínua, no sentido de que é fundamental trabalhar com gênero e sexualidades no ambiente escolar.

Uma outra importante pesquisa é a de Galet e Seffner (2006, p 47). A dupla afirma que, “a sala de aula ainda é um espaço de construção do gênero, principalmente no aspecto da masculinidade, além de salientar que a virilidade, tão valorizada em relações sociais”. No entendimento dos autores, o espaço escolar ainda é visto como lugar que pode reforçar preconceitos e fortalecer a ideia de cristalização dos papéis sociais que são determinados social e culturalmente de acordo com o gênero, ou seja, do que é pré-determinado ser homem ou ser mulher. Logo, os autores enfatizam a necessidade de formação inicial e continuada no exercício de poder ter o conhecimento e prática mais inclusiva a respeito dessas questões.

Galet e Seffner (2006, p. 48-49) ainda ressaltam que, é de fundamental importância que os profissionais, sobretudo da área educacional possam continuar a sua formação, uma vez que, abordagens como de gênero e sexualidades possam ser contempladas e outros sujeitos têm a oportunidade de entendê-las seja em sala ou fora dela, com a finalidade de perceber que existe uma ampla diversidade e que esta deve ser respeitada.

De acordo com os estudos de Rosistolato (2009, p. 14) que demonstra como muitos professores têm uma visão tão heteronormativa sobre as temáticas de gênero, e que ainda são carregadas de falas no tocante a sua religiosidade. Em seus estudos, o autor traz a narrativa de uma das pessoas entrevistadas reproduzindo o preconceito, que diz o seguinte em relação aos “trabalhos femininos”. Conforme afirma que:

É possível ser professora pela manhã, sem deixar de ser esposa e mãe durante o resto do dia, o que ameniza possíveis conflitos ocasionados pela opção feminina pelo trabalho fora do lar. Além disso, a profissão é vista como uma extensão do trabalho feminino dentro do lar: o cuidado e a educação das crianças (Rosistolato, 2009, p. 15).

O autor apresenta uma discussão de gênero trazida pelos valores, culturalmente construídos dos professores que, historicamente, foram valorizados em detrimento de outros, não compreendendo outros conhecimentos sobre os sujeitos.

Algumas pesquisas ainda sinalizam a continuidade de práticas de violências muita das vezes, proferidas por profissionais da educação na defesa única de haver a masculinidade hegemônica dentro dos espaços educacionais. Sendo assim, a “escola cria a norma, é guardiã da norma, tem em seu ambiente discursos e práticas (algumas das vezes, ao que tudo indica, tratando com desimportância) que normalizam” Silva (2018, p. 57).

De acordo com Moreira e Candau (2003, p. 18) infelizmente discussões de assuntos no que concerne a gênero e sexualidades ainda são entraves no ambiente escolar, já que essa instituição ainda é vista como maneira homogeneizadora sobre os indivíduos e para que ocorra um rompimento de como paradigmático, a luta deve ser em conjunto, desde as elaborações das práticas pedagógicas, como por exemplo, o Projeto Político Pedagógico (PPP) onde a unidade escolar já planeja o que será executado ao longo dos bimestres anual, nesse sentido os autores reforçam ainda que,

A escola sempre teve dificuldade de lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e ao cruzamento de culturas, constitui o grande desafio que se costuma enfrentar. (Moreira; Candau, 2003, p. 161).

Nesse sentido, percebe-se a importância das escolas em não se silenciar sobre esses temas, compreendendo que dentro desses espaços existem sujeitos complexos e que precisam de serem respeitados dentro de suas pluralidades, e não serem enquadrados dentro de padrões e opressões que os violentam, que tornam seus corpos e mentes entorpecidos pela dor de ser quem são.

A seguir, essa pesquisa mostrará alguns trabalhos científicos que citam algumas dessas práticas violentas cotidianas de opressão que invisibilizam, excluem e negam a existência de sujeitos, especificamente aqueles que não atendem as normas estabelecidas em um tempo e em determinada sociedade.

4.3.3 Rótulos e representações de gênero

De fato, alguns estudos têm demonstrado que o ambiente escolar tem reproduzido forte controle sobre as práticas rotineiras da masculinidade. Bispo Junior, (2004, p. 102), por exemplo, aponta como o jeito de se vestir, os gestos performados por jovens nas escolas do Ensino Médio, a maneira de como andar, dentre outros, ainda são

formas de opressões que rotulam negativamente homens quando exercem uma masculinidade mais ligada as características ‘femininas’.

para muitos desses jovens, o que resta é manter as normas de gênero, mas, ainda assim, existe jovens que transgredem a essas normas estabelecidas (Juliana Gama; Patrícia Knusdsen, (2015, p. 34). de acordo com Paulo Silva Junior (2014, p. 95-96), “Há uma grande preocupação em criar regras que integrem os corpos de homens ao essencialismo biológico e racial”.

Pensando de uma forma interseccional as masculinidades, a pesquisa de Brito (2009, p. 19), demonstra que “o reforço do gênero masculino ou da masculinidade é relacionado com conceitos como juventude e raça no intuito de acessar símbolos culturais nos discursos dos alunos que compõem masculinidades”. No esforço de seus estudos, o autor pôde detectar que os estudantes externalizavam o que pensavam em relação ao gênero conforme o que se pensava de maneira heteronormativa sobre ser homem e a forma de que jeito era esperando de acordo com os valores e normas estabelecidas ou modos mais quistos no espaço escolar.

Ademais, Brito (2009, p. 22) em sua pesquisa, identificou que estudantes faziam performances a partir do que era mais aceito naquele lugar. O pesquisador ainda fornece mais informações a respeito da naturalidade assistida pelos estudantes de acordo com práticas do ser “macho”. Traz-se no trecho abaixo essas falas de modo mais evidenciado. Conforme Caetano (et al, 2019):

Ainda que, em geral, na localidade em que se insere a escola, os arranjos familiares fossem distintos daquele preconizado pela colonialidade judaico-cristã e burguesa (pai, mãe e prole), eles eram encarados como ilegíveis aos/as estudantes. Para eles(as), o arranjo que não respeitasse o que era prescrito no modelo tradicionalmente apresentado não era legítimo (Caetano et al, 2019, p 134).

De maneira geral, no trecho é evidenciado como que os estudantes, ao mostrar uma masculinidade hegemônica, são mais aceitos e “bem-vistos” pelos grupos e espaços de maneira geral. No entanto, para outros que destoam daqueles rituais de performances da masculinidade hegemônica, são tratados e vistos como inferiores. Assim, o autor identificou através de dados que, possivelmente aludem aos estereótipos sofridos por diversos estudantes no ambiente escolar. Sempre excluem rapazes que tem trejeitos ditos afeminados, que se permitem a uma determinada “fragilidade”, etc.

Contudo, diante das análises das pesquisas apresentadas, constata-se que, as masculinidades sempre estão ancoradas a estereótipos que são (re)construídos no ambiente escolar. Entende-se nas pesquisas levantadas, a preocupação que os autores têm de haver uma formação inicial e continuada para a desconstrução de pensamentos heteronormativos. Nesse sentido, as práticas heteronormativas em relação as masculinidades e do gênero, ocorrem também por professores constantemente, muita das vezes, se omitindo perante a ações de opressões ofensas mascaradas de brincadeiras Profírio (2019, p. 29).

De acordo com alguns estudos levantados, Galet e Seffner (2006, p. 773) demonstram os resultados em suas pesquisas de quando a escola proporciona “a experimentação, por meninos e meninas, de novos roteiros de gênero, por vezes invertendo os papéis tradicionais”. Quando ocorre essa oportunidade de cada estudante vivenciar a ampla diversidade, a escola se torna um meio poderoso na luta contra a violência de gênero Alencar (2019, p. 49).

Nesse sentido, esse trabalho apresenta, a seguir, a importância de as escolas brasileiras trabalharem com a temática das masculinidades, uma vez que, para construir uma sociedade livre de preconceitos, que tenha respeito às diferenças, que haja harmonia no convívio com diferentes indivíduos, a instituição educacional deve oportunizar estudantes a conhecer distintas percepções para que iniba as práticas de preconceito e violência no ambiente escolar e fora dele.

5. DA EDUCAÇÃO NO BRASIL AO SERTÃO PETROLINENSE

A escola é um espaço multidimensional e constitui-se em um campo central para identificar que foi organizado como um território de disputas, que passa pelas tensões relativas às relações de gêneros e de poder, por exemplo. Para Louro (2002, p. 47) a escola participa da construção das subjetividades, na maioria das vezes, defendendo modelos hegemônicos de ser homem e de ser mulher.

Louro (2002, p. 32) demonstra como as relações de gêneros e sexualidades nas escolas permitem questionar de que forma as produções científicas podem influenciar na prática pedagógica. A autora reforça que não se pode desconsiderar que existem diversidades de produções e discursos quando se trata de gêneros e sexualidades no âmbito escolar, uma vez que influenciam as práticas pedagógicas.

Segundo Louro (1997, p. 34), compreender esses discursos denominados por ela de “Pedagogias das Sexualidades”, fazendo com que, por meio de subordinação de corpos, do controle nas ações comportamentais, atribuindo aos sujeitos normas de papéis gênero determinados socialmente. Consequentemente, tais práticas, segundo a autora, acabam excluindo, marginalizando aqueles que fogem a normas do processo naturalmente concebido.

Louro (2002, p. 34-35), chama a atenção para a real necessidade da formação continuada dos professores de todos os níveis de instituições educacionais para que possam promover diálogos acerca de gêneros e sexualidades, sobretudo, nos espaços educacionais. Ademais, a autora reforça que, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) orientam que deve se abordar sobre a educação sexual e que faça parte do currículo e práticas pedagógicas, no intuito de reduzir as desigualdades de gênero.

Nesse sentido, as escolas se instituem como espaços não só políticos pelos quais colaboram na criação de identidades por meio de padronizações pedagógicas: “a pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura” Louro, (2000, p. 10) estando constantemente presente nos espaços educacionais.

Logo, a escola é projetada em ser esse espaço de criação de identidades e sexualidades como enfatiza. Louro, (2000, p. 81), “a escola não apenas reproduz, mas reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade”. Diante disso, a autora compreende a escola como um espaço que também dita, normatiza e aplica, as regras do que é ser, por exemplo, menino e menina, não sendo concebido existir uma

prática educacional de forma estritamente “neutra”. Nesse sentido, de acordo com Freire (1993, p 13) pensar em uma prática pedagógica é entender que ela não pode ser uma ação que reforce uma identidade homogênea dos sujeitos e sim, que haja as pluralidades e subjetividades dos sujeitos no espaço escolar.

Sobre o indivíduo universal, de acordo com Hall (2006, p. 53) é uma criação específica no período da sociedade moderna, demonstrando que a identidade é uma relação de construção social, de maneira ideológica e política tendo a abertura para múltiplas identidades.

Reis e Vanderleia (2022, p. 15-16) essa compreensão de forma plural sobre as múltiplas identidades, são consequências de sujeitos pós-estruturalistas, que se formaram a partir de percepções teóricas, abordando as mais diversas narrativas e relações sociais e culturais, perpassando inclusive, as relações de poder. O autor, compreende que esses sujeitos são constituídos por diversos atravessamentos categóricos como, etnia, raça, orientação sexual, religião, dentre outros.

Sobre os entraves pelas quais diversos sujeitos passam em muitos espaços, Reis e Vanderleia (2022, p. 16) elucidam os consecutivos desafios da educação contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro, revelando como o processo de colonização no Brasil trouxe efeitos sobre o currículo escolar, ainda eurocêntrico, que hierarquiza, (de)marca corpos, (re)produz saberes e discursos que findam na segregação de sujeitos.

Os(as) autores(as) demonstram que atualmente, existem discussões teóricas da corrente pós-estruturalista que se refletem nos currículos e chamam a atenção para a necessidade de formular um currículo escolar decolonial, ou seja, que os sujeitos sejam levados não a um pensamento que se prenda a um modo reducionista ou universal de pensar (lógica da modernidade capitalista) e, sim, que se abra para a autonomia do pensar, por uma pluralidade de vozes, contextualizando o contexto desses sujeitos, potencializando a produção dos sentidos e os caminhos para chegar nesses e que suas subjetividades sejam respeitadas.

A partir da visão dos autores, atualmente é imprescindível que a escola se atente com o desenvolvimento de um sistema de ensino relacionado com os problemas da sociedade atual, não reforçando um currículo fragmentado e descontextualizado da realidade. Assim, para que se desperte a capacidade crítica dos sujeitos ao analisarem as informações que recebem, parafraseando Reis e Vanderleia (2022, p. 67), é de fundamental importância “a compreensão de diversos campos do conhecimento, seja

filosófico, político, histórico, cultural entre outros”. Dessa maneira, a construção do conhecimento deve ocorrer coletivamente e estar voltada para a valorização de todo o conhecimento que os diferentes grupos trazem para a sala de aula, enriquecendo muito mais o processo de ensino e aprendizagem escolar.

Reis; Vanderleia (2022, p. 71) (re)lembra que, “as narrativas presentes no currículo, que ainda são praticados nas educações do Semiárido, ainda provocam distanciamento entre os conteúdos e os contextos de vivências dos alunos”, no entendimento dos autores, o currículo ainda não atende as especificidades e saberes contextuais dos sujeitos, reproduzindo narrativas de um ser universal e global.

Corroborando com a reflexão desses autores, é importante enfatizar como a educação é um espaço não só de conflitos, mas, sobretudo, de poder. Logo, essas instituições de ensino são postas em disputas a partir de diversos interesses e, o currículo, será o ponto central que irá nortear os interesses das classes dominantes de determinada época e espaço. Assim, também acontece com as teorias e ou tendências pedagógicas que são um conjunto dos pensamentos de filósofos e autores que falam de como educação deve ser feita em sua prática.

A seguir, apresento alguns dados sócio-históricos da educação em Petrolina-PE, abordando os diversos aspectos como; economia, turismo, infraestrutura, educacional, dentre outros que acabam refletindo na estrutura educacional e nos modos operandi teórico-metodológicos.

5.1 No torrão do sertão: Petrolina na trilha do Semiárido brasileiro

A cidade de Petrolina-PE está localizada na sub-região do sertão pernambucano, fazendo divisa com a cidade de Juazeiro-BA, que se encontra no Norte baiano. A cidade interiorana tem se destacado por seu rápido desenvolvimento nas mais diversas áreas como; na economia, crescimento das indústrias, na produção de frutas irrigadas com destaque na produção de vinho, ampliação de Universidades, dentre outras. (Brasil, 2022c, p. 1)

De acordo com o site do Governo Federal INSA²³(Instituto Nacional do Semiárido - INSA, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; e Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste do Ministério do Desenvolvimento Regional) o semiárido

²³ Endereço eletrônico: <https://www.gov.br/insa/pt-br/semiarido-brasileiro> Acesso em: 01 março de 2024.

contém 1.262 municípios. Já a área territorial do município até 2021, é de 1.318.750km², abrangendo uma população considerada de 27.830.765 de habitantes, com base na Resolução CONDEL/SUDENE Nº 150/2021, e de acordo com a segmentação entre a zonas urbanas é de (63%) e das zonas rurais é de (37%), considerado um dos semiáridos com mais povoamento (Brasil, 2022c). A quantidade de municípios e seus respectivos estados são: 38 em Alagoas, 283 na Bahia, 171 no Ceará, 16 no Maranhão, 186 na Paraíba, 137 em Pernambuco, 215 no Piauí, 141 no Rio Grande do Norte e 23 em Sergipe.

Diante disso, o bioma da caatinga se caracteriza na Região Nordeste de nosso país, apresentando um clima semiárido, evidenciando que 82% do solo dessa região demonstra estar com baixa aptidão produtiva, tendo a escassez das chuvas por uma boa parte do ano.

Segundo o *site* da prefeitura de Petrolina-PE, que contém algumas perspectivas sobre a origem do nome da cidade, como por exemplo: uma homenagem ao conhecido historicamente “Imperador Dom Pedro II e sua esposa Dona Leopoldina; uma história do aparecimento de uma pedra linda que existia na margem do rio, essa pedra foi afastada para a constituição de um dos enormes monumentos históricos da cidade”, a Igreja Catedral. O polígono também era chamado de Passagem de Juazeiro, por conta de ser caminho para a vizinha que fica na outra na margem oposta do Rio São Francisco (Petrolina, 2021).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população de Petrolina em 2021 era de, aproximadamente, 386.372 pessoas, tendo 64,44 hab/km² de densidade demográfica, onde se divide em 75% urbana e 25% rural, em 2010. Assim, expressa 72,7% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 91,9% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 8,7% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada, ou seja, com a presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio (Brasil, 2021b).

De acordo com o Censo do IBGE em 2022, na cidade de Petrolina, em relação a cor e raça, declarou-se, majoritariamente mais de 71,4% como preta ou parda, o que resulta num total de 276.034 pessoas no município. Segundo os dados do censo e de estimativas populacionais, a autodeclaração de cor e raça segue uma distribuição que reflete na diversidade étnica do Brasil, com uma significativa proporção de pessoas que se identificam como pardas (mistura de brancos com negros, negros com indígenas) e uma menor ainda relevante, parcela que se identifica como preta.

Essa composição é importante para a formulação de políticas públicas que visem à promoção da igualdade racial e ao combate à discriminação, além de oferecer um

panorama mais evidente sobre a diversidade demográfica de regiões como o Nordeste brasileiro. (Petrolina, 2021).

No que se tange ao Produto Interno Bruto (PIB) per capita, no ano de 2020, tem-se o valor de R\$ 19.416,68. Já no que se refere ao trabalho e renda, em 2020, o salário médio mensal foi de dois salários-mínimos, sendo que apenas um salário era R\$ 1.212,00. Assim, 70.500 pessoas estavam ocupadas, profissionalmente por meio formal, sendo 19,9% o percentual de pessoas ocupadas em relação à população total. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, são 39,8% da população nessas condições. (Petrolina, 2021).

No que condiz aos indicadores educacionais, apresenta-se o quadro com os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de Petrolina, do estado de Pernambuco e do Brasil. O IDEB, criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), opera como um indicativo nacional que proporciona o seguimento da Educação a partir de dois critérios fundamentais: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo INEP, compreendendo que o esforço é medido pela Prova Brasil, nas escolas municipais, e pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que avalia estudantes dos quinto e nono anos do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio, realizados a cada dois anos. Os índices de aprovação, por sua vez, são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente (Brasil, 2018).

Os resultados educacionais no Brasil são frequentemente avaliados através de indicadores que permitem comparações entre os municípios e escolas. O IDEB é calculado com base no desempenho dos estudantes em avaliações de larga escala, como a Prova Brasil e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), juntamente com taxas de aprovação escolar. Ele é uma importante ferramenta para medir a qualidade da educação nas escolas públicas do Brasil.

Quadro 2 – Quadro comparativo do IDEB – 2019

Faixas de ensino	Petrolina	IDEB-PE/ IDEB BRASIL	
Ensino Fundamental- anos iniciais	6,2	5,1	5,7
Ensino Fundamental- anos finais	5,0	4,5	4,6
Ensino Médio	4,6	4,4	3,9

Fonte: INEP (BRASIL, 2022a), elaborado pelo autor

A partir desses resultados educacionais concebidos através do INEP, a partir dos quadros comparativos a seguir, é concebível atentar que o IDEB de Petrolina, da escola pública, é ainda assim, superior nas três faixas de ensino ao IDEB do estado de Pernambuco e do Brasil, em 2019. De outro modo, fazendo o comparativo de 2019 para uma melhor avaliação acerca de mudanças, um outro dado do IDEB é referente ao ano de 2021 da educação pública em Petrolina, em Pernambuco e no Brasil, que apontou que apontou para esses dados:

Quadro 3 – Quadro comparativo do IDEB – 2021

Faixas de ensino	Petrolina	IDEB-PE/IDEB BRASIL	
Ensino Fundamental- anos iniciais	5,7	5,3	5,5
Ensino Fundamental- anos finais	4,9	4,8	4,9
Ensino Médio	4,2	4,4	3,9

Fonte: INEP (BRASIL, 2022a), elaborado pelo autor

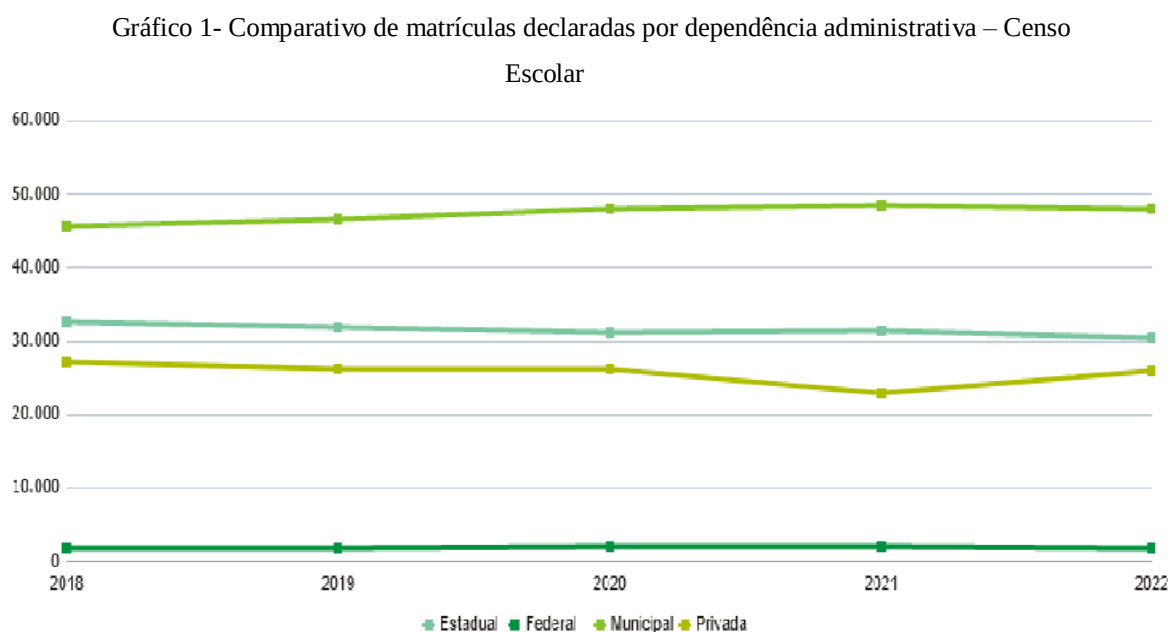
Diante dos dados acima pesquisados, é importante perceber que o índice do IDEB de Petrolina, no ano de 2021, permaneceu maior do que o IDEB de Pernambuco e do Brasil, exceto no que tange ao Ensino Médio, que decaiu em 0,2% em comparação ao índice do IDEB de Pernambuco. Os dados sobre a educação em Petrolina têm se destacado no cenário estadual em termos de desempenho educacional. Em comparações recentes, as escolas públicas de Petrolina têm alcançado índices superiores ao de muitas outras cidades do Estado.

Alguns fatores contribuíram para esses resultados como: a gestão escolar, que podem ter influenciado significativamente nos resultados e desempenho escolar; o investimento em educação, pensamento inclusive, na estrutura escolar, na formação de professores, na integração de recursos didáticos que são essenciais para melhorar a qualidade do ensino; o engajamento da comunidade com uma participação ativa dos pais ou responsáveis e da comunidade escolar pode ajudar na criação de um ambiente mais favorável ao aprendizado; as políticas públicas locais também podem somar, aderindo programas e políticas de forma específicas implementadas pelo município para melhorar a educação, podendo ter um impacto direto nos resultados.

No que condiz aos números de matrículas no Município de Petrolina, no ano de 2021, foram 59.718 estudantes no Ensino Fundamental, 16.672 estudantes no Ensino Médio. Quanto a dados de docentes no município em 2021, tem-se: 2.251 no Ensino

Fundamental e 993 no Ensino Médio, que lecionam em 176 escolas de Ensino Fundamental e 54 escolas de Ensino Médio.

O município possui, para abrigar a totalidade de sujeitos acima apresentada, 48 escolas estaduais, 125 escolas municipais e 156 escolas particulares, de acordo com os dados do INEP (Brasil, 2022a). Abaixo o gráfico demonstra as informações das matrículas dos estudantes nas unidades de ensino federais, estaduais, municipais e privadas no município de Petrolina, entre 2018 e 2022.



Diante do quadro comparativo apresentado no gráfico (1), e que sendo produzido pelos dados do Censo Escolar do INEP, entende-se que as matrículas escolares na cidade de Petrolina mostram que tiveram uma estabilidade no que tange ao número no período que determina a pesquisa entre (2019-2022), com os estudantes das escolas municipais em maior número no município.

De outro modo, também é percebido que a diminuição do número de matrículas na rede privada do Município, em meados do segundo semestre de 2020, ao passo que, houve um aumento de matrículas de estudantes nas escolas públicas municipais da cidade. Um dos fatores para essa queda, possivelmente pode ter sido por conta do fator pandêmico da Covid-19 (Coronavírus SARS-CoV-2). A pandemia provocou diversos impactos e desdobramentos, inclusive, com novas formas de convivências sociais, refletindo assim, no modo de organização e planejamento escolar.

Além disso, esse período contribuiu para a desestabilização financeira não só de instituições como a educação, famílias, bem como, a sua manutenção.

Segundo Albuquerque Júnior (2010, p. 14), ainda no século XX, era exclusivo apenas ao homem ser o provedor de suas famílias. No entanto, com a modernização, mudanças através de movimentos sociais, e produções acadêmicas, mulheres veem conquistando espaços que não eram dados as mesmas. Nas cidades interioranas, isso era/ é bastante evidente, pois, há/havia a construção estabelecida de como deve ser e agir o homem macho e isso trouxe muitos reflexos no cotidiano desses sujeitos.

4. Região Nordeste: “homem macho, sim senhô!”

A música “mulher macho, sim senhô”, cantada pelo considerado o rei do baião, Luiz Gonzaga, tornou-se bastante conhecida, além de fortalecer a imagem no Nordeste, sobre homens e mulheres. Contudo, faz-se necessário contextualizar a canção. Para isso, o historiador Boris Fausto (2009, p. 26) aponta que, a música é alusiva ao período da Revolução de 1930, devido a um movimento armado encabeçado por algumas oligarquias poderosas do período que deflagraram um golpe de Estado, retirando o então Presidente da República Washington Luís do poder, que de fato havia sido eleito pelo povo, declinando com a República Velha.

Por mais que Luiz Gonzaga em sua canção apontasse o estado da Paraíba, se referindo “mulher macho, sim, senhô”, por ser um lugar muito resistente, forte por ter deflagrado uma guerra na década de 1930, o que muitos críticos tecem a crítica é, justamente porque a mulher a qual o artista menciona, sempre é vista com adjetivos alusivos ao homem, como a força. O que se aponta de fato é que a música reforça uma suposta superioridade do homem sobre a mulher, o que desemboca nas desigualdades de gêneros e reforça um ideal de ser homem no Nordeste brasileiro.

A questão que se coloca no momento é, quando e de que forma surgiram esses modelos de masculinidades contendo características citadas acima? Esse modelo é reproduzido na cidade de Petrolina? De que forma e quem reproduz esses discursos e práticas? Para tentar responder a essas e outras inquietações Albuquerque Júnior (2013) evidencia que por todos os lados ouvimos que somos uma sociedade de cabras machos, de cabras da peste. Mas o que é ser macho? Através de que traços nós delineamos e definimos o perfil de um macho?

Albuquerque Júnior (2013, p. 14) traz em seus estudos diversas perguntas no sentido de tentar compreender que “macho” é esse que tanto se expandiu no Nordeste brasileiro? Logo, o autor demonstra como existe um ideal de corpo do homem, um modelo de corpo que não pode de jeito algum ter traços ou atitudes estabelecidas como feminina, como demonstrar sentimentos, não deve chorar, etc. Pelo contrário, deve ser forte, sem deixar mãos na delicadeza, viril, rústico, quase numa condição de natureza. Ainda nas palavras do autor. Nesse sentido,

“Um macho não deixa transparecer publicamente suas emoções e, acima de tudo, não chora, não demonstra franquezas, vacilações, incertezas. Um macho tem opiniões firmes e incontestáveis, tem uma só palavra a, não aceita ser contrariado ou contestado, notadamente por mulheres. Um macho não adoece, não tem fragilidades nem físicas, nem emocionais, frescuras. Um macho sempre sabe o que faz, aonde quer chegar e aí daquele que se colocar em seu caminho. Um macho é um ser competitivo, está sempre disputando com outros machos a posse das coisas e das pessoas. Um macho é objetivo, racional, até frio e cruel, calculista, não se deixando levar por sentimentos. Um macho é desleixado, sem vaidade, é um homem natural, sem artifício, sem polidez” Albuquerque Júnior (2010, p. 14)

Albuquerque Júnior (2010, p. 15) evidência em sua pesquisa que, esse é o modelo delineado demonstrando um conjunto de enunciados imagéticos que anuncia normas e signos que se expandiram socioculturalmente em nossa sociedade. Logo, o autor entende que durante muito tempo, o enfrentamento dos movimentos feministas era em oposição as definições dos papéis sociais de gênero estabelecidos culturalmente numa sociedade majoritariamente judaico-cristã e de cultura marcadamente burguesa. “O combate à definição do masculino que fabrica machos passa por uma politização dos próprios corpos masculinos. O corpo masculino sempre foi pensado como instrumento da política” Albuquerque Júnior (2010, p. 14).

Dento dessa perspectiva, na obra “*A Criação do Patriarcado*”, de Lerner (1990, p. 16) indica diante de fatos históricos, que essa construção imagética carregadas de símbolos do ser nordestino, foi desenvolvida através do patriarcado, assumindo status de verdade, seja a forma de como deviam-se comportar, quais gestos usar, os hábitos masculinos e quais crenças e valores deveriam seguir. Saffiotti (2015, p. 22) demonstra que o patriarcado, conseqüentemente, fortaleceu-se como um sistema de dominação, intensificando a divisão sexual do trabalho e facultando o poder do homem sobre a mulher.

Outros fatores também ajudaram a fortalecer um ideal de masculinidade hegemônica, segundo Albuquerque Júnior (2013, p. 17) foram as “guerras e conflitos sociais de toda ordem, as revoluções no Ocidente sobretudo, durante o século XX, estiveram apoiadas numa mística da virilidade, da força, da valentia, da coragem, uma idolatria do masculino guerreiro”. Em seus estudos, o autor demonstra que, a valorização de um corpo sarado e sadio eram os modelos da época a serem aceitos nas arenas para se ter a certeza da violência e do controle aos dominados.

Albuquerque Júnior (2013, p. 19) evidencia que, mediante o contexto e o espaço, as relações sociais entre os sujeitos podem variar e que cada grupo cria seu padrão de masculinidade. Se tratando da região Nordeste, o autor demonstra como isso ocorre através de signos e das particularidades da região. De acordo com (Guattari, Rolnik, 1999, p. 31-32) “cada região tem suas peculiaridades e, é essencialmente fabricada e modelada no registro social. Nessa lógica, se constituiu para o nordestino uma identidade naturalista e determinista, que estereotipa, que ultrapassa a territorialidade”.

Albuquerque Júnior (2010, p. 22) enfatiza que, geralmente todas as regiões têm em comum de forma majoritária, a reprodução de que não cabe ao homem ter autos cuidados, como: cuidar do corpo, de sua saúde, uma vez que, esses atributos são praticados e típicos do sexo feminino. Nas palavras do autor, se o homem detiver quaisquer características relacionadas a mulher, seu sexo será colocado em desconfiança de sua real masculinidade, o que deixaria sua identidade supostamente inquestionável, agora frágil.

De acordo com os dados do (Brasil 2020), tem ocorrido muito mais mortes dos homens em idade mínima do que com as mulheres, já que, muitos deles perpetuam a ideia de que não precisa cuidar de si. Com base em dados reais de 2020, “a pesquisa online abrangeu 22 estados da federação e teve 499 participantes. Dos entrevistados, 75% tinham mais de 40 anos, 77% eram do sexo masculino, 2,18% já tiveram um diagnóstico de câncer de próstata e apenas 6%”. Percebe-se através desses dados que os homens assumiram que cuidar da saúde não era prioridade rotineiramente.

Esses dados relacionam com a pergunta feita a priori nesse subtópico, baseada em Albuquerque Júnior (2010, p. 17), que “macho” é esse que tanto se expandiu no Nordeste brasileiro? Para tanto, é necessário fazer uma abordagem histórica, contextualizando os fatos históricos, a respeito de como se deu a construção do termo Nordeste e nordestino e suas redes discursivas.

Para relacionar a região nordestina, procurou-se um modelo de homem compatível as redes discursivas que Albuquerque Júnior (2010, p. 83), traz sobre “*a emergência da lógica da Convivência com o Semiárido brasileiro e a construção de uma nova territorialidade*”. Já Luzineide Carvalho (2011, p. 33) entende que, de fato existem territórios estáveis e instáveis climatologicamente, podendo ter, inclusive, curtos ou longos intervalos de chuvas, evidenciando-se que ao longo do século XX, esse fator possibilitou o estabelecimento de fronteiras territoriais no Semiárido brasileiro. A autora demonstra, através de dados estatísticos, que a média de chuvas anuais nessa região em comparação com outras partes do mundo, a precipitação de chuvas pode ser até maior em algumas vezes.

Diante das situações apontadas, em nome do desenvolvimento, ocorreu um imenso aumento de crédito com as políticas públicas, proporcionando a realização de muitas atividades econômicas, que irão reverberar em feitura de obras públicas no intuito de modernizar a região, inclusive, na acumulação de águas provenientes das chuvas em reservatórios, como forma de garantir o abastecimento. Carvalho (2011, p. 34)

Em contraste com a realidade, Carvalho (2011, p. 35) assinala indicadores sociais que demonstram a imensa falta de acesso das pessoas a serviços e infraestrutura, ampliando cada vez mais as desigualdades socioeconômicas, sociais e educacionais, deixando ainda mais evidente as disparidades regionais.

Segundo Carvalho (2011, p. 36), a elite brasileira do século XX, criou uma imagem do Semiárido Brasileiro enquanto espaço de seca, de miséria, de calamidades, da pobreza, do ambiente difícil para se viver, além da proliferação de discursos de ódio ao sertanejo. Com uma rede de práticas discursivas, a região do Nordeste brasileiro foi sendo reconhecida como lugar de seca, miséria, da fome, lugar padecido “O Nordeste precisava de um novo homem capaz de resgatar essa virilidade, um homem capaz de reagir a esta feminização que o mundo moderno havia trazido” Albuquerque júnior (2010, p. 90).

Dessa forma, denota-se o perfil do homem que deveria simbolizar de forma homogênea o ser masculino, ou seja, que fosse forte, que demonstrasse ser violento, falasse grosso, atendendo ao caráter da masculinidade nordestina construída na época. Inclusive, a expressão “cabra macho” representava a essa emergência para se formar essa

imagem. Outras imagens foram se perfazendo do nordestino com os elementos necessários para simbolizar- o sertanejo, o praieiro etc. Albuquerque júnior (2010, p. 90).

Em seguida, abordo como é viver numa cidade interiorana e de que forma os sujeitos que nelas moram e que estão fora dos padrões de masculinidades impostos, convivem no cotidiano, inclusive escolar.

5.3 Masculinidades e educação na Califórnia Sertaneja

Diante da construção de uma masculinidade hegemônica na região nordestina, nascer numa cidade interiorana do sertão no Nordeste brasileiro com diversas características que fogem as normatividades que são impostas dentro da sociedade, como; ser negro, candomblecista, nordestino, indígena, com baixo poder aquisitivo, LGBTQUIAPN+, obeso, dentre outros, não é nada fácil. Muitos desses sujeitos estrategicamente ou não, recuam, outros enfrentam modelos (hetero)normativos como se fossem soldados que amam e assumem sua identidade até a morte. Rios (2022, p. 22) com base em *Foucault* compreende que nossos corpos estão a todo momento em vigilância, sendo controlados, disciplinados enquanto demarcadores sociais, e que esses nos atravessam a partir de intersecções bem evidenciadas, principalmente em cidades interioranas.

Em muitas cidades pequenas, onde as pessoas se conhecem, pode haver uma maior pressão social e uma forte expectativa para que os homens adiram a papéis de gênero construídos culturalmente. Isso pode incluir ser o principal provedor da família, exibir força, resiliência emocional, e participar de atividades consideradas “masculinas” como esportes, pesca, caça, ou trabalhos manuais. Isso porque, a estrutura econômica de muitas cidades interioranas é frequentemente baseada em agricultura e pequenas empresas familiares, podendo reforçar papéis de gênero, como por exemplo, homens provedores e mulheres como cuidadoras (Rios, 2022, p. 22).

Reforçando essa ideia de que existe um esforço das estruturas manter o seu poder, inclusive relacionado as hierarquias de gênero, a teoria geral dos Campos segundo Bourdieu (2014, p. 83) está ligado a compreensão da realidade petrolinense. Para o autor, os campos possuem autonomia, porém, essa autonomia é relativa, pois os campos exercem relações de força/poder sobre outros campos. Bordieu (2014, p. 88-89)

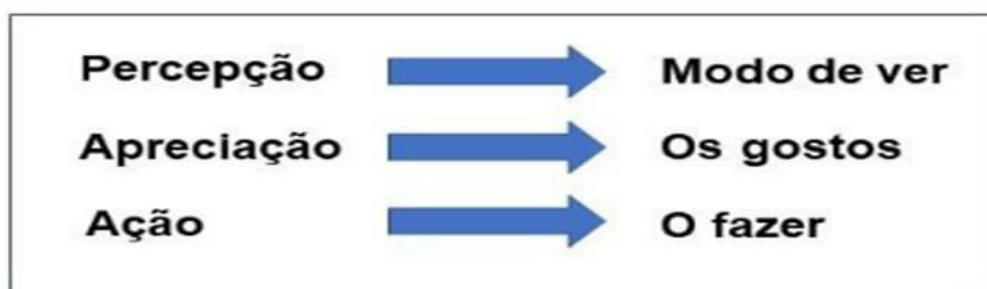
debruçou-se em diversos campos para compreender melhor a realidade, dando conta do campo jurídico, religioso, cultural, educacional, econômico, entre outros campos.

Diante disso, a Educação é o campo educacional que atravessa diversas questões subjetivas, que pode ser explicada segundo Bourdieu (2014, p. 45) como um *habitus* que explica toda a subjetividade humana, o modo de pensar relacional e as relações de conflitos que atravessam o sistema educacional, inclusive os que tange às masculinidades e educação. Sobre isso:

É assim que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. Bourdieu (2014, p. 11)

Se compreendermos um campo, poderemos entender como se comportam outros campos. De acordo com estudos de Bourdieu (2014) os campos são porosos, eles podem ser interseccionados, pessoas de um campo pode transitar e fazer parte de dois ou mais campos. Contudo, cada indivíduo terá um comportamento diferente, o que irá definir essa participação é o *habitus*, que segundo Bourdieu (2014, p. 23) está ligado a estruturas estruturantes e estruturadas, que são histórias incorporadas ao longo do tempo nos campos. No *habitus* existem às categorias de: apreciação, percepção e ação dentro dos campos. Na figura abaixo podemos compreender melhor relações que se estabelece os *habitus* dentro dos campos.

Figura 01- *Habitus*



Fonte: Elaborado por Almeida (2022) a partir de Bourdieu (1989)

O *habitus* de acordo com Bourdieu (2014, p. 25) explica toda a subjetividade humana, transmite os métodos de pensar. No campo científico, os *hábitus* direcionam o

pensar relacional, referente a escolhas de problemas, de categorias de análise, a fazer as escolhas dos instrumentos de pesquisa, nos campos existem os agentes e as instituições que exercem o espaço de relações, de força, de conflitos, de posições sociais, de capital financeiro, o que o autor vai chamar de sociologia Reflexiva.

Se tratando do campo educacional, pode-se perceber todas essas relações, daí a importância de se apropriar de tal teoria para a compreensão epistemológica/acadêmica educacional para se pensar as formas de escolarização e a cultura escolar que sofrem influências de outros campos, e que apresentam nuances subjetivas que podem ser explicadas pelos *habitus*, este ligados as normas e práticas dos agentes que fazem parte do campo educacional.

O pensamento de Bourdieu pode ser relacionado, portanto, com os estudos das masculinidades abordados por Connell (2003, p. 44) no sentido de que, ajudam a compreender um dos motivos pelos quais, para homens que moram em cidades interioranas como em Petrolina, a pressão social, ainda pode ser maior. A autora, demonstra como muitos homens se esforçam para atender às expectativas de um modelo hegemônico de masculinidade para serem mais aceitos socialmente.

De acordo com Connell (2003, p.55), esse modelo hegemônico de masculinidade contém características como força física, independência emocional, agressividade e sucesso econômico. A autora entende que, ainda existe a ideia de que, homens que se alinham a esses padrões tendem a ser mais valorizados em certos contextos sociais e culturais.

Por outro lado, Connell (2003, p 54) evidencia que homens que não se encaixam nesses padrões muitas vezes buscam resistir a essas normas hegemônicas. A resistência pode se manifestar de várias formas, como a rejeição de comportamentos e atitudes tradicionais associados à masculinidade, a adoção de práticas que promovam a igualdade de gênero e a participação em movimentos que desafiam as expectativas convencionais de gênero.

No entanto, a autora chama a atenção de como que a pressão não é uma regra universal e pode variar amplamente de acordo com a região, o desenvolvimento econômico e social da cidade e a influência de movimentos sociais. Em algumas cidades, especialmente aquelas com maior acesso à educação e meios de comunicação, pode haver uma conscientização crescente e uma mudança gradual nas percepções sobre os papéis de gênero (Connell 2003, 22).

Connel (2003, p. 24) revela que essa dinâmica traz uma complexidade das identidades masculinas e a diversidade das experiências dos homens em relação às normas de gênero. Ela também aponta para a importância de reconhecer e valorizar diferentes formas de ser homem, além de promover um ambiente onde todos possam expressar sua masculinidade de maneira autêntica e livre de pressões sociais opressivas.

Em seguida, aborda-se o recorte espacial dessa pesquisa, seus contextos e algumas características como o aspecto físico, estrutural e sociocultural.

5.4 Localização do estudo

O estudo foi desenvolvido em uma escola estadual em tempo integral, pública de referência em Ensino da rede estadual de Ensino Médio que funciona de modo integral e vincula-se a 19ª Gerência Regional de Educação (GRE) que fica no Sertão do Médio São Francisco. A unidade conta com a média anual de 630 estudantes, divididos em 21 salas de aula e cerca de 30 estudantes em cada ano (1º, 2º e 3º anos). Salienta-se que, para essa pesquisa foi selecionada apenas uma turma do 3º ano para a participação do grupo focal.

A escola tem 26 professores das mais diversas áreas, tanto da BNCC; Língua/Literatura Portuguesa, Educação Física, Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras), Língua/ Literatura estrangeira – Inglês, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Estudos Sociais ou Sociologia, quanto as diversificadas; Protagonismo, Eletiva, Projeto de vida, Estudo Orientado e Práticas Experimentais.

Sobre a parte estrutural, a escola possui acessibilidade no banheiro, na entrada da escola com rampas, e nos corredores para acesso às salas de aula, uma vez que, recebe cerca de 22 estudantes com deficiências diversas. Possui uma quadra de esportes ampla e estruturada; um laboratório de ciências; um refeitório amplo para que (as) os estudantes possam fazer sua alimentação; contém uma biblioteca com boa quantidade de livros. A gestora relata que a escola recebeu uma doação de aproximadamente 320 livros de uma outra escola estadual da rede de ensino do município.

Para que se possa efetivar os objetivos dessa pesquisa, posteriormente apresenta-se os caminhos metodológicos traçados nesse estudo, as escolhas sobre os instrumentos utilizamos para a organização dos dados e uma perspectiva procedimental da pesquisa.

A cada dia no Brasil vem crescendo o número de escolas em tempo integral, em específico na escola pesquisada, a gestão escolar demonstrou que a escola tem seus

desafios, como também, potencialidades, e que visa a promoção e desenvolvimento integral das(os) estudantes para a construção de uma sociedade mais justa frente a ao desenvolvimento de seus projetos de vida

Diante disso, a seguir são elencados dados apurados na pesquisa a partir dos diversos instrumentos da pesquisa consoantes as redes discursivas estabelecidas pelas(os) participantes envolvidos.

6 DADOS LEVANTADOS DA PESQUISA

Os dados levantados nessa pesquisa foram de fundamental importância para coletar com êxito as informações, no sentido de compreender os pensamentos, identificar os discursos e analisar os reflexos das representações das masculinidades no ambiente escolar dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Após isso, a quantificação, classificação e categorização do questionário, das entrevistas e grupo focal, tornaram essenciais para atingir os objetivos desse estudo. Importante enfatizar que, os nomes das(os) participantes envolvidos nessa pesquisa foram criados de modo fictícios, mantendo em sigilo em todas as fases, dessa forma, atendendo aos princípios que regem o comitê de ética

6.1 Dados apurados com a turma

Apresento aqui dados apurados dos questionários aplicados. O intuito desse questionário foi de conhecer o contexto socioeconômico das(os) participantes e, também, identificar compreensões sobre masculinidades. De 31 participantes, foi aplicado um questionário a 30 participantes do 3º ano A, da escola estadual em tempo integral, por meio do *Google Forms*, com perguntas abertas e de múltiplas escolhas. Os participantes não apresentaram nenhuma resistência ao respondê-lo.

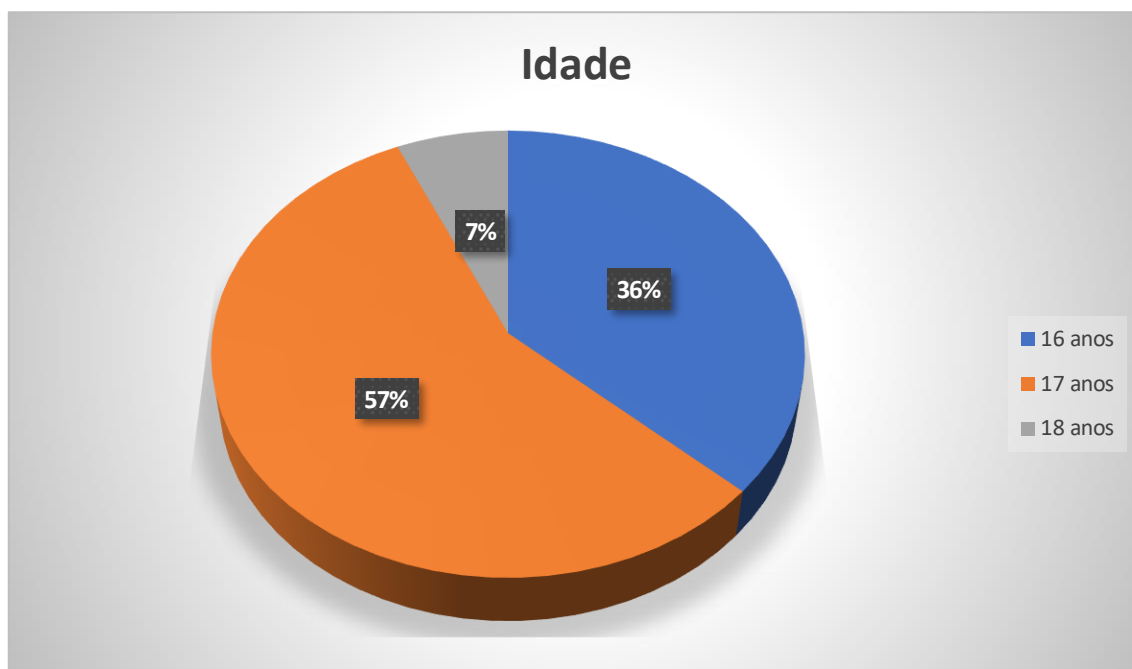
Nesse sentido, foi perguntado; o nome, a idade, o sexo, quantos irmãos e ou irmãs, quantas pessoas moram na casa, se tem televisão e se assiste e o que assiste, quantos livros ler ao ano, se tem computador/*notebook* em casa, se tem acesso à *internet*, quais os sites que mais acessam, o que entende sobre masculinidade, sua autodeclaração de pertencimento étnico/racial, se identifica-se com qual orientação sexual, qual a orientação religiosa, e, que escrevessem as três primeiras palavras que viesse a mente sobre masculinidade/ frágil/ machismo. Na figura abaixo são apresentadas o modelo do questionário aplicado no dia 26/06/24, contendo 25 perguntas aos participantes.

É importante salientar que, os participantes ficaram livres para caso quisessem responder ou não ao questionário, logo, alguns declinaram a algumas questões por livre e espontânea vontade, dessa forma, a pesquisa seguiu atendendo as normas específicas do comitê de ética sobre as pesquisas científicas. Assim, foi perguntado através do questionário aos participantes no que se refere a idade. O resultado foi o seguinte.

Tabela 2- Total de participantes por idade

Participantes	Idade
11	16 anos
17	17 anos
2	18 anos
Total	30

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 2- Total de participantes por idade

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Do total de 30 participantes, 28 estão na faixa etária adequada para o ano que frequentam. No entanto, dois deles estão em condição de distorção idade-série, ou seja, o ideal seria o estudante do Ensino Médio estar entre 15 e 17 anos. Essa estimativa da distorção é baseada em anos que imagina a defasagem entre a idade do estudante e a idade adequada para a série que ele(a) está percorrendo.

Segundo o UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2023, p.8) “no Ensino Médio, a taxa caiu de 31,1% em 2018 para 21,6% em 2023”. Embora os dados apontem nesse aspecto uma evolução no Brasil, Mônica Dias Pinto, administradora de Educação do UNICEF no país, alerta para as barreiras no enfrentamento da defasagem escolar. Talvez os números ainda não reflitam a realidade, o que faz aumentar o processo de exclusão e condição de maior vulnerabilidade entre estudantes, uma vez que passam por diversas formas de violências, tanto dentro quanto fora da escola.

De acordo com Queiroz (2016, p.2-3), alguns fatores acabam colaborando para a condição de distorção, tanto fatores externos quanto internos. Os externos seriam jovens terem que ajudar os pais na renda de casa indo trabalhar (geralmente jovens do sexo masculino), problemas familiares, exclusões a grupos vulneráveis (questão social) etc. Já os fatores internos relacionam à conflitos escolares, exclusões, preconceitos, ausência de direitos, dentre outros.

Uma observação que chama a atenção na pesquisa é que, os dois participantes nessa condição de distorção idade série, são do sexo masculino, o que demonstra que grande parte dos estudantes do sexo masculino demonstram uma maior preocupação em querer prover a casa, possivelmente por conta dos papéis sociais determinados a partir do sexo biológico, como afirma o autor acima. Nota-se que a turma tem baixo índice de estudantes em defasagem em relação ao ano que frequentam, de 30 estudantes, apenas dois, o que representa 7%.

Tabela 3 - Total de participantes por sexo

Sexo	Participantes
Masculino	13
Feminino	17
Total	30

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 3- Total de participantes por sexo



Fontes: dados da pesquisa (2024)

De um total de 30 estudantes, existe uma presença maior de meninas nessa turma, que representa 57%, 17 pessoas, o que pode demonstrar uma queda na incidência de fatores impeditivos, como gravidez na adolescência e trabalho. Os dados da Secretária Municipal de Saúde do município confirmam tais estatísticas, demonstrando que em 2022 quase 900 adolescentes tiveram bebês, já em 2023, o número ficou em 894 partos.

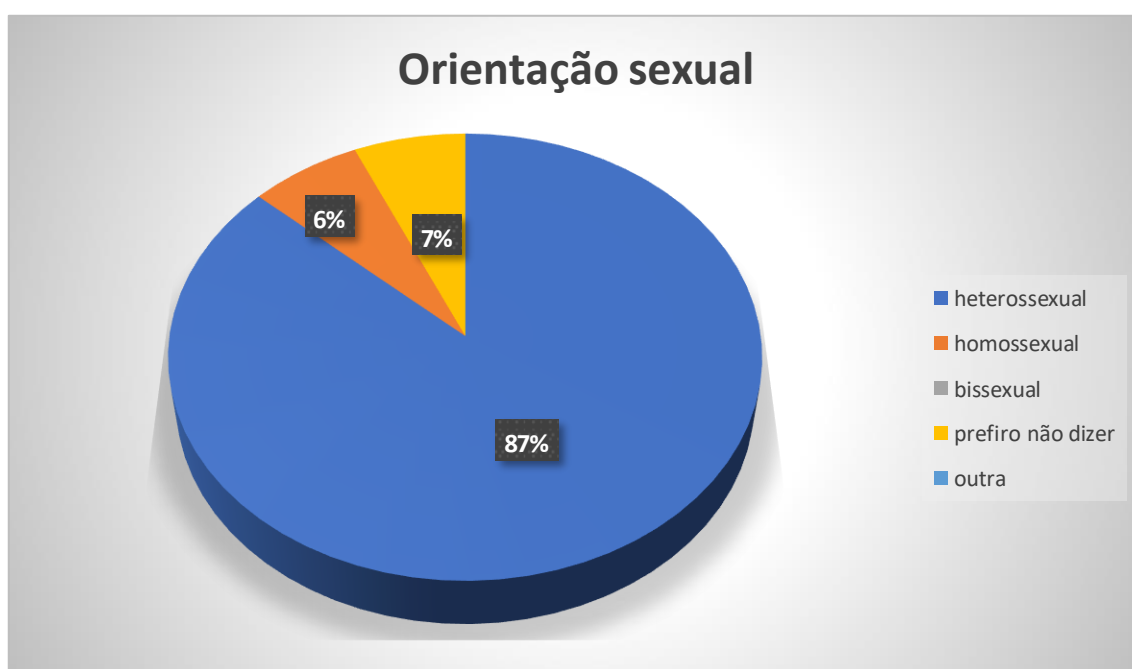
Já do sexo masculino, é menor a quantidade representada por 43% (13 pessoas). O menor percentual pode ser explicado por diversos fatores, como por exemplo; jovens do sexo masculino tem maior probabilidade de trabalhar mais cedo para ajudar na renda em casa; baixa taxa de natalidade; dentre outros. Os dados demonstram que Petrolina detêm uma população feminina de 51,77%. Já os homens representam 48,23%. Esses dados acompanham o modelo do estado, em que as mulheres representam 52,3% da população.

Tabela 4 - Total de participantes por autodeclaração da orientação sexual

Orientação sexual	Participantes
Heterossexual	26
Homossexual	2
Bissexual	0
Prefiro não dizer	2
Outra	0
Total	30

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 4- Total de participantes por autodeclaração da orientação sexual



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Perguntou-se a orientação sexual da qual cada um(a) se identifica. No que condiz à autodeclaração de pertencer a orientação sexual, os respondentes demonstraram que, 87% se autodeclararam heterossexuais. Nesse caso, pode-se observar que a maioria se enquadrou, se identificou com um modelo de padrão de comportamento. A palavra “Heterossexualidade” é apontada como uma das características que marcam a masculinidade hegemônica. A heterossexualidade é um elemento central da matriz de ‘inteligibilidade de gênero’, de acordo com Butler (2014, p. 68). Já dois estudantes que representam 6% do total, afirmaram ser homossexuais. O que pode ser considerado um dado muito significativo, visto que:

Sob esse prisma, ser homossexual, transsexual, travesti e assumir publicamente esse lugar, ainda que algumas vezes estrategicamente seja necessário recuar, em cidades do interior é diferente de sê-lo em cidades grandes. Acreditamos que a vigilância, o controle, a disciplina e o enquadramento enquanto demarcadores socioculturais, pelos quais somos atravessados por sermos tomados/as como estranhos(as), tendo por base nossas identidades de gênero e suas intersecções, bem mais evidenciados em contextos de cidades interioranas Rios (2002, p. 16).

O autor elucida que ser homoafetivo em uma cidade interiorana do sertão pernambucano, não é fácil, inclusive, assumir quem somos, uma vez que, nossa educação foi/é caracterizada pela heteronormatividade, a qual deve ser seguido um único modelo de ser homem ou de ser mulher. Qualquer outro pensamento ou comportamento é considerado desviante, dissidente as normas.

Nessa mesma pergunta sobre orientação sexual, dois optaram por não responder, o que talvez demonstre a falta de conhecimento sobre o significado do termo ou/e de cada categoria, ou ainda pode ter ainda optado por não se posicionar sobre essa questão.

As outras opções como bissexual ou outra, não obteve nenhum(a) participante. Cabe lembrar que, uma das participantes havia declarado no questionário acima ser heterossexual. No entanto, quando se fez a pesquisa com o grupo focal, ela declarou ser bissexual. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) referente a 2019, mais de 2,9 milhões de pessoas se declararam ser homossexuais ou bissexuais no país, o que representa cerca de 1,8% da população com faixa etária maior que 18 anos. Significa que, houve um aumento considerável de pessoas se declarando homossexuais e bissexuais.

No caso das(os)participantes desta pesquisa, acredita-se que ao longo dos dias pelos quais o pesquisador e o grupo focal foram dando espaço e ganhando mais abertura para a troca de diálogos sobre sexualidades entre eles, que a respondente foi se sentindo

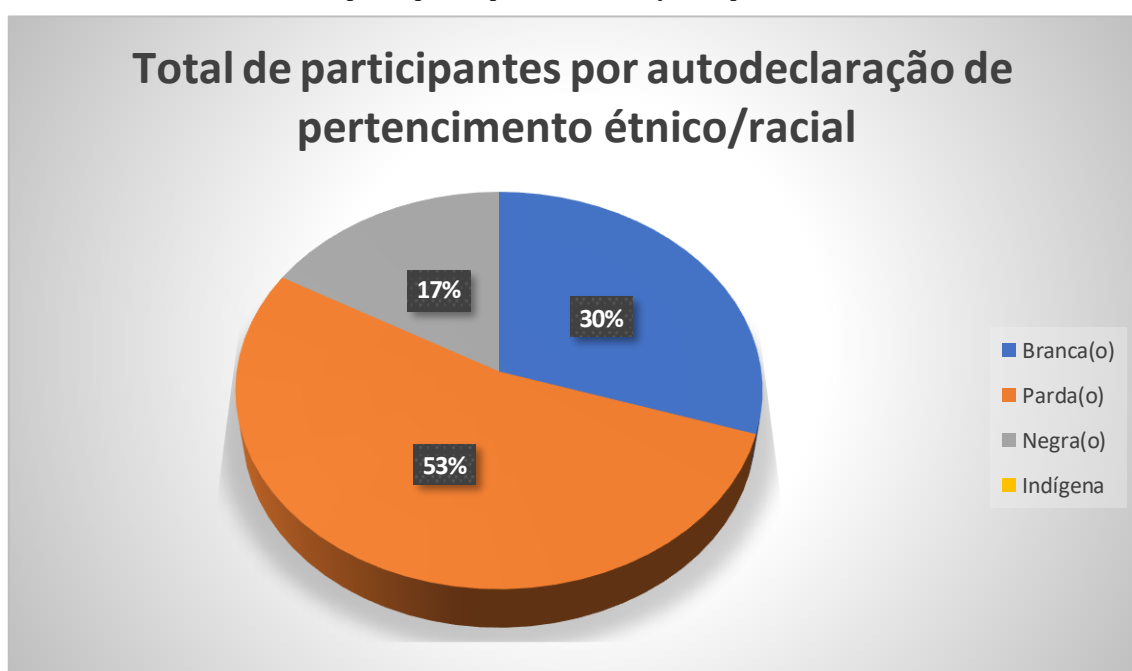
mais segura em falar sobre suas vivências, a ponto de em grupo afirmar sua bissexualidade, uma orientação sexual ainda destoante ao modelo hegemônico.

Tabela 5 - Total de participantes por autodeclaração de pertencimento étnico/racial

Grupo étnico-racial	Participantes
Branca(o)	9
Parda(o)	16
Negra(o)	5
Indígena	0
Outra	0
Total	30

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 5- Total de participantes por autodeclaração de pertencimento étnico/racial



Fontes: dados da pesquisa (2024)

De acordo com a autodeclaração étnico-racial das(os)participantes, totalizando 53% identificam-se como parda(o), cinco (17%) que somados chegam a 70%, o que reflete a aproximação dos dados dessa pesquisa com os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) demonstrando que, n Censo de 2022 em Petrolina-PE, cerca de 71,4% das pessoas se declararam preta ou parda, o que corresponde a 276.034. os dados apontam para um aumento de 6,74% de negros nos anos de 2010 e 2022. Esse percentual pode significar a efetivação de movimentos sociais, meios de comunicação e instituições educacionais chegando com maior força, objetivando construir um letramento racial e combate ao racismo e discriminação no município.

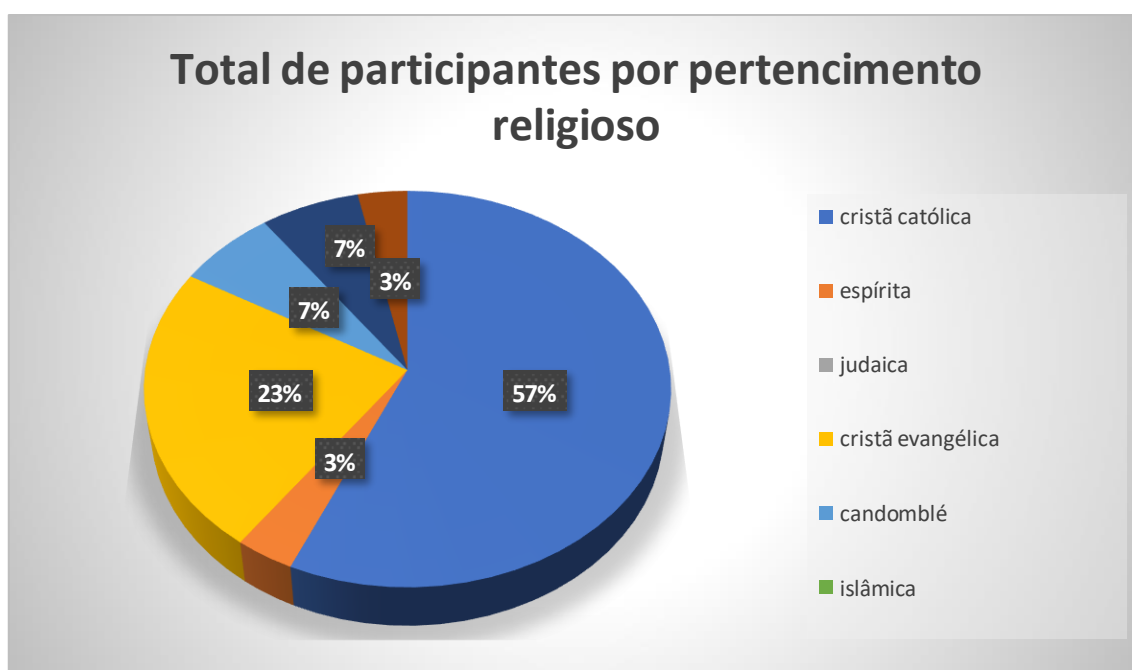
Já brancos, assinalaram 30%. Negros, representam num total de 17% dos participantes, contudo, segundo (Rosimeire Brito, 2009; Sandra Marcelino, 2019) essa percentagem pode ser ainda maior, só que são muitas das vezes mascarados pelo racismo estrutural. Para as opções indígena ou outra, não houve nenhuma marcação.

Tabela 6 - Total de participantes por pertencimento religioso

Participantes Por pertencimento religioso	Participantes
Cristã Católica	17
Espírita	1
Judaica	0
Cristã evangélica	7
Candomblé	2
Islâmica	0
Creio em Deus, mas não sigo nenhuma religião	2
Outra	1
Total	30

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 6- Total de participantes por pertencimento religioso



Fontes: dados da pesquisa (2024)

A maioria das(os)participantes se autodeclarou cristã católica, totalizando 57%. Esse resultado relaciona-se com os dados nacionais, a religião que tem mais adeptos segundo o Censo demográfico de (2022) do IBGE aponta que; católica em primeiro com 64,627%; Em seguida evangélicas com 22,162%, em terceiro espírita com 2,018%, a seguir, Umbanda e Candomblé com 0,309%; O budismo com 0,128%; Judaísmo com

0,056%; Islamismo com 0,018%; Islamismo com 0,018%; Hinduísmo com 0,003% e sem religião chega a 8.039%.

A maior parte de adeptos são católicos, segundo o historiador Fausto (2006, p. 94), devido ao período a qual portugueses ao invadirem as terras brasileiras, já se fez o catolicismo presente. Portugueses trouxeram os missionários para ‘novas terras’, demonstrando um certo controle do estado nas práticas eclesásticas. O autor reforça que o interesse em trazer religiosos não era apenas político, como também econômico, uma vez que, os missionários tinham a função de evangelizar e assim, crescer o número de adeptos ao catolicismo de forma violenta. Ao longo dos séculos, a Igreja Católica foi afirmando a sua hegemonia, mesmo decrescendo o número de fiéis, grande parte dos brasileiros ainda hoje a seguem.

Nessa pesquisa, em segundo lugar com 23% estão os evangélicos. Sobre isso alguns historiadores afirmam que houve uma grande expansão das igrejas evangélicas no Brasil e que esse fato tem ocorrido entre as décadas de 1990 até 2017.

Destaca-se também os dois participantes que se declaram ser candomblecistas que equivale a 7%, uma vez que, historicamente no Brasil, ainda existe um forte preconceito contra religiões afro-brasileiras, despontado muita das vezes nas atitudes implícitas ou explícitas de diversas formas discriminatórias a pessoas, lugares ou tradições de acordo com ideias construídas de forma negativa contra essas religiões, sobretudo, o Candomblé e a Umbanda.

Marques (2015, p. 19) afirma em seu texto “candomblé e umbanda no sertão” que de acordo com os dados da Associação Espírita e de Cultos Afro-brasileiro entre as cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, existem mais de 400 terreiros, principalmente do Candomblé, Umbanda, tendas, casas brancas, casas de sessão, centros espíritas de orientação umbandista, casas de orações, entre outras.

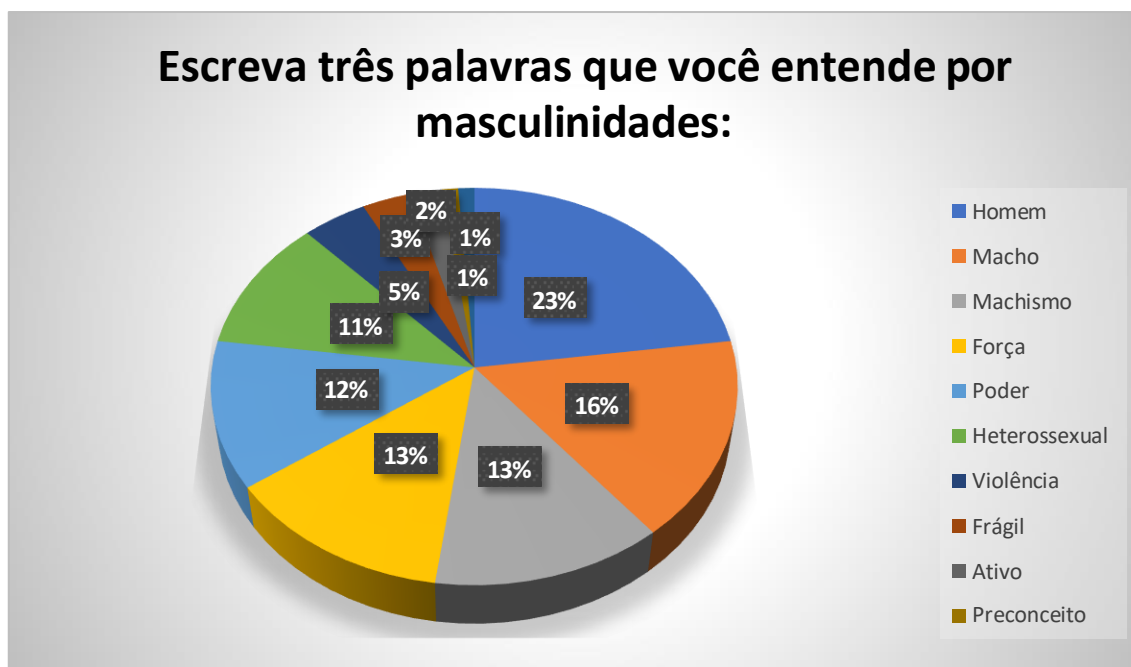
Tabela 7 - Total de palavras sobre masculinidades

Escreva 3 palavras que você entende por masculinidades	Ordem de evocação
Homem	21
Macho	15
Machismo	12
Força	12
Poder	11
Heterossexual	10
Violência	4
Frágil	3
Ativo	2
Preconceito	1

Respeito	1
Total	30

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 7- Total de palavras sobre masculinidades



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Foi perguntado aos participantes quais seriam as três primeiras palavras que lhe vinha à mente quando se pensa em masculinidades, a palavra ‘homem’ surge em destaque nas evocações. Nesse sentido, de acordo com o pensamento e definição de masculinidade abordado por Connell (1995, p. 188) que “a posição dos homens de ser um modelo único, demonstra como existe conflitos com outros homens que se encontram fora desse padrão heteronormativo”. Um dos participantes dessa pesquisa, Rômulo evidência que “*as mulé tambein pode ser masculina e os zomis tambein pode ser femininu*”. Sobre isso, Louro (1997, p. 37) demonstra como as desigualdades ocorrem dentro das relações sociais, por meio das representações e das instituições que “fabricam” sujeitos, sustentadas por um caráter permanente de oposição binária masculino/feminino”.

De acordo com a teórica, ainda existe em nossa sociedade uma naturalização de que ser mulher é apenas viver feminilidades e de que ser homem é viver apenas suas masculinidades de acordo com o sexo biológico. Essa ideia de seres biologicamente bispares é desconstruída pela autora, diz que independente do gênero, não há limites para a forma de se comportar, falar, enfim de ser.

A segunda palavra mais evocada foi ‘macho’ que obteve 23%. De acordo com os participantes, essa palavra relaciona-se aos homens e os atributos que estes exercem como; andar ereto e de forma rígida; sentar-se ereto com as pernas abertas; voz grossa; usar barba etc.

A terceira palavra que merece atenção é ‘força’ que representa no total de 13%. De caráter polissêmico, a palavra força pode significar força física, como também afetiva, na condição de cada um lidar com as emoções, superar situações que já viveu, demonstrar fragilidades. Louro (1997, p. 35) aponta que, as crianças e adolescentes são orientadas(os) em suas práticas e aprendem a não demonstrar afetos, não chorar, nem demonstrar fraquezas, pois estaria perdendo a sua masculinidade.

Com a mesma porcentagem da palavra ‘força’, ‘machismo’ também corresponde a 13% das evocações nesta pesquisa. Segundo a participante, Élide, “*entaum, o machismo não sei dizê ao certo, mas tá muito presente na sociedade agora né, e quando você pensa machismo, vem na sua cabeça o homem machista e opressor*”. Nesse sentido, o entendimento das(os)participantes da pesquisa evidencia o pensamento do patriarcado sobre a construção do ser masculino. De acordo com Saffioti (1979, p.25):

Se deve pensar a construção da ideologia do machismo por trás do discurso de dominação, a partir de três correntes teóricas: a corrente de dominação masculina (crença em desigualdades hierárquicas, que autorizam a opressão da mulher porque a condição feminina é inferior), a de dominação patriarcal (exploração econômica que beneficia o homem branco, rico e adulto) e a de dominação versus vitimização (mulheres reproduzindo e reforçando. os papéis de gênero, se colocando em posição de fragilidade).

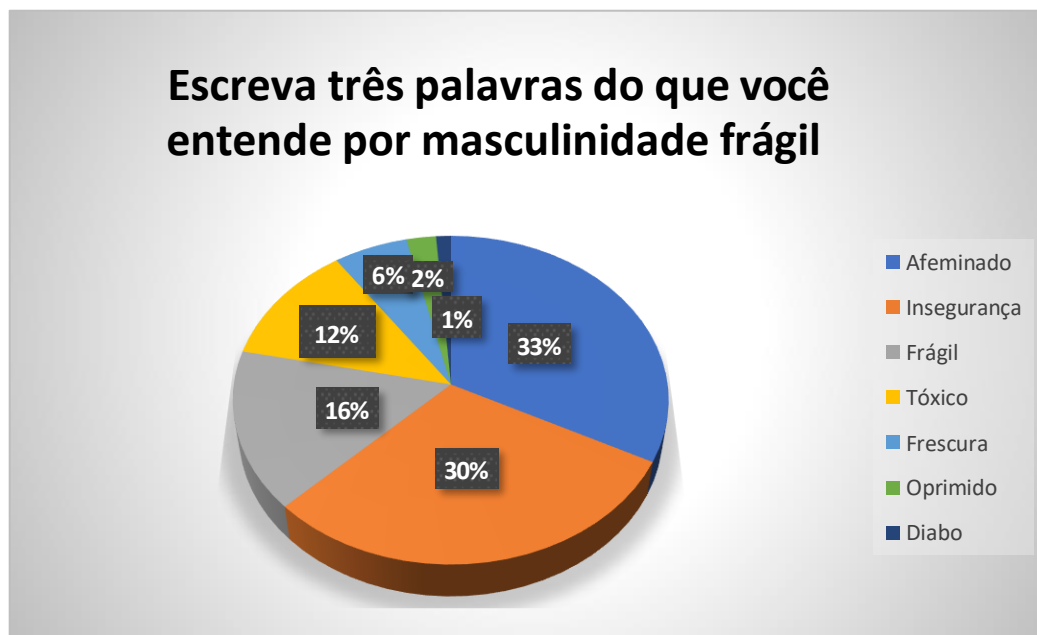
A autora demonstra como as práticas discursivas do machismo operam para a manutenção da dominação e violência de gênero de determinados homens contra as mulheres e de homens contra outros homens em nossa sociedade de modo que, muitas das vezes são naturalizadas.

Tabela 8- Total de participantes por palavras sobre masculinidade frágil

Escreva 3 palavras do que você entende por masculinidade frágil	Ordem de evocação
Afeminado	27
Insegurança	25
Frágil	13
Tóxico	10
Frescura	5
Oprimido	2
Diabo	1
Total	83

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 8- Escreva três palavras do que você entende por masculinidade frágil.



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Foi perguntado aos participantes as três primeiras palavras que lhes veem a mente quando se pensa em masculinidade frágil, percebe-se que a palavra ‘afeminada’ aparece em destaque com 33% nas evocações totalizadoras das(os)participantes ao associarem a palavra masculinidade a ‘afeminado’. Diversas são as camadas que refletem esses dados dessa pesquisa, de acordo com Kimmel (1998, p. 78) “existe um ideal de masculinidade que se torna hegemônica e que se apodera a partir de outras masculinidades subalternizadas”.

Espera-se, portanto, daqueles que adotam as normas postuladas e atribuídas socialmente pela masculinidade hegemônica a submissão as suas práticas anunciadas como; “agir igual a homem”, “andar como homem”, e que não se comportem como mulheres, que não demonstrem trejeitos como; voz fina, dobrar as mãos, andar requebrando o corpo, sentar-se com as pernas cruzadas, etc. Aos que não seguem essas normativas, muitas das vezes são relegados à marginalização, opressão, exclusão e têm seus direitos violados. Logo, estigmas relacionados tanto à homossexualidade quanto as mulheres, também podem ser encarados por homens cisgêneros ou trans de distintas orientações sexuais. Connell & Messerschmidt, (2013, p. 44). Importante elucidar que existe um pensamento sobre características como; sentimentalismo, fragilidade entre

outras, devem apenas ser atribuídas ao sexo feminino, portanto, traços vistos como sinônimos de inferioridade.

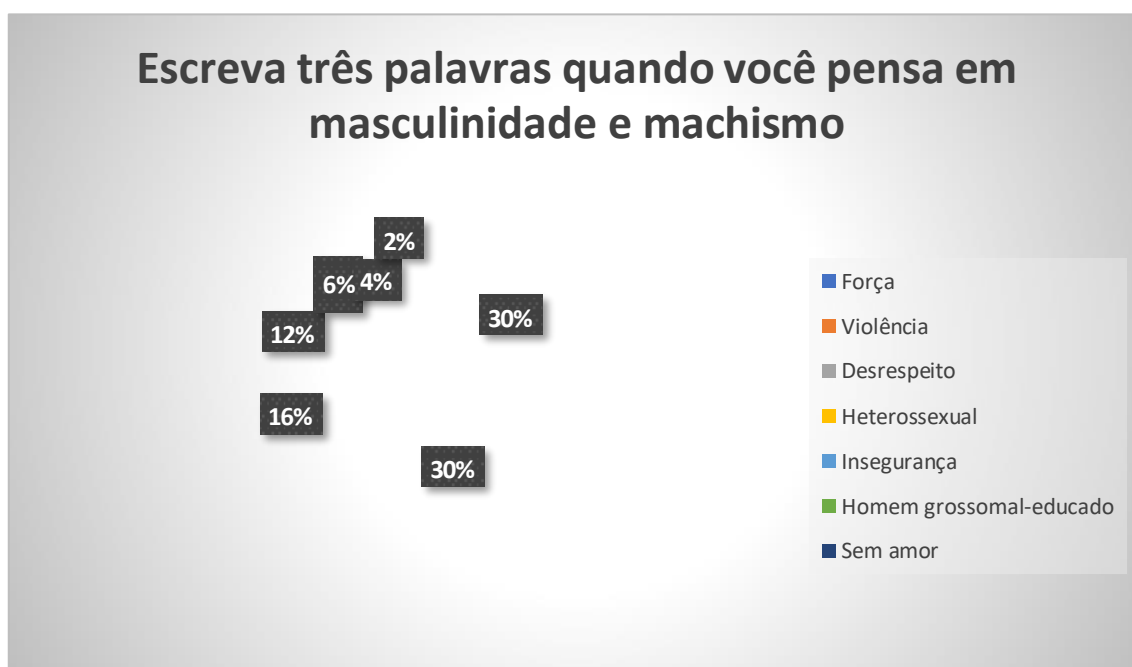
Em seguida, a palavra ‘insegurança’ obteve 30% e ‘frágil’ 16%, ambas para as(os)participantes estão ligadas a um desvio de fragilidade dos homens perante a sua ‘masculinidade verdadeira’, e que, portanto, não devem demonstrar afetos, não podem demonstrar quaisquer atributos relacionados ao feminino, já que pode ser uma prova concreta. A masculinidade até os dias atuais é ligada a heterossexualidade, não permitindo nenhuma outra forma de se pensar Connel (2003, p. 28).

Tabela 9 – Primeiras palavras quanto a pergunta é masculinidade e machismo

Escreva quais 3 palavras que você entende por masculinidade e machismo	Ordem de evocação
Força	27
Violência	27
Desrespeitoso	15
Heterossexual	11
Insegurança	5
Homem grosso/mal-educado	4
Sem amor	2
Total	91

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 9- Primeiras palavras quanto a pergunta é masculinidade e machismo



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Tanto a palavra ‘força’ quanto ‘violência’ estão representadas por 30%, respectivamente, das evocações quando é perguntado sobre o que pensam sobre masculinidade e machismo.

As(os) participantes entendem que muitos homens utilizam de atributos atribuídos ao sexo masculino como força por exemplo, para mascarar suas fragilidades, utilizando-se inclusive da violência e do preconceito contra as mulheres e contra outros homens que desviam da corporificação do gênero masculino a qual profere o modelo de masculinidade hegemônica.

Já a palavra ‘desrespeito’ representada por 16% das evocações por essas(es) participantes que entendem a masculinidade e machismo como atitudes ou ideias que falta o respeito com outras pessoas que são inferiorizadas em determinado tempo e espaço. Por conta da construção de signos e significados relacionados a masculinidade hegemônica, existe um receio de qualquer outro desvio ser ‘confundido’ como feminilidade, estar entre “veados”, pode soar que todos são, amizades com ‘bichas’ não dar para não demonstrar fraquezas ou demonstrar ser ‘mulherzinhas’ delicadas, Bourdieu (1999, p.66).

Em seguida, demonstra-se o perfil e discursos dos dez participantes escolhidos nessa pesquisa para participar do grupo focal, com o intuito de dialogar sobre as masculinidades e seus reflexos no cotidiano escolar.

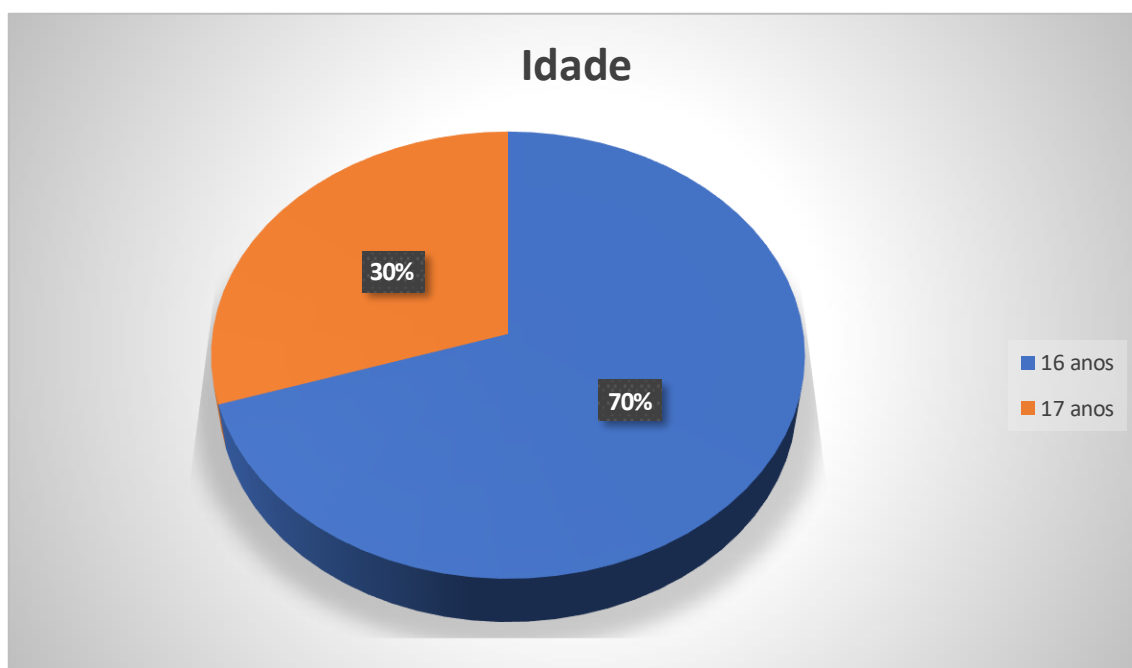
6.2 Dados apurados no grupo focal

Dez participantes foram escolhidas(os) para fazer parte do grupo focal a partir da sua aceitação e alguns critérios que foram pensados na seleção do grupo dessa pesquisa como: a diversidade de estudantes; raça/etnia; orientação sexual; religiosidade; diferentes pensamentos ideológicos; perfil socioeconômico; dentre outros. Além de cinco oficinas, ocorrendo uma a cada semana, que totalizaram 10 horas, aplicou-se um questionário que inicialmente seria *on line* mas, acabou sendo preenchido individualmente, na presença do pesquisador, uma vez que, os participantes, frequentemente conversavam entre si sobre significado de algumas palavras, ordem das perguntas, dentre outras, o que pode ter influenciado nas respostas e resultado dos dados. Segue a apresentação dos dados segundo a ordem das perguntas do questionário.

Tabela 10 – Qual a sua idade?

Idade	Participantes
16 anos	7
17 anos	3
Total	10

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 10- Qual a sua idade?

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Do total de dez participantes, sete delas(es) que representam 70% e três equivalem a 30%, demonstrando que estão na faixa etária entre 15 e 17 anos, adequada para o ano que frequentam no Ensino Médio. O IBGE (2023), demonstrou que houve um relativo aumento na porcentagem de estudantes com Ensino Médio completo de 29,9%, em 2022, para 30,6%, em 2023. O Instituto ainda alerta que, mais da metade da população brasileira conseguiu finalizar a etapa o Ensino Médio com apenas 25 anos ou mais na Educação Básica em 2023.

Possivelmente, um dos fatores para o aumento de estudantes concluintes no Ensino Médio, foram os esforços dos Estados no apoio a políticas públicas, bem como o investimento do Governo Federal em programas e projetos sociais, sobretudo para estudantes de baixa renda.

Um exemplo disso é o “*Pé de meia*”, um Programa que incentiva jovens financeiramente na educação e foi lançado em 2023 pela Secretaria de Educação Básica (SEB) no intuito de promover a permanência e a conclusão das(os) estudantes matriculados no Ensino Médio público. Um dos objetivos do programa é democratizar o acesso e reduzir a desigualdade social entre os jovens.

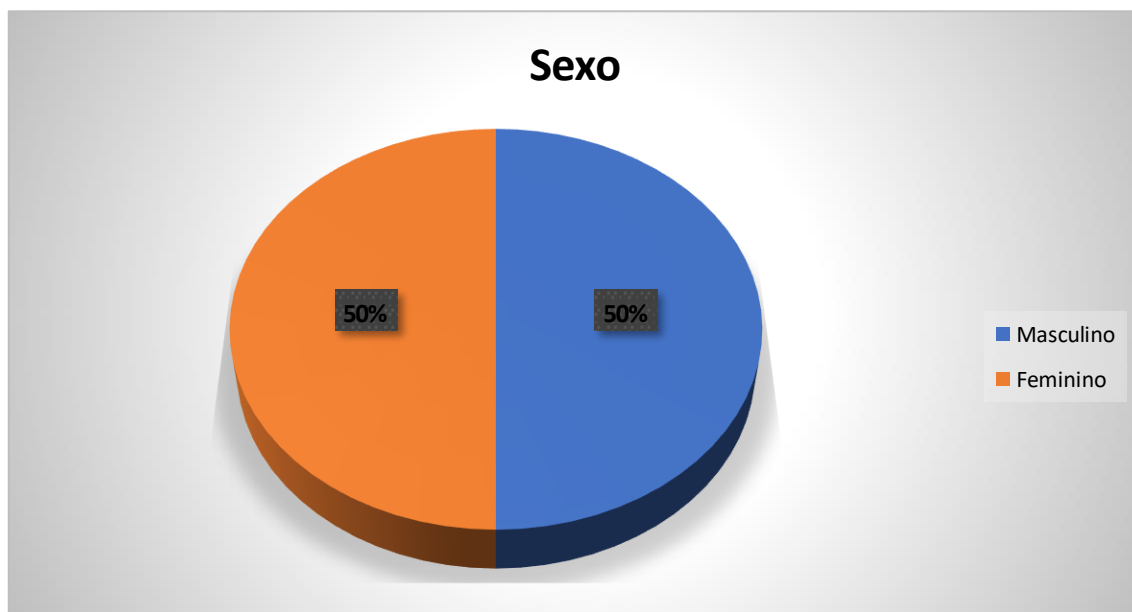
Para ter direito a esse benefício, as(os) estudantes devem comprovar matrícula e frequência, para ter a garantia do pagamento mensal no valor de R\$ 200,00 podendo ser retirados a qualquer momento. Já a situação de jovens e adultos, ao confirmar matrícula, o estudante ganha um incentivo de R\$ 200,00 e incentivos de R\$ 225,00 pela frequência. Ademais, o beneficiário do Pé-de-Meia pode receber R\$ 1.000 ao fim de cada ano que concluir, mas só poderão ser retirar esse valor após se formarem no Ensino Médio (Brasil, 2024)

Tabela 11- Qual sexo você se define?

Sexo	Participantes
Masculino	5
Feminino	5
Total	10

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 11- Qual sexo você se define



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Num total de 10 participantes, 50% declararam ser do sexo feminino e os outros 50% do sexo masculino. Cumpre ressaltar que, foi intencional e fundamental para essa

pesquisa a paridade entre os sexos, que objetivou identificar e analisar as diferentes percepções sobre as masculinidades, tanto por meninos quanto por meninas.

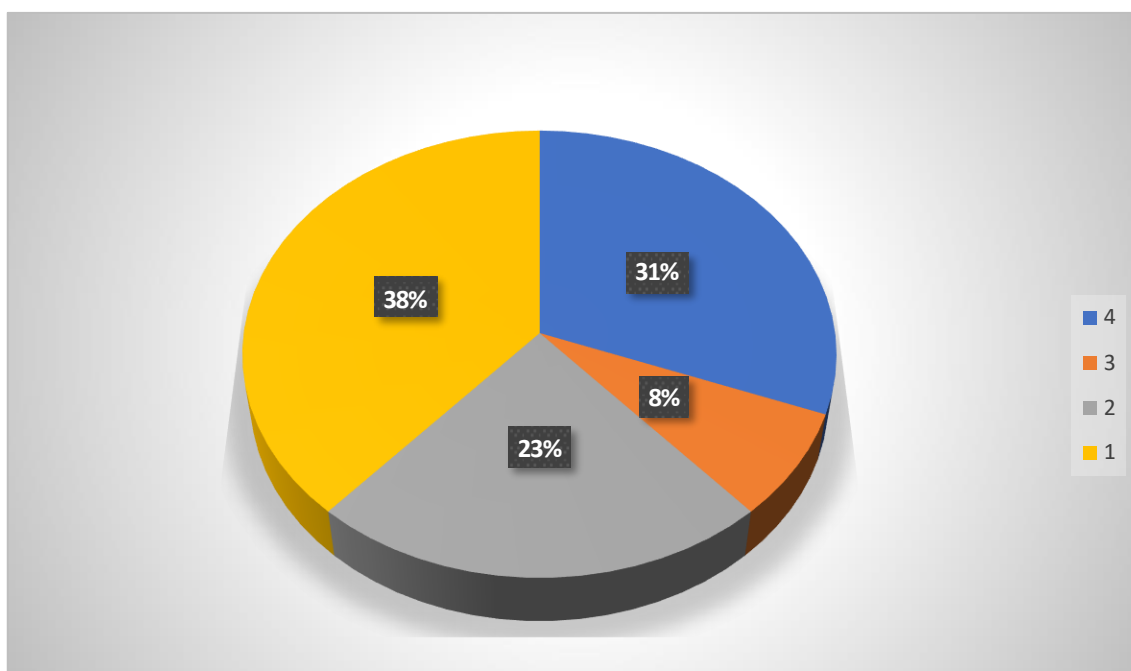
De acordo com o IBGE (2023), sobre os dados nacionais pensando as informações sobre os homens, as mulheres demonstraram maior percentagem de finalização da Educação Básica. Totalizou-se 56,3% das mulheres concluintes do Ensino Médio e 52,4% de homens.

Tabela 12- Quantidade de irmãos(ãs) dos participantes

Participantes	Irmãos(ãs)
4	4
3	1
2	3
1	5
Total	13

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 12- Quantidade de irmãos(ãs) dos participantes



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Percebe-se em destaque nos dados dessa pesquisa que apenas um das(os)participante tem 5 irmãos(ãs), o que equivale a maior porcentagem de 38%. Os dados do IBGE (2023) evidenciam que ocorreu uma diminuição na taxa na fecundidade no Brasil de, aproximadamente 6,28 para 1,87 entre 1960 e 2020 e que daqui a seis anos

pode reduzir mais ainda para 1,5 de fecundação. Além disso, os estudos demonstram como o número de mulheres com mais estudos tem demonstrado menos aspiração em ter filhos.

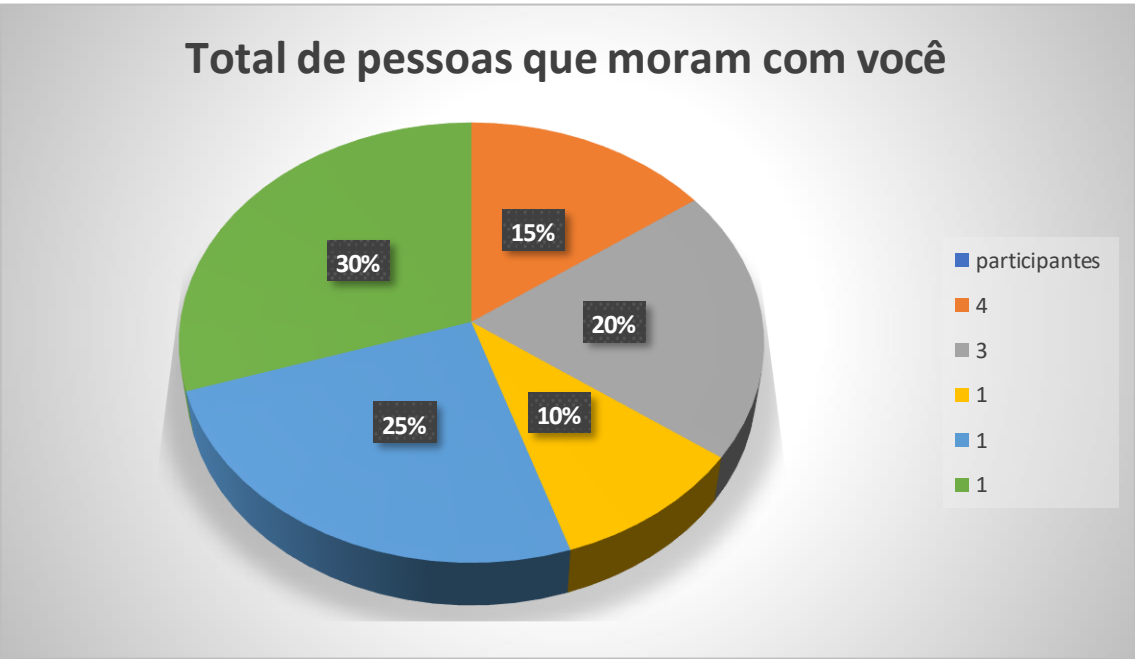
Já nesta pesquisa, quatro participantes assinalaram ter quatro irmãos(ãs), o que equivale a 31%, o que demonstra uma variável significativa para compreensão do comportamento reprodutivo e que a idade pode ser um dos fatores de interferência nesse sentido.

Tabela 13- Total de pessoas que moram com você?

Participantes	Integrantes na casa
4	3
3	4
1	2
1	5
1	6
Total	20

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 13- Total de pessoas que moram com você



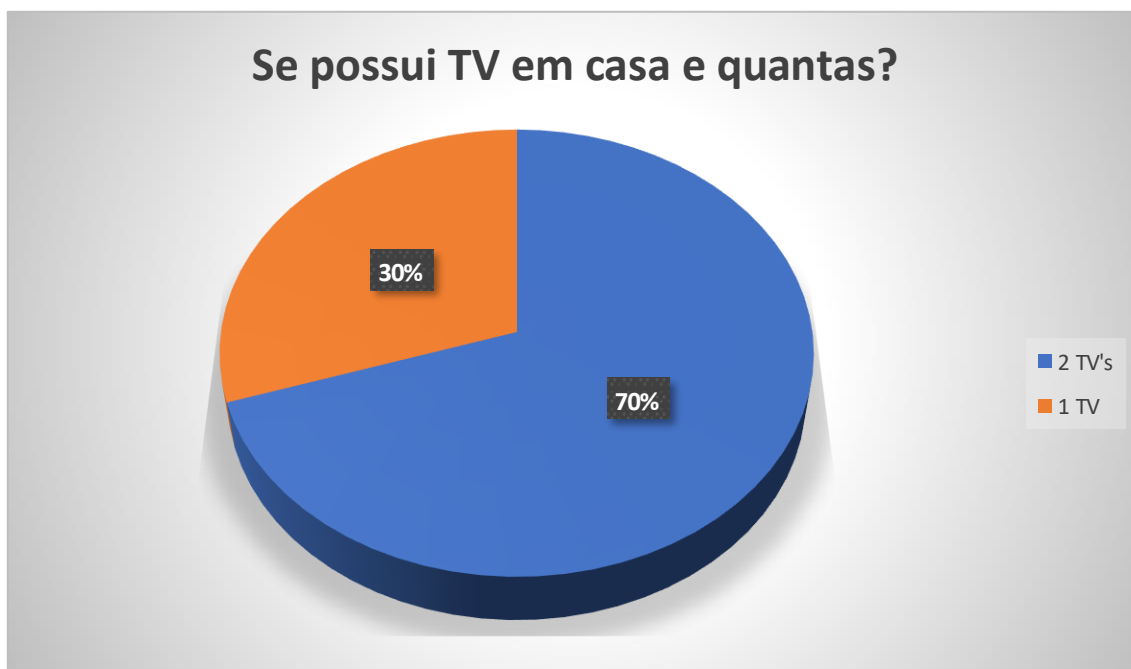
Fontes: dados da pesquisa (2024)

Os dados acima são semelhantes ao número de irmãos(ãs), com a quantidade mediana de irmãos para cada participante, o que reflete, segundo os dados do IBGE (2023), no número das famílias que também diminuíram de 3,62 por pessoas no ano de 2008 para 3,07 em 2023.

Tabela 14- Se possui TV em casa e quantas?

Participantes	Quantidade de TV(s)
7	2 cada
3	1 cada
Total	17

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 14- Se possui TV em casa e quantas?

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Todas(os) participantes afirmaram ter TV em casa e, mais da metade representado por 70% asseguraram obter mais de uma televisão em casa, o restante de concebe os 30%, diz ter apenas uma.

De acordo com os dados do IBGE (2023) o Estado brasileiro assinalou uma baixa na taxa em comparação as casas com TV's em 2003, conforme a Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), publicada em 16 de agosto de 2024, através do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2022 o número de domicílios com televisão era de 94,3%, já em 2023 representou 78,3 milhões de domicílios do país tinham televisão, ou seja, uma diminuição significativa de um ano para o outro.

A pesquisa do IBGE (2023) demonstra ainda que, um dos fatores para essa diminuição no final de 2023 foi que muitas pessoas tiveram mais acesso à *internet*, bem

como, outros equipamentos como, celulares, computadores, notebooks, tablet, dentre outros.

Tabela 15- Com que frequência você vê TV?

Participantes	Frequência
6	Muito pouco
2	Não assistem
1	Só finais de semana
1	Assiste frequentemente

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 15- Com que frequência você vê TV?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Os dados demonstram que mais da metade das(os)participantes, o que equivale a 60%, assistem muito pouco TV, apontando para a confirmação da pesquisa do IBGE (2023) sobre a diminuição das TV's nos domicílios para anos posteriores. Outro elemento ao se observar são os que não assistem ficando em segundo lugar, que corresponde a 20%, um número considerado expressivo. Possa ser que outros dispositivos digitais estejam sendo utilizados em constância e chamado a atenção dos seus usuários.

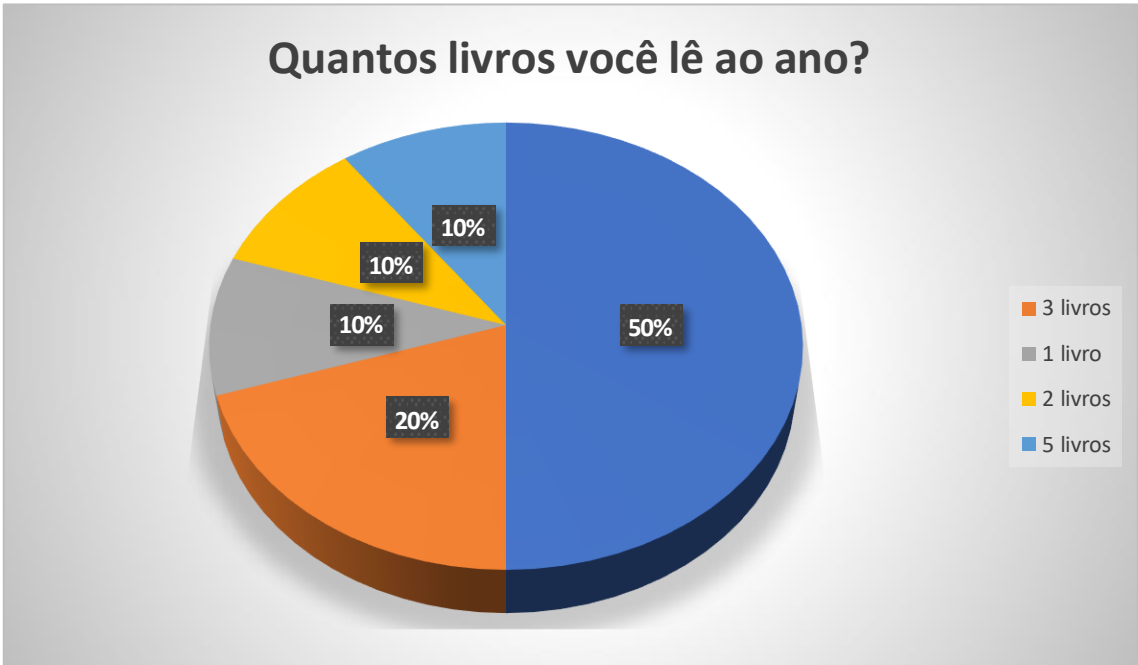
Tabela 16- Quantos livros você lê ao ano?

Participantes	Quantidade de livro ao ano
5	0
2	3
1	1

1	2
1	5
Total	11

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 16- Quantos livros você lê ao ano?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Nota-se nessa pesquisa que, do total de 100%, metade das(os)participantes que representam 50% não leem nenhum livro ao ano. O dado evidencia um dos problemas educacionais do país, o baixo índice de leitura. Em seguida, dois participantes que equivalem a 20%, leem três livros. O questionário mostrou que, apenas uma lê cinco ao ano.

De acordo com a pesquisa feita pelo IPEC (Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica) em julho de 2024 em mais de 208 municípios, que abordou mais de 5.504 pessoas, demonstrou que, a quantidade de “não leitores” superou o número de “leitores”. Pelo gráfico abaixo, percebe-se outro marco importante, pela primeira vez, especificamente em 2024, o número de “não leitores” passou o de “leitores”.

Gráfico 02: Pesquisas retratos da leitura no Brasil.



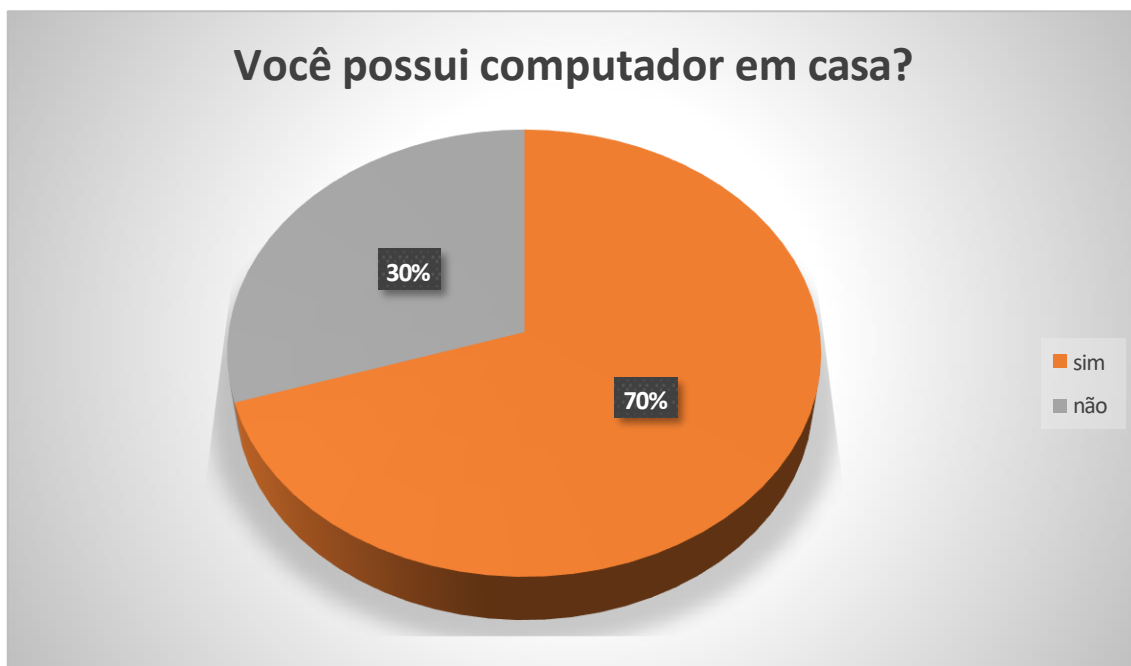
(Fontes: BRASIL, 2023)

Tabela 17- Você possui computador em casa?

Participantes	Sim ou não
7	Sim
3	Não

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 17- Você possui computador em casa?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

De acordo com a maioria das(os)participantes que representam 70%, possuem computador (notebooks, tablets) em casa, já os 30% restante, não tem. A partir dessas informações, percebe-se que a maioria detém algum dispositivo digital como meio de comunicação.

Conforme informações do IBGE (2023) em 2022 o número de vendas de computadores (desktop, notebook e tablet) foi de 12,4 milhões de unidades, já em 2023 houve um crescimento estimado em aproximadamente 10%. O aumento do acesso

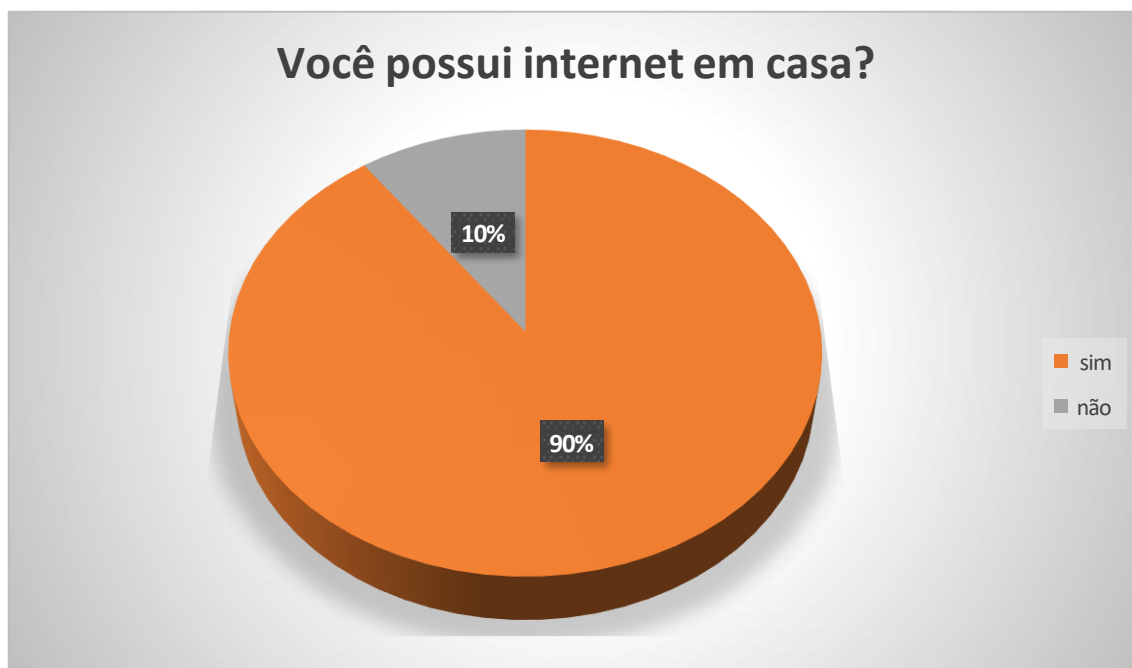
computadores podem estar associados a busca por informações, a programas diversos das plataformas como *Netflix*, *YouTube*, dentre outros, já que para o dispositivo (*SmartTV*, computador, celular) precisa também, obter conexão de *internet* com a finalidade de assistir ao programa que desejam, o que muitos estudiosos chamam de *serviço de streaming*, serviço do entretenimento.

Tabela 18- Você possui *internet* em casa?

Participantes	Sim ou não
9	Sim
1	Não

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 18- Você possui *internet* em casa?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Considera-se bastante positivo nove participantes que representam 90% possuírem *internet*, e apenas um(a) participante que corresponde a 10%, uma vez que, de acordo com a gestora da unidade escolar dessa pesquisa, relata receber estudantes com diferentes níveis socioeconômicos, tanto da zona urbana quando da zona rural.

O crescimento tecnológico na área da *internet* e em seus múltiplos recursos demonstraram transformações expressivas, de modo que, segundo o IBGE (2023) houve um aumento, em 2022 representou 87,2% de pessoas com 10 anos ou mais de idade que

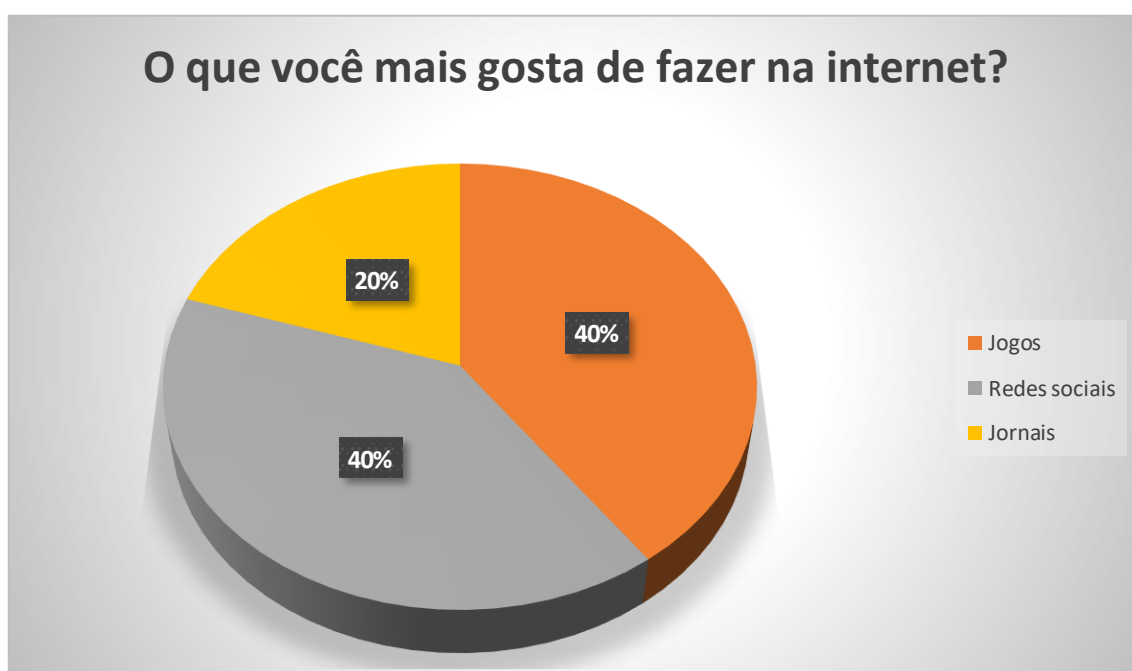
usam a *internet* no Brasil para 88,0% em 2023. Ainda de acordo com o Instituto, a porcentagem de idosos com 60 anos ou mais que usam o celular aumentou significativamente de 24,7 em 2016 para 66,0% em 2023. Sobre as regiões que obtiveram maior número de usuários da *internet* estão o Centro-Oeste (91,45% e Nordeste (84,2%). Houve um aumento também, no que tange os estudantes da rede pública com o aumento do uso da *internet*, em 2022 era de 79,7%, já em 2023, subiu para 89,1%.

Tabela 19- O que mais você gosta de fazer na internet?

Participantes	O que fazem na <i>internet</i>
4	Jogos
4	Redes sociais
2	Jornais

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 19- O que mais você gosta de fazer na *internet*?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Das(os) dez participantes, quatro deles (todos do sexo masculino) que equivalem a 40%, e afirmam gostar mais de jogos. Outros quatro que corresponde a também 40%, asseguram gostar de utilizar mais as redes sociais e, por fim, apenas dois deles, que representam 20%, gostam de assistir telejornais. Esses dados demonstram que maior parte dos estudantes buscam informações através da *internet*, a partir de fontes

secundárias, além de buscar diversões como os jogos (games), como também jogos com apostas online.

Segundo ainda o Instituto, os dispositivos mais usados pelos internautas em 2023 foram: em primeiro lugar, o celular (98,8%), com (49,8%) computador (34,2%) E tablet (7,6%). O IBGE (2023) demonstra também que, mais de 94,6% das pessoas entraram na *internet* para falar por chamadas de voz ou vídeo, o que parece tornar mais fácil a comunicação.

Outras finalidades que se destacaram foram: enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail (91,1%); assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes (87,6%) e usar redes sociais (83,5%).

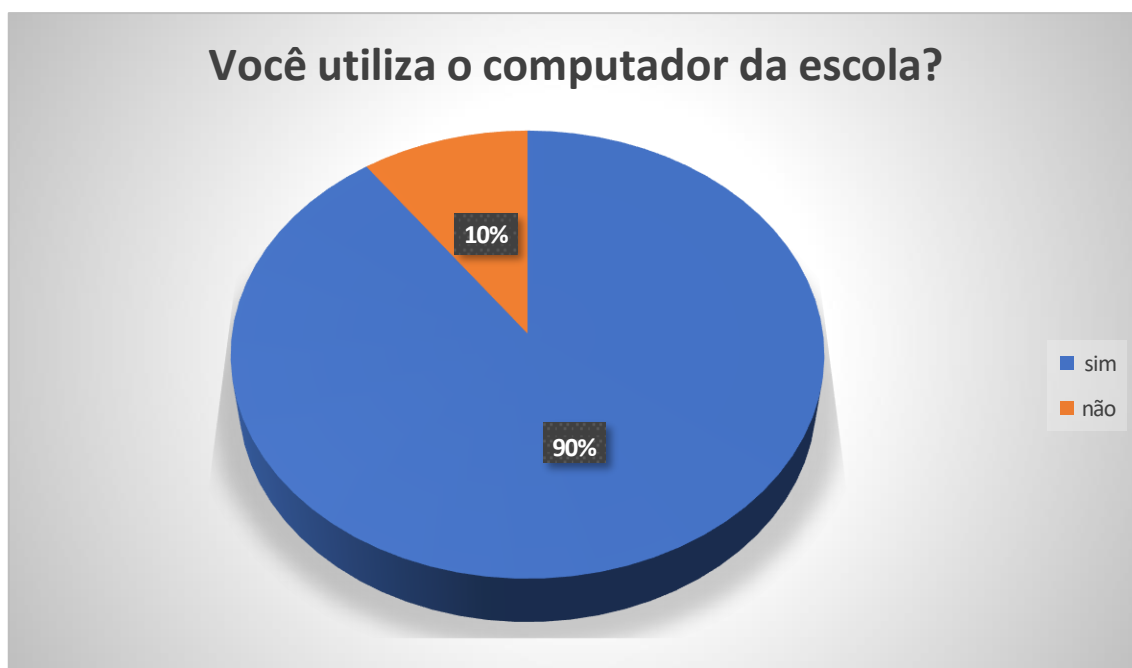
A maioria das pessoas que não usou *internet* em 2023 tinha, no máximo, o Ensino Fundamental incompleto (75,5%) ou eram idosos (51,6%). Não saber usar é o motivo mais apontado (46,3%).

Tabela 20- Você utiliza o computador da escola?

Participantes	Sim ou não
9	Sim
1	Não

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 20- Você utiliza o computador da escola?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

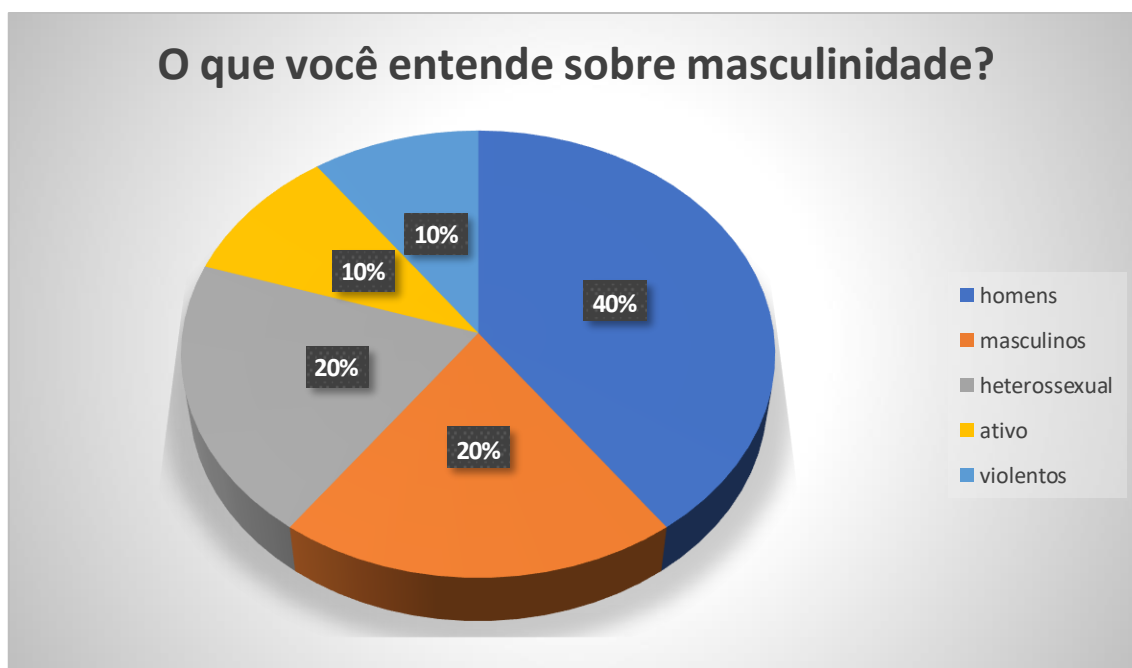
De acordo com a pesquisa, 90% das(os)participantes utilizam o computador na escola, o que torna um dado positivo, uma vez que, segundo o IBGE (2023) somente 58% das unidades escolares brasileiras possuem computador e *internet*. Diante disso, as informações demonstram ainda como o acesso é precarizado, devido a pouca disponibilização de dispositivos digitais, como o computador (notebooks, tablets, dentre outros para estudantes do ensino fundamental e médio.

Tabela 21- O que você entende sobre masculinidade?

Palavras	Evocações
Homens	4
Masculinos	2
Heterossexual	2
Ativo	1
Violentos	1

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 21- O que você entende sobre masculinidade?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

É notório que a palavra mais evocada foi 'homem', representada por 40% para a representação das(os)participantes. A masculinidade é entendida pela maioria dos pesquisados como o homem no centro dos discursos e em sua prática, que legitima um certo binarismo diante das diferenças tanto biológicas quanto físicas do que é ser homem ou ser mulher. Em seguida com as mesmas porcentagens evocadas estão 'masculinos' e

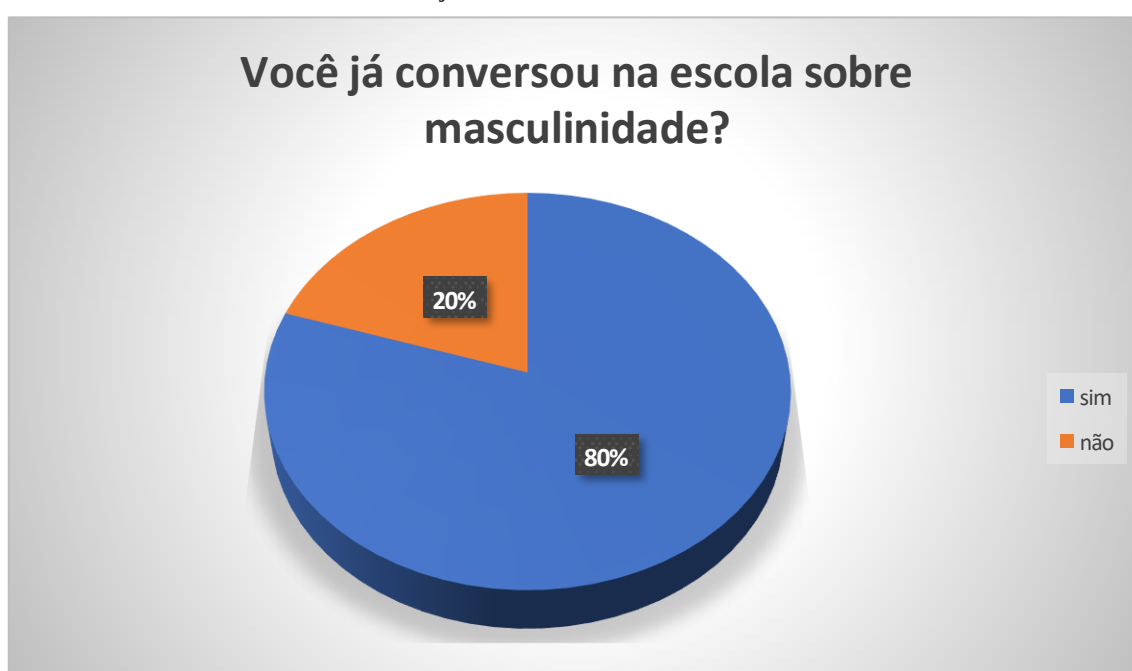
‘heterossexual’ com 20%. É perceptível como as(os)participantes ao serem perguntados, associaram a palavra masculinidade ao sexo masculino, de forma que evocaram com maior intensidade, em seguida, a palavra heterossexual, como se esta orientação sexual fosse exclusiva para definição da identidade de gênero.

Tabela 22- Você já conversou na escola sobre masculinidade?

Participantes	Sim ou não
8	Sim
2	Não

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 22- Você já conversou na escola sobre masculinidade?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Curiosamente, 80% das(os)participantes afirmam já terem dialogado a respeito da masculinidade na escola. No entanto, eles confirmam que grande parte das conversas formam informais, em momentos como intervalos, antes de iniciar as aulas ou após o término das aulas. Asseguram por sua vez que, os(as) professores(as), geralmente não costumam falar sobre esses assuntos, exceto quando em alguns momentos que ocorre projetos na escola sobre violência contra a mulher, entra no assunto indiretamente. Rômulo, um dos participantes expõe que,

Teve uma vez que nois aluno comentou sobre uma ideia de preconceito que um menino tava sofrendo por causa que descobriram que

ele tava pegano oto rapaiz. Dai, muitos aqui na escola se asastou dele, e até em si matar e qui a vida dele num tinha mais jeito falou. Fazê o que, ne.. e..comecaram a falar na aula de um professor isso, só que ele não gostou e disse que esse assunto não tinha a vê com a aula não e que nem a escola tinha que falar dessas coisas ai.

A fala de Rômulo demonstra como o professor corrobora para um pensamento ainda existente em nossa sociedade, sobre o mito de que tratar sobre gêneros e sexualidades não é dever da escola. Esse pensamento também, fortalece para a criação de um projeto de lei nº 2.985/2017 que foi votado e aprovado na câmara municipal de Petrolina em 2017, que proíbe “todas a atividades pedagógicas que trate sobre “Ideologia de Gênero” tanto no currículo municipal quanto no privado Barros (2022, p. 108). Nesse sentido, Junqueira (2018, p. 451) afirma que,

De certo modo, e em semelhante proporcionalidade, costumam integrar essas investidas morais estruturas eclesiásticas, organizações e movimentos religiosos e grupos ultraconservadores, aliados ou articulados a diversos setores sociais e forças políticas. Sob variadas formas de atuação, articulação, financiamento e graus de visibilidade, tais cruzadas envolvem, além da hierarquia religiosa, movimentos eclesiais, redes de associações pró-família.

De acordo com o autor, nos últimos anos, essa expressão ‘ideologia de gênero’ tem empregado um sentido pejorativo de forma negativa e ofensiva, uma vez que, grupos conservadores lutam contra quaisquer atividades pedagógicas que visem abordar sobre esse tema de gênero e sexualidades nas escolas.

Tabela 23- Qual raça você se identifica?

Participantes	Raça
6	Parda(o)
3	Negra(a)
1	Branca(o)

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 23- Qual raça você se identifica?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Ao responder sobre qual raça se identifica, 60% das(os) participantes declaram-se parda(o), já 30% se veem como negras(os) e apenas 10% como branca(o). Essa pesquisa demonstra dados positivos, já que as últimas estatísticas nacionais demonstram consonância com esses fatos. Segundo o Censo IBGE (2022), relata que desde a década de 1990 maior parte da população do Brasil não se declarava como parda, no entanto, em 2022 pela primeira vez houve uma maior porcentagem equivalente a (45,3) de pessoas que se declararam como parda, já que antes, grande parte da população se declarava como branca(o). Esse percentual pode significar a efetivação de movimentos sociais, os meios de comunicação e instituições educacionais chegando com maior força, objetivando construir um letramento racial e combate ao racismo e discriminação no município, no intuito de demonstrar a herança cultural, os valores e identidades das(os) negra(os) para a construção da sociedade.

Nesse sentido, Lima; Oliveira; Silva; Santos; Guena (2019) realizaram uma pesquisa nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, com o intuito de analisar narrativas e dados com temas que envolvesse a questão do racismo no Brasil através dos blogs pesquisados. De acordo com as autoras, observou-se que, grande parte dos blogs silenciavam-se midiaticamente no que tange a assuntos ligados a população negra, e, quando se falava sobre o tema, os blogs fortaleciam discursos preconceituosos, fortalecendo estereótipos e mantendo um pensamento construído pelo racismo estrutural.

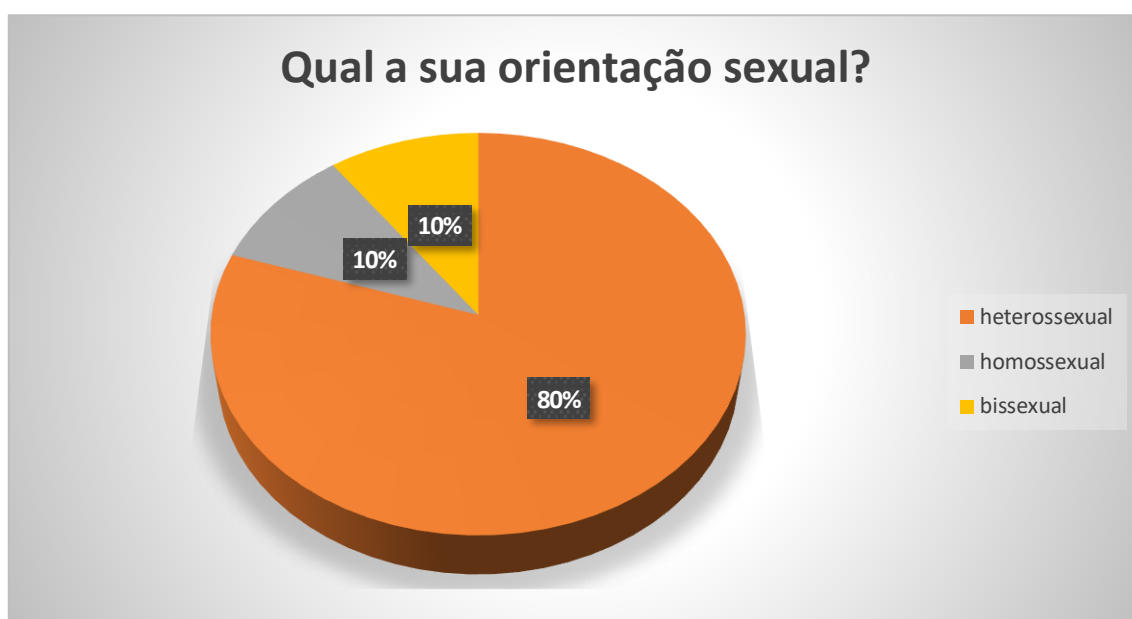
Desse modo, percebe o quanto que o meio midiático a partir de seus interesses, também reproduz racismo estrutural, enfatizando um dos maiores problemas historicamente enraizado na sociedade brasileira.

Tabela 24- Qual a sua orientação sexual?

Participantes	Orientação sexual
8	Heterossexual
1	Bissexual
1	Homossexual

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 24- Qual a sua orientação sexual?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Quando perguntados sobre qual a sua referida orientação sexual, grande parte das(os)participantes asseguraram ser heterossexuais, mas apenas 10% afirmaram ser homossexual e os outros 10% assinalaram ser bissexuais.

As(os) participantes que se autodeclararam tendo orientação sexual distinta da heterossexualidade demonstraram ser uma representação social de masculinidade que contrapõe da maioria do outro grupo que assinalou como heterossexuais. Essa distinção ressalta que, sobretudo os meninos que vivenciam a não-heterossexualidade, demonstraram mais experiências com a afetividade, discutem as relações entre homens como mulheres/mulheres com mulheres/homens com homens, tratam sobre suas vivências e dificuldades enfrentadas no cotidiano e suas dissidências da

heteronormatividade. Já o grupo dos heterossexuais, especificamente do sexo masculino, evidenciam discursos voltados para o binarismo, de forma biologizante baseado em escritos judaico-cristãos.

Tabela 25- Qual a sua orientação religiosa?

Participantes	Orientação religiosa
6	Católicos
2	Evangélicos
1	Candomblecista
1	Espírita

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 25- Qual a sua orientação religiosa?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Quanto a orientação religiosa, mais da metade que corresponde a 60% das(os) participantes declararam ser cristãos católicos. No entanto, durante as entrevistas nas falas dos entrevistados, dois deles revelaram que além de serem adeptos ao cristianismo, frequentam algumas vezes um centro espírita.

Nesse sentido, uma pesquisa da revista o *globo Brasil* realizada entre os dias 14 e 17 de junho de 2017 demonstrou como estava o comportamento religioso e espiritual das(os) brasileiras(as) e notou que mais de 44% dos indivíduos avaliam serem adeptas de duas ou mais religiões, o que se considera como fé múltipla.

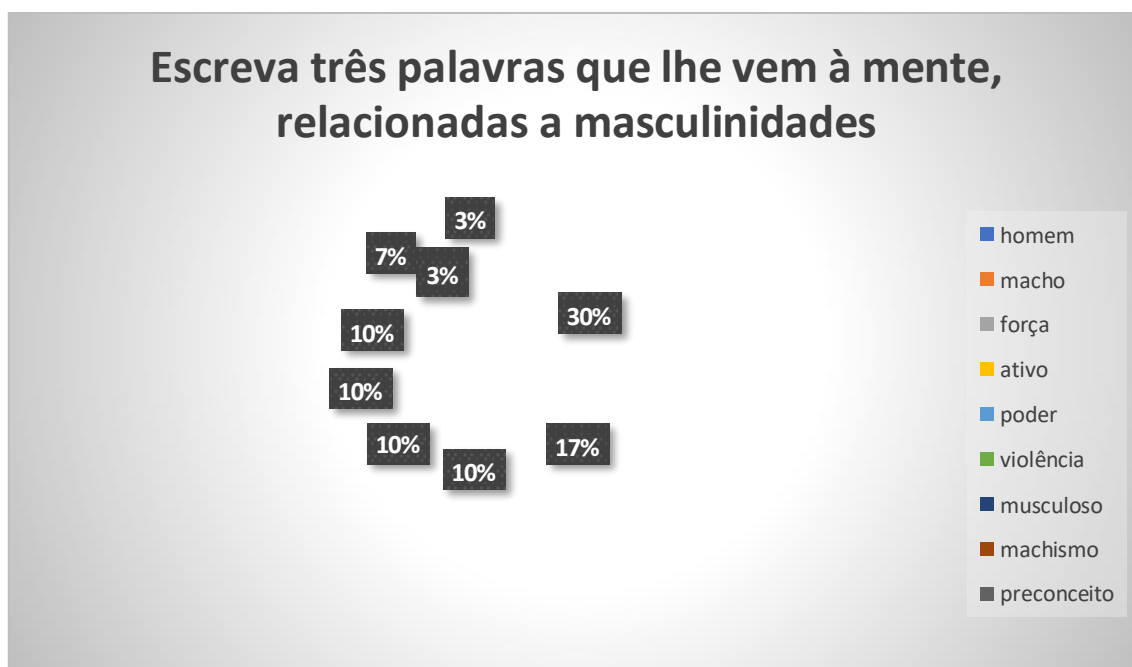
Carvalho (2010, p. 123) chama a atenção que muitas pessoas escondem praticar duas ou mais religiões, e quando se pesquisa a fundo quais são essas outras religiões não declaradas publicamente, grande maioria são de matrizes afro-brasileiras, sobretudo o candomblé e Umbanda. A pesquisadora conclui que, uma das razões para as pessoas esconderem tais manifestações estar na intolerância religiosa pelas quais podem passar no cotidiano, caso assumam. Nesse sentido, em segundo lugar 20% das(os) participantes declararam-se evangélicos, já candomblecista 10% e umbandista, também 10%.

Tabela 26- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidades

Palavras	Evocações
Homem	9
Macho	5
Força	3
Ativo	3
Poder	3
Violência	3
Musculoso	2
Machismo	1
Preconceito	1

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 26- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidades



Fontes: dados da pesquisa (2024)

De acordo com os dados, as palavras mais evocadas foram: ‘homem’ em primeiro lugar representando 30%, macho 17%, força 10%, ativo 10%, poder 10%, violência 10%, musculoso 7% e machismo 3%. De acordo com essas frequências, é esse o imaginário que são atribuídas às masculinidades pelos pesquisados ou que na sociedade, esse seja o pensamento. Às masculinidades na história foi atrelada à heterossexualidade e por sua vez, a heteronormatividade confere ao homem características como ser forte e musculoso, macho, ser viril a todo instante e não negar sexo nem desejos por mulheres, obter poder, utilizar da violência para impor e demonstrar que é homem (CONNELL, 2003).

Tabela 27- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade frágil.

Palavras	Evocações
Afeminado	10
Frágil	9
Inseguro	6
Tóxico	4
Violento	2
Oprimido	1

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 27- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade frágil.



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Dentre as palavras que mais foram evocadas sobre qual o entendimento das(os)participantes a respeito da masculinidade frágil, ‘afeminado’ com 31% foi a que maior frequência obteve. De acordo com Kimmel (1998), as masculinidades são entendidas como uma construção histórico-cultural, que são discursadas a partir das desigualdades de gênero, afirmando constantemente as diferenças entre homens e mulheres e homens com outros homens. Diante disso, a masculinidade hegemônica não pode ser concebida a qualquer homem, mas para que esse homem precise afirmar sua dominação, necessita que seja branco, heterossexual, viril e cisgênero.

Ademais, esse tipo de homem deve subordinar outros homens para manter-se no topo das hierarquias, dominar aqueles que não seguem determinado padrão como os que tem uma feminilidade por exemplo, são condicionados a diversas formas de violências, opressões e exclusões. Connell & Messerschmidt (2013, p. 67). Relacionando-se esse pensamento com as informações dos respondentes sobre masculinidade frágil, percebe-se que associam qualquer fragilidade a características que beiram ao feminino, não sendo permitido pensar como qualidades em “homens”.

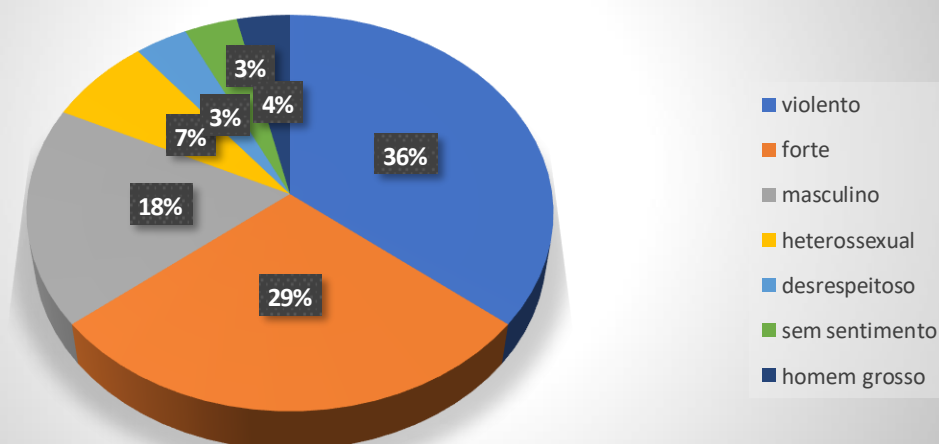
Tabela 28- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade machismo.

Palavras	Evocações
Violento	10
Forte	8
Masculino	5
Heterossexual	2
Desrespeitoso	1
Sem sentimento	1
Homem grosso	1

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 28- Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade machismo.

Escreva três palavras que lhe vem à mente, relacionadas a masculinidade machismo.



Fontes: dados da pesquisa (2024)

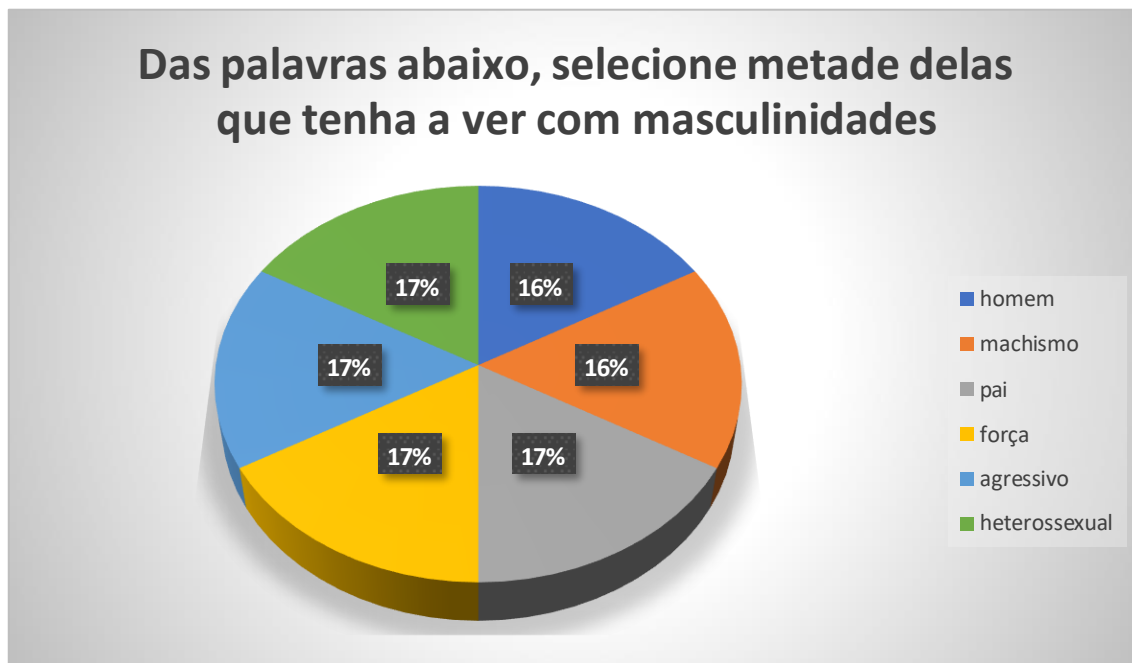
A palavra mais referenciada entre as(os)participantes desta pesquisa, ao pensar em masculinidade e machismo é ‘violento’, representando 36%. De acordo com Nolasco (2001, p. 87), machismo tem um caráter polissêmico, conceitualmente. O termo machismo associa a ações e práticas que são proferidas com a finalidade de inferiorizar tudo que está ligado ao feminino e outros gêneros colocados a condição de subserviência, Connell (2001, p. 215).

Tabela 29- Das palavras abaixo, selecione metade delas que tenha a ver com masculinidades

Palavras	Evocações
Homem	10
Machismo	10
Pai	10
Força	10
Agressivo	10
Heterossexual	10

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 29- Das palavras abaixo, selecione metade delas que tenha a ver com masculinidade.



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Foi pedido através do questionário aos participantes que selecionassem metade de 12 palavras (homem, machismo, frágil, pai, força, feminilidade, sentimentos, agressivo, heterossexual, feminicídio) que em seu entendimento tivessem a ver com as masculinidades. As palavras mais evocadas foram; violência, homem, machismo, pai, força, agressividade e heterossexual, representam média de $16,6 \cong$ para 17%. Chama a atenção nesses dados é que todas(os) participantes assinalaram as mesmas seis palavras. Como o questionário foi aplicado de forma presencial, em alguns momentos houve conversas no grupo que podem ter influenciado nas respostas. As entrevistas trouxeram resultados mais subjetivos e que deram abertura para os participantes externarem seus pensamentos e percepções sobre as masculinidades.

6.3 Entrevista com o grupo focal

Antes de uma entrevista, é necessário o pesquisador conhecer os fundamentos teóricos do instrumento de pesquisa, a maneira como irá conduzir, as técnicas e procedimentos na coleta e obtenção dos dados. Desse modo, a maneira como o cientista irá tratar as informações, os filtros que fará, bem como o esforço intelectual na elaboração/produção das perguntas são desafiadoras. Os dados a seguir foram

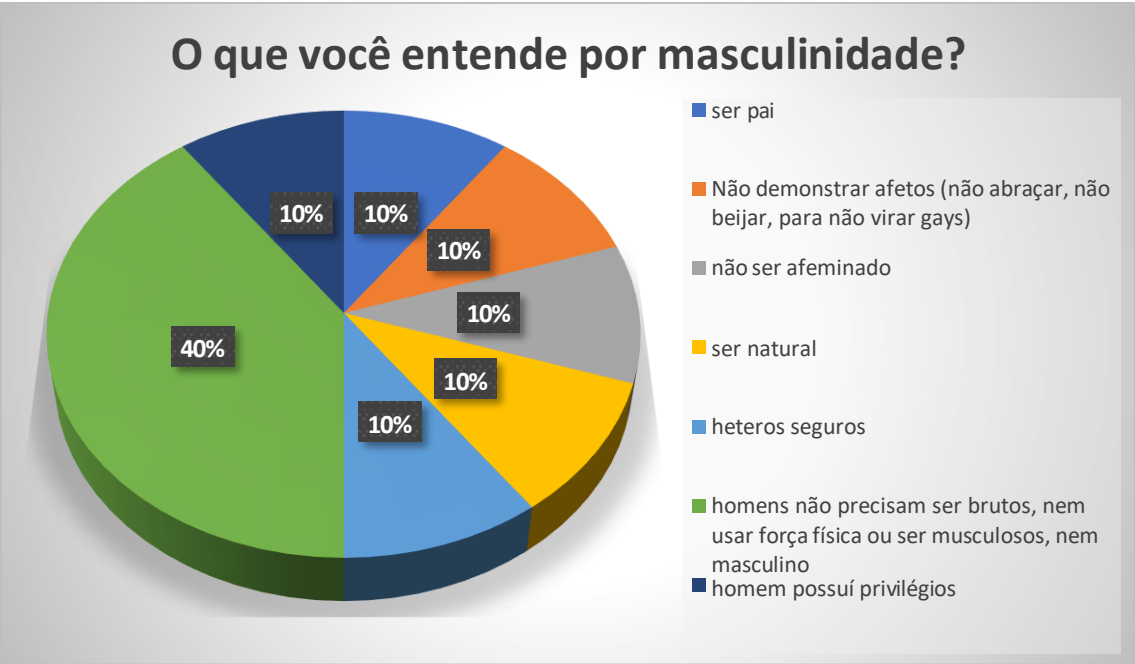
respondidos pelas(os) dez participantes selecionados. Segue a apresentação segundo a ordem de perguntas das entrevistas.

Tabela 30- O que você entende por masculinidade?

Palavras ou frases	Evocações
Ser pai	1
Não demonstrar afetos (não abraçar, não beijar, para não virar gays)	1
Não ser afeminado	1
Ser natural	1
Heteros seguros	1
Homens não precisam ser brutos, nem usar força física ou ser musculoso, nem masculino	4
homem possui privilégios	1

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 30- O que você entende por masculinidade?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Conforme perguntado o que entendem sobre masculinidade, a maioria das(os) participantes que equivale a 40%, entende que os homens não precisam reafirmar sua masculinidade sendo brutos, nem usar força física, ser musculoso, nem masculino. O que chama a atenção é o discurso de um participante que equivale 10%, relata que homens não podem demonstrar afetos como, abraçar, beijar, e que deve evitá-los para não virar gays. Ao longo do tempo foi associada culturalmente a ideia da sexualidade que o homem

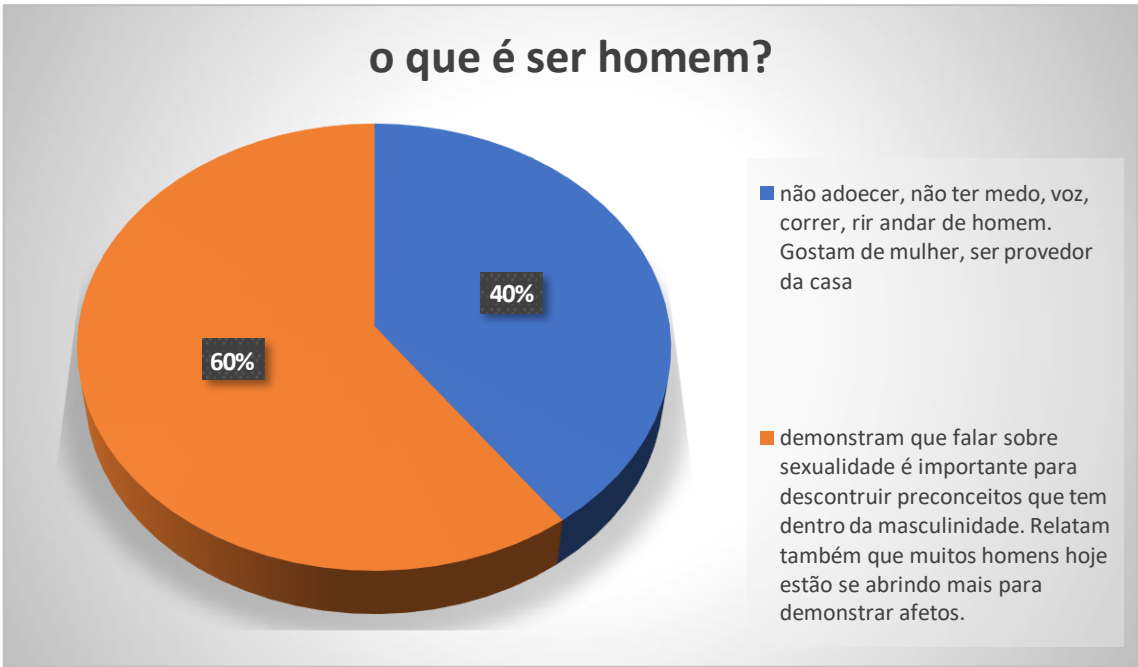
deveria ter algumas atribuições como ser viril, forte, ativa, musculosos, já aqueles que demonstrassem afetos e características que fossem atribuídas ao feminino, estariam fora do modelo hegemônico de masculinidade, já que a própria masculinidade é relacionada diretamente a heterossexualidade. Oliveira; Escudero (2019, p. 29).

Tabela 31- o que é ser homem?

Palavras ou frases	Evocações
não adoecer, não ter medo, voz, correr, rir andar de homem. Gostam de mulher, ser provedor da casa.	4
demonstram que falar sobre sexualidade é importante para desconstruir preconceitos que tem dentro da masculinidade. Relatam também que muitos homens hoje estão se abrindo mais para demonstrar afetos. Alguns homens têm diferentes forma de ser e que tem cuidados estéticos e de saúde.	6

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 31- o que é ser homem?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Conforme perguntados sobre o que é ser homem, 60% das(os)participantes demonstram que falar sobre sexualidade, sobretudo na escola, é necessário para a

desconstrução de diversos preconceitos que ocorrem dentro das relações de subordinação entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, inclusive, entre homens como outros homens. Ademais, relatam que muitos homens estão mais abertos para discussões de gêneros e sexualidades, demonstrando afetos, se permitindo feminilidades, dentre outros. De outro modo, 40% das(os) participantes, acreditam que ser homem é não adoecer, não ter medos, ter uma voz grossa, saber correr ereto e não muito mole, rir e andar de homem, tem que gostar de mulher, além de ser provedor da casa.

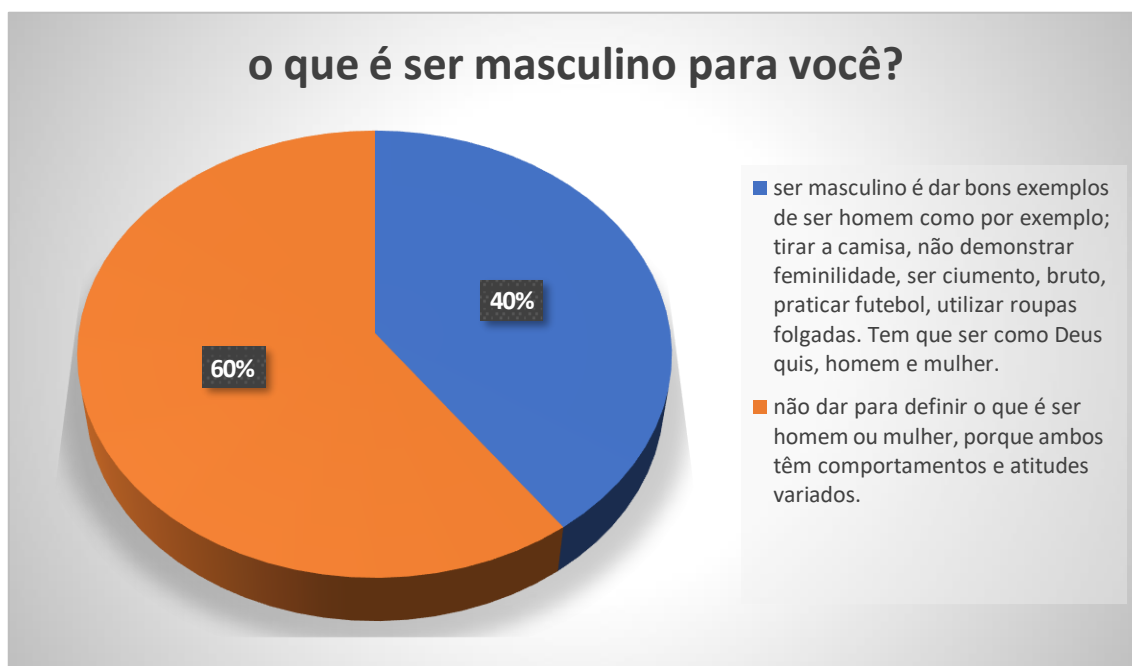
Interessante notar que os estudos de gêneros e sexualidades vem crescendo, descontruindo diversas teorias baseadas no fundamentalismo religioso, biologizantes, entre outras áreas. No entanto, a partir das falas das(os) participantes, percebe-se que ainda existem muitas falas atreladas a uma visão essencialista, que não concebe outros conceitos, ideias e pensamentos, sempre relacionando com um ser universal, como se todos os homens fossem homogêneos.

Tabela 32- o que é ser masculino para você?

Palavras ou frases	Evocações
ser masculino é dar bons exemplos de ser homem como por exemplo; tirar a camisa, não demonstrar feminilidade, ser ciumento, bruto, praticar futebol, utilizar roupas folgadas. Tem que ser como Deus quis, homem e mulher.	4
não dar para definir o que é ser homem ou mulher, porque ambos têm comportamentos e atitudes variados. homens podem ser carinhosos, sorrir, chorar, brincar e ter a profissão que quiser. Só que nem todos são assim pois tem medo de julgamentos.	6

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 32- o que é ser masculino para você?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

As(os)participantes foram perguntados sobre o que é ser masculino, cerca de 60% relatam que, não dá para definir o que é ser homem ou mulher, porque ambos têm comportamentos e atitudes variados. Além disso, elucidam que, os homens podem ser carinhosos, sorrir, chorar, brincar e ter a profissão que quiserem. No entanto, afirmam que, nem todos são assim por ter medo de julgamentos baseados num modelo hegemônico de ser do sexo masculino.

Já 40% das(os)participantes descrevem práticas e normas de como deve ser um homem e que estes devem dar bons exemplos de ser homens, como por exemplo; tirar a camisa no meio das pessoas, não demonstrar feminilidade, ser ciumento, bruto, praticar futebol, utilizar roupas folgadas. Por fim, esse mesmo grupo participante enfatiza o discurso religioso em que ser masculino, deve ser como Deus quis, homem e mulher. Endossando esse pensamento, um dos participantes da pesquisa, Jeferson, relata que “*tá na bíblia, num podi questionar naum o que Deus quis, o homi tem seu papel de sustentar a casa e sua muler, e, é a muler tem qui cuida da sua casa e os meninos, fiis, risos*”. Louro (1997, p. 48) enfatiza que “a ideia sobre os papéis de gênero é feita de modo simplista e redutor sobre os sujeitos e cria uma relação de desigualdades, deixando de fora o conhecimento sobre as diversas masculinidades e feminilidades existentes e tão complexas nessa emaranhada rede de poder e hierarquia entre os gêneros”. Portanto, o pensamento das(os) participantes se relaciona com a abordagem da autora, no sentido de

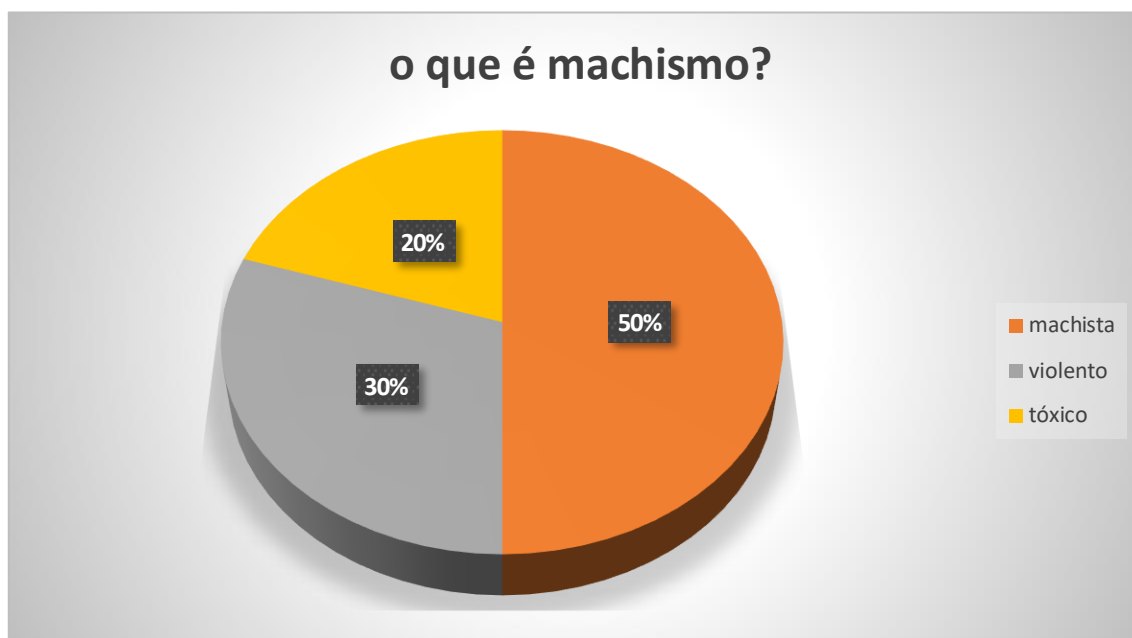
evidenciar como ocorrem ainda práticas de violências de gênero, como por exemplo, reduzir e relacionar homens a papéis sociais que foram e ainda são culturalmente naturalizados, como se esses determinassem as funções pelas quais deve ocupar ou do que se espera ou como deve se comportar. A autora pontua que esse pensamento é muito simplista para a complexidade entre as relações de gêneros que constitui cada sujeito.

Tabela 33- o que é machismo?

Palavras ou frases	Evocações
Machista	5
Violento	3
Tóxico	2

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 33- o que é machismo?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Ao responderem sobre o que é machismo, a maioria das(os)participantes que equivale a 50% relataram que é ser ‘machista’. Drumont (1980, p. 81) conceitua que, o machismo é fundamentalmente “um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e mulher”. Por ser um aspecto cultural em nossa sociedade, é fundamental analisá-lo, já que suas raízes habitualmente se fundamentam e naturalizam a violência, muita das vezes, culpabilizando as vítimas pelo fato. Drumont (1980, p.80).

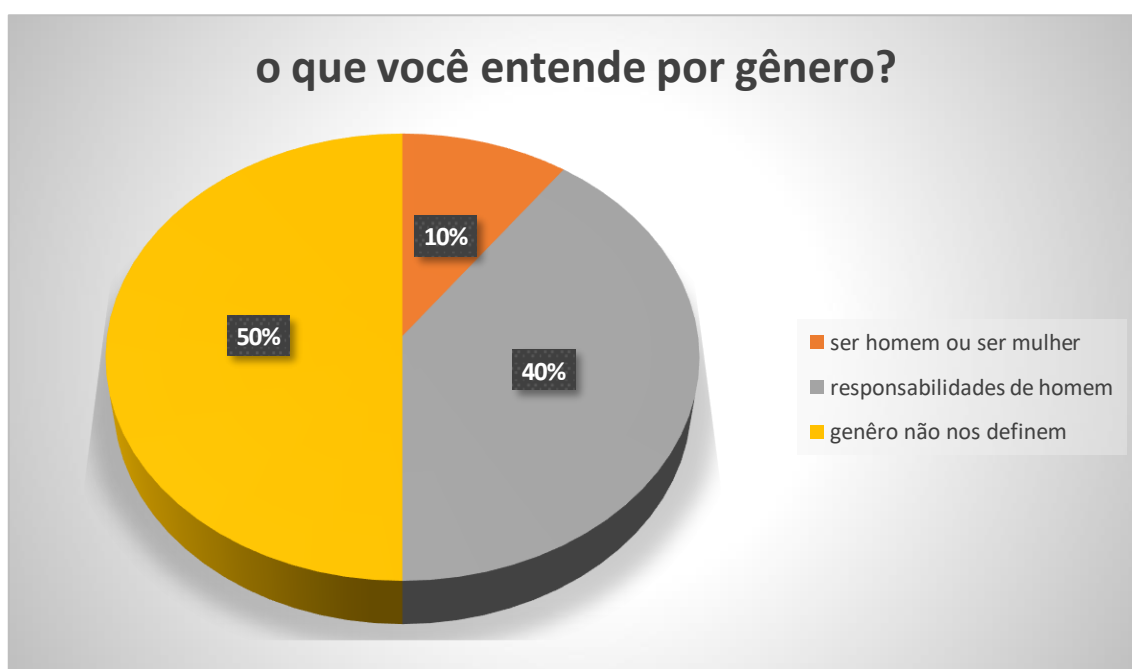
Conforme Safiotti (2001, p.1), a estrutura patriarcal concebe ao homem a aprovação pela sociedade para que possa corrigir algum comportamento assinalado como desviante por meio da violência. Dessa forma, a violência de gênero ocorre constantemente, fazendo-se com que a vítima se veja como culpada em exibir um comportamento digno de ser punido violentamente, conforme as sentenças machistas de modos e papéis atribuídos socialmente. Diante disso, percebe-se o quanto que o machismo é propagador de ideias que colaboram e legitimam as relações de dominação entre sexo e o gênero.

Tabela 34- o que você entende por gênero?

Palavras ou frases	Evocações
Ser homem ou ser mulher	1
Responsabilidades de homem	4
Gênero não nos definem	5

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 34- o que você entende por gênero?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

De acordo com as(os) participantes, 50% compreendem que gênero não os definem. Esse discurso está consoante ao que os estudos de gênero enfatizam, que é uma construção sociocultural como alerta Butler (2003, p. 59) uma vez que, o gênero é a “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura

reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.

Por outro lado, outros 40% associam gênero a ‘responsabilidades de homens’ e os 10% relacionam gênero a partir da divisão apenas em ser homem ou mulher. Percebe-se em ambos os discursos uma redução dos indivíduos a partir da utilização de atributos de forma que consolide uma essência do que é ser homem e do que é ser mulher, a partir do ponto de vista religioso, biologizantes, binário, com características que foram fixadas universalmente de um padrão imposto em nossa sociedade sobre o conceito de gênero.

De acordo com Rios; Bastos (2016, p. 59-60) o conceito de gênero ainda é pensando de acordo com o sexo biológico, no momento em que se cria expectativas desde o nascimento do bebê, rotulando e atribuindo papéis de gênero. Se espera dessa forma que, conforme aprendido socialmente, meninos se comportem de uma maneira e meninas de outra. Os autores ressaltam ainda que, na instituição escolar, (as) os professores são elementares na construção da identidade desses sujeitos, ainda mais quando se trata de cidades interioranas como no sertão.

Explica-se em seguida, os discursos dos participantes nas oficinas com o grupo focal através dos encontros mediados pelo pesquisador no esforço em identificar nos discursos os pensamentos que os participantes têm sobre as masculinidades.

6.4 Oficinas com grupo focal

Nesse grupo focal, utilizou-se essa técnica de pesquisa, uma vez que, pude compreender as percepções, crenças e atitudes dos participantes, de modo que, foi fundamental captar a profundidade das emoções imersas no espaço. Segue a apresentação dos dados das oficinas contendo cinco perguntas para as(os) participantes.

Tabela 35- o que é ser homem em nosso território semiárido e relacionando com o filme, o que vocês entendem?

Palavras ou frases	Evocações
ser homem é ter algumas atitudes e comportamentos como; tirar a camisa na rua; sentir desejo por mulher: se comportar para não dar mal exemplo, ser ciumento na medida, ser bruto as vezes, mostrar o que sente e desabafar	6

com os amigos, praticar futebol, utilizar shorts folgados	
Muito difícil por ter que seguir um modelo de ser.	4

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 35- o que é ser homem em nosso território semiárido e relacionando com o filme, o que vocês entendem?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Ao serem perguntados sobre o que é ser homem no território semiárido, pediu-se que relacionassem com o filme “*Barbie*” que assistiram na oficina promovida por essa pesquisa. A maioria das(os)participantes, que equivale a 60%, entende que, ser homem é ter algumas atitudes e comportamentos como; tirar a camisa na rua, sentir desejo por mulher: se comportar para não dar mal exemplo, ser ciumento na medida, ser bruto as vezes, mostrar o que sente e desabafar com os amigos, praticar futebol, utilizar shorts folgados. Esses participantes riram ao serem perguntados, pois para eles, ser homem representa características evidentes como as citadas anteriormente.

Importante ressaltar que, das(os) seis, duas do sexo feminino, que se autodeclaram evangélicas, estão dentro dessa porcentagem e justificaram suas respostas através do discurso fundamentalista religioso. Ao mesmo tempo em que relatam não ter nada contra outras formas de ser homem, mas que seguem preceitos religiosos. Uma delas, Iracema, relata que

“assim, eu tava falando com minha colega aqui e vô repeti. Deus ama o pecador e é, mas não o pecado. Eu também sou assim, pq num posso sair de meus princípios entendi ? naum sou preconceituosa naum só não podi mostrar a prática de atos libidinosos que Deus num gosta, tá nu testamento, qui o homem num podi deitar com ota como se fosse com mulher, porque é abominação”.

Fica evidente o quanto que Iracema faz questão de demonstrar que não é preconceituosa, balançando a cabeça com sinal de não, no entanto, ao relatar sobre o pensamento de que homens não podem viver sua orientação sexual de forma livre, pois Deus abomina a prática, a mesma acaba manifestando que concorda com tais pensamentos, o que resulta na exclusão sujeitos por conta de sua orientação sexual.

Já o restante, que equivale a 40%, afirma que deve ser difícil para os homens, que não se adequam ao modelo imposto em nossa sociedade. Nesse sentido, Rios (2022, p. 18) explica que de fato não é fácil ser *gay* em uma cidade do sertão da Bahia, uma vez que nossa educação foi e é pautada pela heteronormatividade em um território que, historicamente foi legitimado um determinado modelo de ser homem. Já os dissidentes, não teriam espaço algum, só restava resistir. Nesse sentido, essa vivência pode piorar caso não haja uma rede de sociabilidade, ausências de referências, logo um estranhamento do desejo afetivo-sexual, o que muitas das vezes pode gerar oscilações em negar a si mesmo ou auto se afirmar como se é.

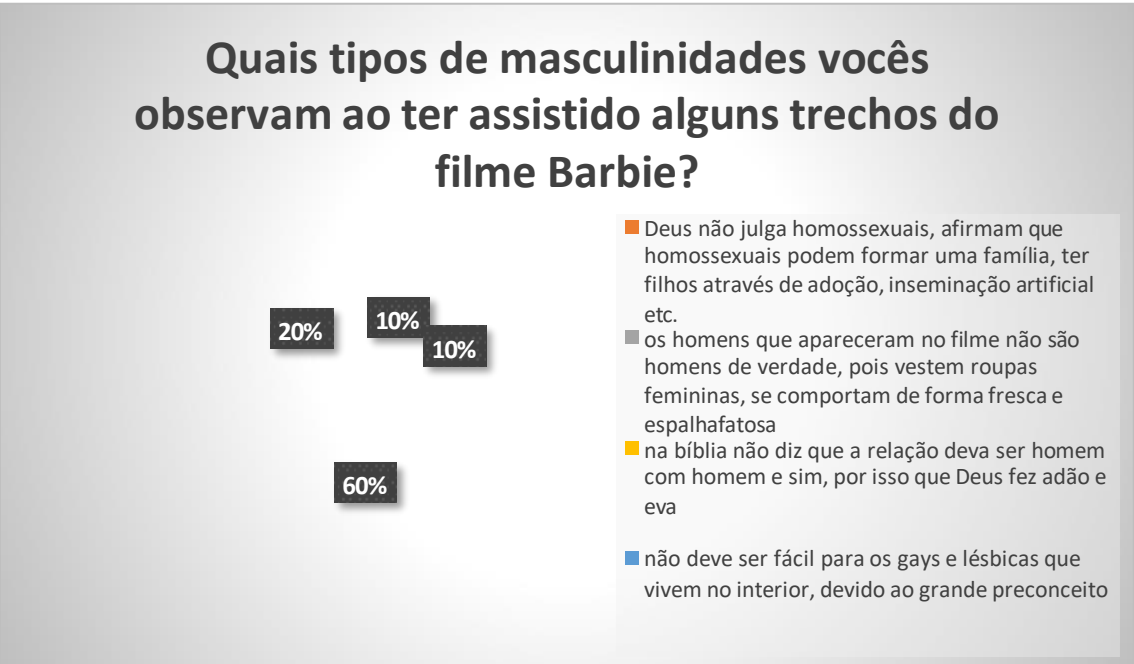
Tabela 36- Quais tipos de masculinidades vocês observam ao ter assistido alguns trechos do filme Barbie?

Palavras ou frases	Evocações
os homens que apareceram no filme não são homens de verdade, pois vestem roupas femininas, se comportam de forma fresca e espalhafatosa	1
se o homem decidir ser <i>gay</i> ele não vai deixar de ser homem porque ele <i>gay</i>. Ele vai continuar sendo homem. Se uma mulher escolhe ser lésbica ela vai continuar sendo mulher	1
na bíblia não diz que a relação deva ser homem com homem e sim, por isso que Deus fez Adão e Eva. homossexualidade é pecado, nem filhos eles podem ter, nem família, e que de outros modos não seria natural ter filhos. Deus não julga homossexuais, afirmam que homossexuais podem formar uma	6

família, ter filhos através de adoção, inseminação artificial etc. Na escola não aborda essas questões. É por isso que tem muitos jovens LGBTs que passam pelo bullying e muitos se matam por causa da depressão, ou muitos para agradar, mostrar ser quem não são.	
não deve ser fácil para os gays e lésbicas que vivem no interior, devido ao grande preconceito. Existem diferentes tipos de homens e diferentes formas desses se comportarem, de viver. ser heterossexual, mas por conta de ter voz fina e gesticular muito as mãos, as pessoas acreditam que seja gay e sofrer racismo por ser negro.	2

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 36- Quais tipos de masculinidades vocês observam ao ter assistido alguns trechos do filme Barbie?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Pediu-se que as(os)participantes observassem e identificassem quais os tipos de masculinidades existiam no filme “Barbie”. Sessenta por cento responderam que na bíblia não diz que as relações devam se constituir pela homossexualidade e sim pela heterossexualidade, pois assim Deus quis quando criou Adão e Eva. Além disso, esse

mesmo grupo traz em seus discursos que a homossexualidade é tida como pecado, elenca uma série de elementos que segundo eles faz com que seja inviável a vida dos homoafetivos, como por exemplo, não poder ter filhos, não constituir uma ‘família de verdade’ já que de outros modos não seria natural para se ter filhas(os). Conforme Butler (2003, p. 67) o discurso do fundamentalismo religioso judaico-cristão abordado como instrumento que pode colaborar com a exclusão e opressão das pessoas que não correspondem ao pensamento essencialista. Diante disso, percebe-se que o discurso religioso colabora para a reprodução e manutenção da estrutura que se baseia no binarismo entre homens e mulheres.

Um dos participantes que equivale a 10% relata como um desabafo que, Deus não julgaria homossexuais de ter filhas(os) através de inseminação artificial, adoção etc. Ao mesmo tempo em que ressalta também que a escola não aborda essas questões e, devido a isso, tem muitos jovens LGBTs que passam pelo bullying e ainda se matam por causa da depressão, outros que para agradar, mostram ser quem não são.

Com 20%, outras(os) participantes relataram que não deve ser fácil para os gays e lésbicas que vivem no interior, devido ao grande preconceito. Relatam que existem diferentes tipos de homens e distintas formas desses se comportar e viver.

Já 10%, que correspondente a um participante, trouxe uma informação que merece destaque, ao relatar que, os homens que apareceram no filme *Barbie*, não são ‘homens de verdade’, pois vestem roupas femininas, se comportam de forma fresca e ‘espalhafatosa’. Partindo desse entendimento,

“O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este acto contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder e posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos” (Butler, 2011, p. 87).

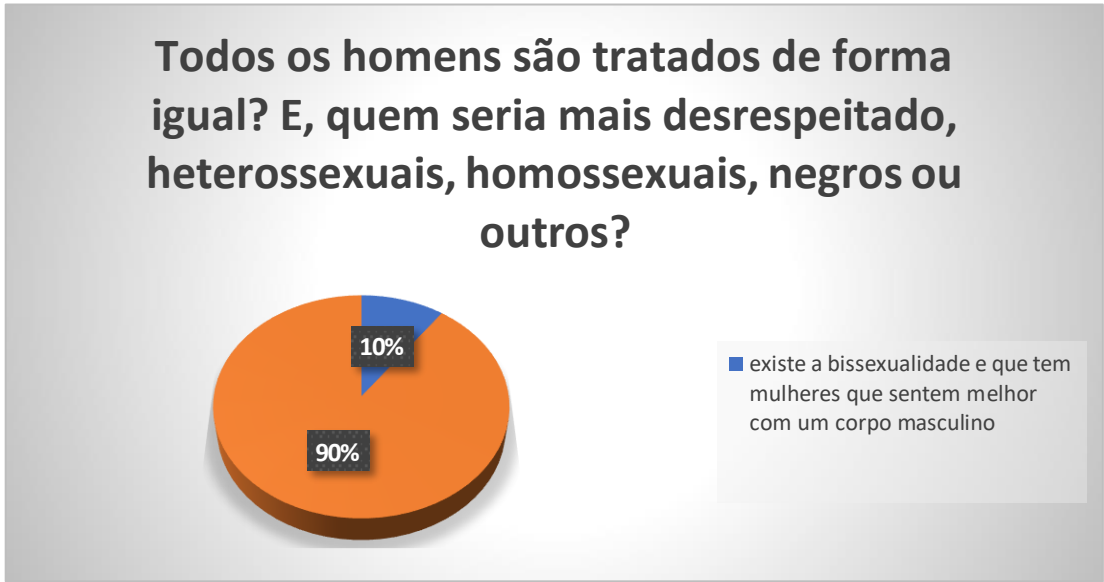
Para Butler, o gênero deve ser pensado de forma fluída, já que não é definindo pelo corpo nem tão pouco pela natureza e que continuamente os indivíduos performam, muita das vezes, de acordo com o gênero atribuído aos papéis sociais. Logo, quando percebido no filme outros homens que fogem ao modelo e que não são de acordo com os padrões de masculinidade impostos, acontece uma reação de estranheza, ou não aceitação

Tabela 37- Todos os homens são tratados de forma igual? E, quem seria mais desrespeitado, heterossexuais, homossexuais, negros ou outros?

Palavras ou frases	Evocações
existe a bissexualidade e que tem mulheres que sentem melhor com um corpo masculino	1
ainda existe preconceito com <i>gays</i> , com negros, com mulheres, mas não como antes, já pessoas heteras não sofrem só cometem machismo	9

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 37- Todos os homens são tratados de forma igual? E, quem seria mais desrespeitado, heterossexuais, homossexuais, negros ou outros?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Quando perguntados se todos os homens são tratados de forma igual e, quem seria mais desrespeitado, heterossexuais, homossexuais, negros ou outros, percebeu-se que os dois participantes que afirmaram na pesquisa ser homossexuais, os outros participantes os olharam imediatamente, os olhares indiscretos por si só já respondiam. A maior parte das(os)participantes, que equivalem a 90%, responderam que, ainda existem muitos preconceitos, destacam os *gays*, as(os) negros e as mulheres. Afirmam que estes preconceitos ainda acontecem, mas não como antes e que pessoas heterossexuais não sofrem, contudo, cometem machismo e homofobia.

Já a participante Carla que representa 10% do total dos questionários faz algumas pontuações, relatou de forma emocionada que a bissexualidade também sofre

bastante preconceito e que tem mulheres que se sentem melhor num corpo masculino. Outro relato da participante é que, constantemente a sua bissexualidade é atrelada a indecisão, a ser confusa, que sua mãe acredita que ela seja ‘sapatão’, além de ter que reafirmar sua orientação.

De acordo com Guines (2010, p. 19) bissexual é uma pessoa que sente atração sexual e desejo por pessoas de ambos os sexos, mesmo que seja mais presente para um deles. No entanto, não necessariamente conforma sempre em uma orientação bissexual, uma vez que, não são todas as vezes que há interesses sexuais.

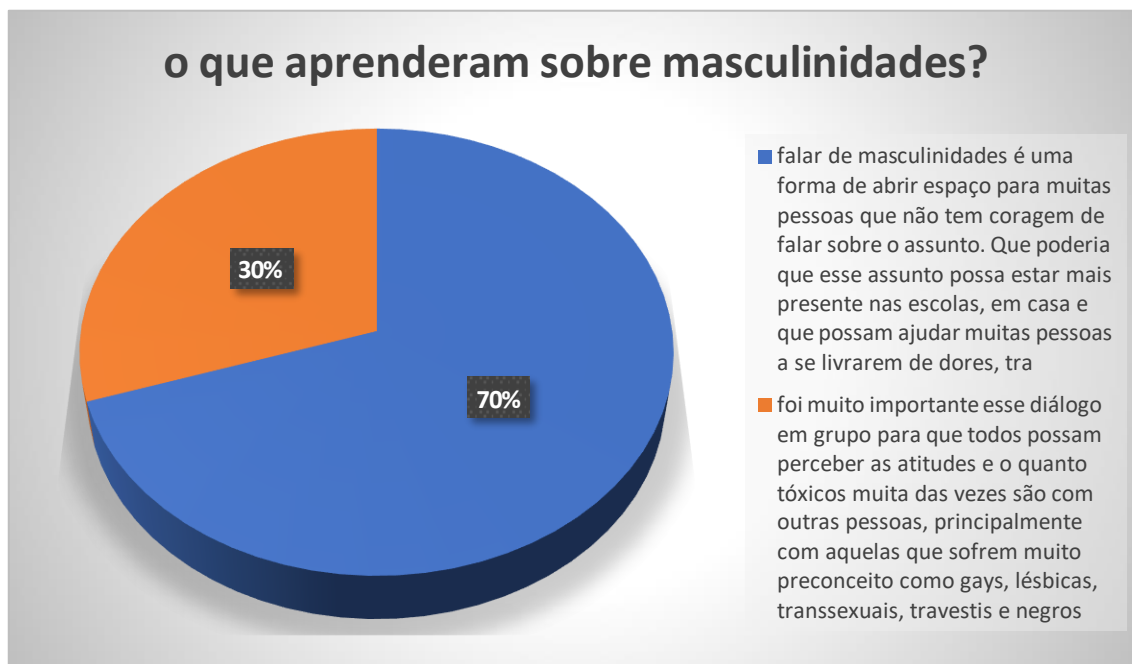
Importante ressaltar o quanto que a participante relata passar por diversos preconceitos e sofre cotidianamente. Sobre isso, Coelho (2019, p. 223) infere a bifobia como “o ódio ou a aversão à bissexualidade ou às pessoas bissexuais”. Desse modo, percebe quando a participante diz que sua mãe a chama de sapatão, o que revela a invisibilidade da bissexualidade, reforça os estereótipos pela falta de conhecimento, por exemplo.

Tabela 38- o que aprenderam sobre masculinidades?

Palavras ou frases	Evocações
falar de masculinidades é uma forma de abrir espaço para muitas pessoas que não tem coragem de falar sobre o assunto. Que poderia que esse assunto possa estar mais presente nas escolas, em casa e que possam ajudar muitas pessoas a se livrarem de dores, traumas e violências ajudar muitas pessoas que desistem de estudar e sofrer menos preconceitos na sociedade	7
foi muito importante esse diálogo em grupo para que todos possam perceber as atitudes e o quanto tóxicos muita das vezes são com outras pessoas, principalmente com aquelas que sofrem muito preconceito como gays, lésbicas, transsexuais, travestis e negros	3

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Gráfico 38- o que aprenderam sobre masculinidades?



Fontes: dados da pesquisa (2024)

Numa tentativa de compreender e refletir com o grupo focal, perguntou-se o que aprendeu sobre masculinidades durante as oficinas. Demoraram por algum tempo a responder afirmando não terem uma opinião formada, pois aprenderam e filtraram muitas informações. Logo, setenta por cento respondeu que, falar de masculinidades é uma forma de abrir espaço para muitas pessoas que não tem coragem de abordar o assunto. Afirmam ainda que, essas questões deveriam fazer parte do currículo escolar, de envolver mais as(os) estudantes nessas discussões, uma vez que, poderiam ajudar a superar dores, traumas, violências, reduzir a evasão escolar, ajudar estudantes a sofrerem menos preconceitos na sociedade.

Para os participantes, falar sobre sexualidade no ambiente escolar é fundamental, uma vez que, pode ser um espaço informativo e que traga segurança para muitos jovens, podendo tirar suas dúvidas e inquietações sobre o assunto. Percebeu-se se que esse desejo partiu da preocupação e necessidade em conhecer mais sobre meios e modos de como prevenir as IST's, e a gravidez na adolescência. Contudo, os participantes se preocupam também em respeitar às diversidades e relacionar-se de forma saudável.

De acordo com os PCNSs, (1998, p. 48) é de fundamental importância o espaço escolar, ser um lugar político, de sensibilizar estudantes para criticidade, de

desconstrução de preconceitos, intervindo de acordo com os regimentos como por exemplo, o Plano Nacional de Educação (PNE). Dessa maneira, os professores são orientados a tecer sobre práticas que reflitam os valores humanos, direitos democráticos, ao reconhecimento da pluralidade de sujeitos em suas mais diversas camadas (étnica, crenças, gêneros, orientação sexual, etc.).

A BNCC (2021, p. 88) por sua vez, direciona a educação para que ocorra um procedimento a qual envolve competências básicas como socialização dos indivíduos, na construção de conhecimentos e valores, responsabilidades ao assumir papéis, modificar saberes, transformando-os em cidadãos plenos.

Barros (2022, p. 96-97) elucida que os diálogos sobre gênero e orientação sexual ainda é um grande desafio educacional, cheios de disputas narrativas. Para uns, fortalecendo o silenciamento de tais questões e exclusão desses assuntos do currículo escolar, justificando que a escolar incentivaria na tomada de decisões e prática sexual. Para outros, o objetivo de discussões desses assuntos seria para orientar as(os) estudantes a reduzir as estatísticas de violências, acabar com rótulos, de desigualdades de gênero, abusos e exploração sexual, dessa forma, colaborando para a harmonia e vivências nos espaços. Nesse sentido, a BNCC menciona a orientação para abordagens sobre gênero e orientação sexual no espaço escolar “conhecer, fruir e analisar criticamente diferentes práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social e em diferentes sociedades, em distintos tempos e espaços, respeitando as diferenças de etnia, gênero, sexualidade e demais diversidades”, (Brasil, 2015, p. 86).

Percebe-se conforme o documento da BNCC a orientação para discussões sobre as questões de gênero e sexualidade, uma vez que todos esses assuntos devem ser tratados sem distinção. De acordo com Barros (2022, p. 99) especificamente no Ensino Médio, infelizmente, muitos desses assuntos quando trabalhados, são direcionados apenas a disciplina de Biologia, sendo consideradas as sexualidades, de modo binário e biologizante. O autor chama a atenção que, desse modo, está ferido o direito do conhecimento amplo e que precisa compreender para além do biológico.

O outro grupo dessa pesquisa de participantes que equivale a 30%, relata que, foi muito importante esse diálogo em grupo para que todos possam perceber as atitudes e o quanto tóxicos muita das vezes são com outras pessoas, principalmente com aquelas que sofrem muito preconceito como *gays*, *lésbicas*, *transsexuais*, *travestis* e *negros*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero fundamental importância o envolvimento do pesquisador na pesquisa empírica, ao abordar temáticas e discussões relacionadas masculinidades. É desafiador, uma vez que, mesmo com diversos avanços e políticas públicas implementadas atualmente, percebi que ainda persisti discursos políticos, religiosos, biologizantes, etc em determinados grupos em nossa sociedade. No entanto, busquei através do grupo focal pesquisado visibilizá-los e debatê-los através de diferentes instrumentos e técnicas no ambiente escolar.

Na escola onde desenvolvi a pesquisa, passei por diversas situações desconfortáveis desde o início até o final do trabalho, pois percebi uma certa resistência de algumas(ns) professoras(res) numa reunião que tive para apresentar meu objeto de estudo como proposta a ser pesquisada com o grupo focal daquele estabelecimento de ensino. Entre caras e bocas, cabeças balançando com sinal de não, olhares indiscretos e falas do tipo *“isso não irá influenciar na sexualidade dos meninos, não?”*; *qual a necessidade de falar disso?”* Ou, *“tem que ter muito cuidado para falar de temas como estes, os alunos não teem ainda formado essas coisas na cabeça”*. Apesar disso, segui meu objetivo, demonstrando o quão importante e quais contribuições minha pesquisa traria para os participantes e toda a comunidade escolar.

Meu objetivo foi identificar através dos discursos as representações sociais das masculinidades, para tanto, a Análise do Discurso foi fundamental para nortear teoricamente os discursos dos estudantes. Ao utilizar a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), pude observar que os participantes se sentiram mais livres para responder palavras, e escreviam o que lhe viam à mente e isso fez com que guiassem sobre os primeiros pensamentos de palavras geradoras. Ao agrupar todas as palavras e classificá-las, pois o número de evocações demonstrava o que maior ou menor parte das(os) participantes diziam sobre cada instrumento analisado, obtendo assim, uma melhor precisão na análise dos resultados.

Os resultados apresentados nessa pesquisa demonstram que os objetivos, bem como à questão norteadora foram alcançados, uma vez que, identifiquei quais foram as representações das masculinidades e os reflexos no cotidiano escolar dos sujeitos envolvidos na pesquisa através de seus discursos. Os marcadores interseccionais de

gênero, a sexualidade, a religiosidade e a raça, interferem nas concepções e representações sociais de masculinidades e, por conseguinte, nas práticas cotidianas.

Já 30% das(os) participantes, entendem que muitos homens utilizam de atributos designados para o sexo masculino como força, por exemplo, para mascarar suas fragilidades, utilizando-se, inclusive, da violência e do preconceito contra as mulheres e contra outros homens que desviam da corporificação do gênero masculino a qual profere o modelo de masculinidade hegemônica.

Grande parte das(os) estudantes que corresponde (80%) assegura que, os professores, geralmente não costumam falar sobre esses assuntos, exceto quando em alguns momentos que ocorre projetos na escola sobre violência contra a mulher, aí o tema entra no assunto indiretamente. Dessa forma, percebemos o quão importante haver formações continuadas nesses espaços educativos.

Oitenta por cento se autodeclararam heterossexuais (masculinidade hegemônica) e demonstraram discursos voltados para o binarismo, de forma biologizante baseado em escritos judaico-cristãos. Esses discursos são externados constantemente por pessoas na sociedade ainda relacionarem a heterossexualidade a heteronormatividade. Atrélam características como ser forte e musculoso, macho, ser viril a todo instante, que o homem não pode negar sexo nem desejos por mulheres, obter poder, que deve utilizar da violência para impor e demonstrar que é homem. Importante denotar que, não necessariamente uma representação de masculinidade tenha que ser obrigatoriamente vinculada à heterossexualidade, a hegemonia vai depender de todo um contexto, tempo e espaço. Esses dados indicam as barreiras dos homens em reconhecer, e refletir de forma crítica sobre as suas atitudes de violência e machismo que praticam cotidianamente.

Um maior número de participantes, 60%, relatam que, muitos homens estão mais abertos para discussões de gêneros e sexualidades atualmente, demonstrando mais afetos e se permitindo feminilidades, por exemplo. Interessante notar que os estudos de gêneros e sexualidades vem crescendo, desconstruindo diversas teorias baseadas no fundamentalismo religioso, biologizantes, entre outras áreas. No entanto, a partir dos discursos das(os) participantes, percebe-se que ainda existem muitas falas atreladas a uma visão essencialista, que não concebe outros conceitos, ideias e pensamentos, e sim, dando ao sujeito um caráter universal.

A BNCC (2021, p. 88) por sua vez, direciona a educação para que ocorra um procedimento a qual envolve competências básicas como socialização dos indivíduos, na construção de conhecimentos e valores, responsabilidades ao assumir papéis,

modificar saberes, transformando-os em cidadãos plenos. Barros (2022, p. 96-97) elucida que os diálogos sobre gênero e orientação sexual ainda é um grande desafio educacional, cheios de disputas narrativas. Para uns, fortalecendo o silenciamento de tais questões e exclusão desses assuntos do currículo escolar, justificando que a escolar incentivaria na tomada de decisões e prática sexual. Para outros, o objetivo de discussões desses assuntos seria para orientar as(os) estudantes a reduzir as estatísticas de violências, acabar com rótulos, de desigualdades de gênero, abusos e exploração sexual, dessa forma, colaborando para a harmonia e vivências nos espaços.

A maioria das(os) participantes, 60%, relatam que, não dá para definir o que é ser homem ou mulher, porque ambos têm comportamentos e atitudes variadas, como o homem trans por exemplo. Além disso, afirma que, os homens podem performar masculinidades, ser carinhosos, sorrir, chorar, brincar e ter a profissão que quiserem, ou seja, entendem que a masculinidade não é exclusiva aos homens. No entanto, afirmam que, nem todos são assim por ter medo de julgamentos baseados num modelo hegemônico de ser do sexo masculino. Percebe-se que os pesquisadores e pesquisadoras pensam o conceito de masculinidade hegemônica e ativam outras acepções de masculinidades.

A maioria dos(as) participantes, 90% compreendem que nem todos os homens são tratados de forma igual e, os mais desrespeitados são: os *gays*, as(os) negros e as mulheres. Percebeu-se a partir dos dados que, quaisquer performances atreladas ao feminino eram condicionadas a inferioridade e a exclusão.

Pude perceber na fala dos entrevistados que, as representações de masculinidades relatadas pelos fizeram eu repensar e fortalecer a minha manutenção da minha própria masculinidade como *gay*, afeminado e *poc poc*.

Considero que essa pesquisa trouxe temas instigantes, ousados e urgentes de serem tratados no ambiente escolar, pois visa romper com o pensamento de modelo patriarcal construído ao longo da história, ideais de ser homens de forma cristalizadas e fixas que excluem outras representações sociais de ser homem em nossa sociedade. Construir um ambiente escolar colaborativo e responsável significa: evitar rótulos; desconstruir preconceitos que foram construídos desde a sociedade patriarcal, viver suas diversas masculinidades sem juízo de valores.

Por fim, há ainda muito a ser dito sobre as representações sociais das masculinidades. Apresento aqui apenas os resultados tanto bibliográficos quanto de campo. Logo, essa pesquisa não pretende ser totalizante e não tem fins para encerrar aqui

a discussão, pelo contrário, visa continuar debates e reflexões acerca das complexidades das masculinidades, dando espaço para novas vozes.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do "falo"** - uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

_____. **Máquina de fazer machos:** gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 23-34. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/tg384/02>. Acesso em: **em:13 jul 2023**.

ALENCAR, Müller Alves. Educação, masculinidade e cultura do estupro: a experiência do debate de gênero e violência contra a mulher com os estudantes das escolas de Queimadas, na Paraíba. In: *Anales - Textos completos del VI Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades – Volumen 04*. Recife: UFPE, IFF/Fiocruz; Instituto PAPAI, 2023.

ALMEIDA, Edson Leandro. **Escola sem homofobia:** a (re)produção da identidade sexual nos discursos escolares. 2016. Dissertação (Mestre em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2016. Disponível em: <http://tede2.ufrpe.br:8080/tede/handle/tede2/5079>.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehau; MEDRADO, Benedito. Introdução. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehau; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades:** outras palavras. São Paulo: ECOS/Ed. 34, p. 15-28, 1998.

ATLAS. **Dos cuidados paliativos no Brasil 2019** [livro eletrônico] / André Filipe Junqueira dos Santos, Esther Angélica Luiz Ferreira, Úrsula Bueno do Prado Guirro; organização Luciana Messa; coordenação Stefhanie Piovezan. -- 1. ed. -- São Paulo: ANCP. Disponível em: <https://cuidadospaliativos.org/uploads/2024/1/Atlas-ANCP.pdf>.

BADINTER, Elisabeth. **XY:** sobre a identidade masculina. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Editora 70, p. 229. 2011.

BARBOSA, Regina M. (orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Abia/IMS/UERJ, 1996, p. 119-135.

BARROS, Pereira Machado. **Prática pedagógica docente e relações de gênero no semiárido**. Uneb, 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** Fatos e Mitos. (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos infantis masculinos homens por vir?** 2006.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

BISPO JUNIOR, Jorge Santana. **Construindo a masculinidade na escola: o colégio Antônio Vieira (1911-1949)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3º ed. São Paulo: Companhia de letras, p. 55. 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2019). **Homens são os que mais morrem de acidentes no trânsito**. Ministério da Saúde. Brasília, 16/05/2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2019/maio/homens-saomaiores-vitimas-de-acidentes-no-trnsito>>. Acesso em: 13 jul 2023.

BRITO, Rosimeire dos Santos. **Masculinidades, raça e fracasso escolar: narrativas de jovens em EJA em uma escola pública municipal de São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In:

_____, Judith. **Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault**. BENHABIB, S.; CORNELL, D. (Coords.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p. 139-154.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo M. da; GOULART, Treyce Ellen Silva. **Coisas de garotos! Currículos, masculinidades e regulações cotidianas nas escolas**. In: **Anales - Textos completos del VI Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades – Volumen 02**. Recife: UFPE, IFF/Fiocruz; Instituto PAPAI, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 87, 2001.

CARVALHO, L. D. **UM SENTIDO DE PERTENCIMENTO AO TERRITÓRIO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: A RESSIGNIFICAÇÃO DA TERRITORIALIDADE SERTANEJA PELA CONVIVÊNCIA**. *Revista De Geografia*, 28(2), 60–76. 2011.

CARVALHO, Marcela Melo de. **Babel da crença: candomblés e religiosidade na belle époque carioca**. 2010. 123p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CARVALHO, MARIA EULINA Pessoa. **Pierre Bourdieu sobre gênero e educação**. *Revista Ártemis*. vol. 1, Dez-2004. João Pessoa: UFPB, 2004.

- CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Modelo acesso em: 14 fev 2024.
- CHODOROW, Nancy. **Feminism and Psychoanalytic Theory**. New Haven: Yale University Press, 1989.
- COELHO, Fernanda. Bissexualidade. In: FERRÃO, Dalcira; CARVALHO, Lucas Henrique de; COACCI, Thiago. Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo. Belo Horizonte, 2019. Cap. 9, p. 221-241.
- COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- _____. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.241-282, 2013.
- _____. **Políticas da masculinidade**. Educação e Realidade, v. 2, n. 20. p. 185-206, 1995.
- _____. **Gênero e poder**. Cambridge: Polity Press, 1987.
- _____. **Políticas da masculinidade**. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v.20, nº2, jul/dez 1995. pp. 185-206.
- _____. **Educação de jovens machos**: Novas investigações sobre e estratégias de gênero para as escolas. Nômadias, nº14, 2001. p.156-170.
- _____. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- _____. **Masculinidades**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.
- _____. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas. v. 21, n. 1. Jan-Abril/2013. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 241 – 282.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da – **Protagonismo Juvenil**: adolescência, educação e participação democrática – Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- COSTA, Moacir, **Macho-Masculino-Homem**: a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro. Porto Alegre:L&PM,1986.
- CRENSHAW, Kemberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 171, 1/2002.
- DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada**: negro, racismo, e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2004.
- FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FANON, F. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. –Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.

- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica**. 2006. In: Anais do VII Seminário Fazendo Gênero, 2006. Belo Horizonte, UFGP, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. A arqueologia do saber. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- FREIRE, Paulo. (1993). **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora.
- FRANCO, M. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- GADSBY, Hanna. **Nanette. Stand-up Comedy, 63 minutos**. Filmado em Sidney Opera House. Netflix, 19 jun, 2018. Feita a tradução em 24/06/24.
- GALET, Carmen; SEFFNER, Fernando. **Dois olhares sobre masculinidade no ambiente escolar: Brasil e Espanha**. *Revista Ibero-americana de estudos em educação*. v. 11, n. 2, abr-jun, 2016.
- GAMA, Juliana F. de A.; KNUSSEN, Patrícia P. S. **Homens, Meninos e Masculinidade na Escola**. In: Simpósio Internacional de Educação Sexual. UEM, São Luzi: 2015.
- GARCIA, S. M. **Conhecer os Homens a Partir do Gênero e para além do Gênero**. In Arilha, Margareth; Ridenti, Unbehaum, Sandra G., e Medrado, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras Palavras**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- GARCIA, Sandra Maria. **Conhecer os Homens a Partir do Gênero e para além do Gênero**. In Arilha, Margareth; Ridenti, Unbehaum, Sandra G., e Medrado, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras Palavras**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GERHARDT, U. Introdução sobre entrevistas: . *Social Science and Medicine*, v. 30, n. 11, p. 1.149-59, 1990.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. Relações étnico-raciais e lugares de (re) existências [recurso eletrônico] / Organização: Amanda Christinne Nascimento Marques ... [et al.]. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2021.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. **Identidades e escola: interações e exclusões**. ed. 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. hooks, bell.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS – IBGE. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/olinda/panorama>. Modelo. Acesso em: 14 fev 2015.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Relatório econômico. Brasília: Ipea; IBGE, 2017. Acesso em 21 de maio de 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez. 2018.

KATZ, P. A. **Gênero e identidade**: Development and consequences. 1986, R. D. Ashmore & F. K. Del Boca (Orgs.), *The social psychology of female-male relations: A critical analysis of central concepts* (pp. 21-67). New York: Academic Press. Feita a tradução em 21/05/23.

KELLER, Daniel; ARAÚJO, Denise Castilhos de. Masculinidades: identidade narrativa, performance e diagramas de marginalização. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 30, n. 1, p. 304-328, jan./jun. 2017.

KIMMEL, Michael. **Healing from hate**: how young men get into- and out of – violent extremism. Oakland: University of California Press, 2018. Feita a tradução em 15/04/23.

_____. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de Metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEHNEN, Leila. **Apresentação**: Narrativas fora do lugar. *Estudos de literatura brasileira/Meracontemporânea*, n. 45, p. 13-20, jan./jun. 2015.

LEAL, Ondina Fachel; BOFF, Adriane de Mello. **Insultos, queixas, sedução sexualidade**: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: PARKER, Richard; BARBLEAOSA, Regina M. (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Abia/IMS/UERJ, 1996, p. 119-135.

LEPRE, Melissa Rita. **Adolescência e construção da identidade**, 2006, 19-52.

Maria Regina Azevedo. **Masculinidade**: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 131-138.

LISBOA, T. K. (2010). Gênero, feminismo e Serviço Social: encontros e desencontros ao longo da história da profissão. *Rev. katálysis* [online]. vol.13, n.1.

LOPES, Anderson da Silva. **Professor x alunos**: masculinidades em jogo no discurso de sala de aula. *Ao Pé da Letra* (UFPE), Recife, v. 4.1, p. 9-19, 2002.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172. 130

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Bruna Farias. **Estudos de masculinidades: a crise masculina, a masculinidade hegemônica e a paternidade em Onde estão os ovos?** de Fabrício Carpinejar. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 7, n. 11, p.49-63, 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/64777>>. MODELO. Acesso em: 14 fev 2015.

MACHADO, Lia Zanotta. "Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade". In: COSTA, Albertina de O., BRUSCHINI, Cristina (orgs.) Uma questão de gênero Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 24-38.

MARQUES, Juracy; NOVAES, Joaquin (org.). CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO: Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Petrolina/PE e Juazeiro/BA. Paulo Afonso: SABEH, p. 406, 2015.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Trad. Plínio Dentzien. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2010. MEDINA. João Paulo S. O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. Campinas: Papirus, 1987.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Em tempos de masculinidades coloniais em relevo, um intento de prefácio**. In: CAETANO, Marcio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da (Org.). De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. Prefácio. p. 7-9. MEIRELES, Cecília. **Espectros**, 1919. Editora: GLOBAL Coleção Edição: 3ª edição.

MELLO, Soraia Carolina de. **Trabalho doméstico: coisa de mulher?** Debates feministas no Cone Sul (1970-1989). Rio de Janeiro: Multifoco, p. 155. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: uma aprendizagem pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NASCIMENTO, Marcos. **Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades**. In: CAETANO, Marcio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da (Org.). De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. Cap. 1. p. 16-27.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Trabalho, mercado e sociedade - O Brasil nos anos 90 Marcelo Weishaupt Proni e Wilnês Henrique (org.) Editora Unesp; Campinas, SP: Instituto de Economia da Unicamp, 2003.

PEREIRA, André Alves; PONTAROLO, Fábio. **A representação social e a masculinidade em textos de 1840 e 1920 da literatura brasileira**. 2010. VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica

da Faculdade Guairacá. Vol. 02, n. 02, 2010. Disponível em: <
<http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/viewArticle/121>>.

PESSOA, Domícia; ALENCAR, Müller Alves. **Educação, masculinidade e cultura do estupro:** a experiência do debate de gênero e violência contra a mulher com os estudantes das escolas de Queimadas, na Paraíba. In: Anales - Textos completos del VI Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades – Volumen 04. Recife: UFPE, IFF/Fiocruz; Instituto PAPAI, 2023.

PRADO, Vagner M.; RIBEIRO, Arilda I. M. **Gêneros, sexualidades e educação física escolar:** um início de conversa. Motriz: Revista de Educação Física, v. 16, n. 2, p. 402-413, 2010.

PROFÍRIO, Ana Luiza. **“Discretos e alarmosos”, apenas os invisíveis serão aceitos?** Violências relacionadas ao gênero e a sexualidade na escola. In: Anales - Textos completos del VI Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades – Volumen 04. Recife: UFPE, IFF/Fiocruz; Instituto PAPAI, 2019.

QUEIROZ, M. **Taxa de distorção idade** -série – Brasil, 2016. Disponível em <https://qedu.org.br/brasil/distorcao-idade-serie>.

RAMOS, Paulo César. **Raça e racismo entre a violência policial e a teoria do reconhecimento.** Trabalho preparado para apresentação no IX Seminário Discente da Pós-graduação em Ciência Política da USP, de 6 a 10 de maio de 2019.

REIS, E. dos S; VANDERLEIA. S.O (2022). **Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro.** (2022)

RIOS, Pedro Paulo Souza. **Relações de gênero no contexto semiárido:** vivências no assentamento Nova Canaã (Pindobaçu/BA) 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Juazeiro: 2015.

ROSISTOLATO, R., & Prado, A. P. do. **Etnografia em pesquisas educacionais:** o treinamento do olhar. Linhas Críticas, 21(44), 57–75, p. 2009.

SAFFIOTTI, H. **Gênero, Patriarcado e Violência.** 2 ed. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.

SILVA, André L. S.; ÁVILA, Richard S. **A inserção de homens professores de educação física na educação infantil:** entre o medo das sexualidades desviantes e a (re)produção de um currículo heteronormativo. Pensar a Prática, v. 21, n. 2, p. 433-443, 2020.

SILVA, Alan M; DAOLIO, Jocimar. **Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola:** contribuições para uma pesquisa em busca dos significados. Movimento, v. 13, n. 1, p. 13-36, 2022.

- SILVA, Marcelo M.; MEDEIROS, Daniele C. C.; QUITZAU, Evelise A. **Educação Física escolar: espaço de questionamento das masculinidades hegemônicas?** Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 2, 1999.
- SILVA, Luciano Ferreira. **Mind the trap: construção de masculinidades juvenis e suas implicações com o desempenho escolar.** 2018. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- SILVA JUNIOR, P. M. **SE DER MOLE... EU PASSO O RODO”**: quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça invadem o cotidiano escolar. Volume 6, número 1. Jan/abr. 2017.
- SILVA, Tadeu Tomaz da. **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018, p.156.
- SIMON, L. G. B., Magnoni, A. F., & Rosa, L. de F. G. (2023). **Jornalistas e jornalismo: desenvolvimento e modernização brasileira.** Revista De Gestão E Secretariado, 14(4), 4840–4858.
- SOUZA, Márcio Ferreira de. **As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s).** Mediações: Revista de Ciências Sociais, [s.l.], v. 14, n. 2, p.123-144, 15 dez. 2009. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p123>.
- SOUZA, Laura de Mello e. **“Por dentro do Império: infernalização e degredo”** in Inferno Atlântico – Demonologia e colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp. 89-101.
- TREVISAN, João. Silvério. **Em nome do desejo.** Rio de Janeiro. Record. 2000
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- TSOUKALAS, Ioannis. **A method for studying social representations. Quality & Quantity,** n. 40, p. 959-981, 2006. Feita a tradução em 14/05/23.
- VALENCIA, Saiak. **Capitalismo.** Gore. Resista editora plurais. Uma masculinidade necropolítica (2016).
- VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América.** (Trad. Allyson de Andrade Perez). Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.
- VITELLI, Celso. **Jovens universitários e discursos sobre masculinidades contemporâneas.** 2008. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

ANEXOS

Anexo 1- Perguntas do questionário aos participantes da pesquisa.

QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DE ALUNOS/AS PARA PROJETO		Questão 15	Questão 20
Questão 1	☐ sim ☐ não	O que você mais gosta de fazer na internet?	Qual raça você se identifica?
Nome do(a) estudante			☐ branca ☐ negra ☐ parda ☐ indígena ☐ oriental ☐ outra
Questão 2		Questão 16	Questão 21
Qual a sua idade?	Se sim, quantas? _____	Quais os principais sites que você acessa?	Qual a sua orientação sexual?
	Questão 09		☐ heterossexual ☐ bissexual ☐ homossexual ☐ assexual ☐ outra ☐ prefiro não responder
Questão 3	Com que frequência você vê TV? Que tipo e programa você gosta de assistir?	Questão 17	Questão 21
Qual seu sexo?	Questão 10	Você usa computador na escola?	Qual a sua orientação religiosa?
	Quantos livros você lê ao ano?	☐ sim ☐ não	☐ cristã católica ☐ ateu ☐ espírita ☐ judaica ☐ cristã evangélica ☐ candomblé ☐ islâmica ☐ creio em Deus mas, não sigo nenhuma religião ☐ outra
Questão 4	Questão 11	Questão 18	Questão 22
Matriculado/a na turma	Com que frequência você lê livro?	O que você entende sobre masculinidade?	Escreva três palavras que lhe vem a mente, relacionadas a masculinidades.
Questão 5	Questão 12	Questão 19	primeira palavra _____
Qual o seu ano?	Você tem computador em casa?	Você já conversou na escola sobre masculinidade?	
Questão 6	☐ sim ☐ não	☐ sim ☐ não	
Qual o seu número de irmãos/irmãs?	Questão 13	Se sim, o que achou?	
Questão 7	Você tem Internet em casa?		
Quantas pessoas moram em sua casa?			

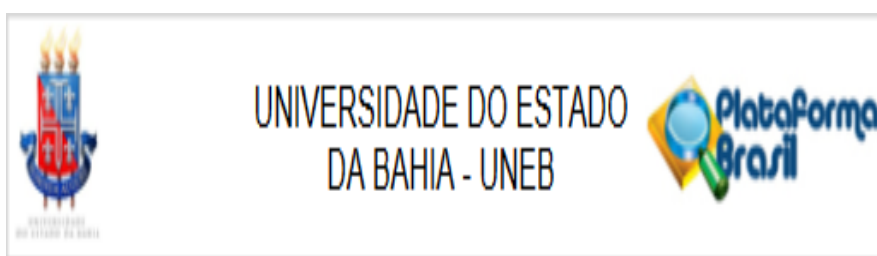
Fontes: dados da pesquisa (2024)

Anexo 2- Perguntas do questionário aos participantes da pesquisa.

Questão 23 Escreva três palavras que lhe vem a mente, relacionadas a masculinidade frágil. primeira palavra _____ segunda palavra _____ terceira palavra _____ Questão 24 Escreva três palavras que lhe vem a mente, relacionadas a masculinidade machismo. primeira palavra _____ segunda palavra _____ terceira palavra _____ Questão 25 Das palavras abaixo, selecione metade delas que tenha a ver com masculinidades ☐ violência ☐ homem ☐ machismo ☐ frágil ☐ pai ☐ força ☐ feminilidade ☐ sentimentos ☐ agressividade ☐ heterossexual ☐ feminicídio	
--	--

Fontes: dados da pesquisa (2024)

Anexo 3- Comprovante de envio do projeto para a Plataforma Brasil.



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AFINAL, O QUE É SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES PELOS ESTUDANTES EM UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM PETROLINA -PE

Pesquisador: JOEL BASTOS ALVES

Versão: 1

CAAE: 76718023.9.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 148973/2023

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto AFINAL, O QUE É SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES PELOS ESTUDANTES EM UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM PETROLINA-PE que tem como pesquisador responsável JOEL BASTOS ALVES, foi recebido para análise ética no CEP Universidade do Estado da Bahia - UNEB em 29/12/2023 às 09:52.

Anexo 4- Situação do Parecer: aprovado

Declaração de concordância	DECLARACAODECONCORDANCIA.pdf	12/12/2023 21:52:05	JOEL BASTOS ALVES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	12/12/2023 21:49:44	JOEL BASTOS ALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 23 de Abril de 2024

Assinado por:

Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,

Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br CEP: 40.460-120

UF: BA Município: SALVADOR

Telefone: (71)3612-1330

Fax: (71)3612-1300

E-mail: cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

APÊNDICE

Apêndice 1- Termo de assentimento livre e esclarecido.


DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO,
CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
 HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Complemento: _____ Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: (____) _____/____-____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** AFINAL, O QUE É SER
HOMEM? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADES
PELOS ESTUDANTES EM UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO
EM PETROLINA-PE

2. **PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** JOEL BASTOS ALVES

3. **Cargo/Função:** PESQUISADOR/DISCENTE

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O/A senhor(a) está sendo convidada a participar da pesquisa: AFINAL, O QUE É
SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADES PELOS
ESTUDANTES EM UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM PETROLINA-PE de
responsabilidade do pesquisador Joel Bastos Alves, discente da Universidade do Estado
da Bahia, que tem como objetivo primário analisar as representações sociais que os

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do Estado da
Bahia, aprovado sob número de parecer: _____ em _____, consulta disponível no
link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Apêndice 2- Termo de autorização de uso do nome, depoimento e imagem.


UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH-III)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS (PPGESA)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, DEPOIMENTO E IMAGEM

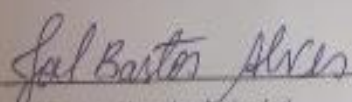
Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu nome, depoimento e/ou imagem, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora ERIKA JANE RIBEIRO, do projeto de pesquisa intitulado **AFINAL, O QUE É SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADES PELOS ESTUDANTES EM UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM PETROLINA-PE**, a colher meu depoimento e utilizar meu nome e imagem sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

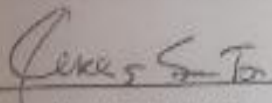
Ao mesmo tempo, libero a utilização do meu nome, depoimentos e/ou imagem para fins científicos e de estudos (livros, revistas, artigos, slides e mostras), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990) quando for o caso.

Caso, em algum momento da pesquisa, eu desista de participar do estudo, reivindico o direito de ter meu nome, sinal-nome, depoimentos e/ou imagem excluídos da pesquisa. Assim como, caso eu decida continuar participando, tenho o direito de reivindicar a qualquer momento a manutenção do nome, sinal-nome, depoimento e/ou imagem em sigilo.

_____, _____ de _____ de 2024.

Participante da Pesquisa


 Joel Bastos Alves (pesquisador)


 Carlos Santos (orientadora)

Apêndice 3- Continuidade do Termo de autorização de uso do nome, depoimento e imagem.

estudantes do 3º ano do ensino médio numa escola da cidade de Petrolina-PE têm das masculinidades, localizando suas possíveis configurações e os seus reflexos no cotidiano.

Entre os benefícios que a nossa pesquisa pode oferecer estão a publicação desses resultados, que poderão ser acessados pelas escolas e gerências de Educação e Cultura, a fim de que possam ser utilizados em suas programações curriculares locais, além da inserção das temáticas específicas de gênero e literatura, nos debates e estudos acerca da educação contextualizada, em âmbito acadêmico, oportunizando uma concepção mais holística dos sujeitos e suas relações.

Caso aceite participar da pesquisa, o(a Senhor(a)), entrevistado pelo aluno Joel Bastos Alves, do curso de pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semânticos da Universidade do Estado da Bahia, mas, as gravações só serão publicadas com o seu consentimento. Bem como, seu nome só será divulgado na pesquisa caso haja concordância e assinatura dos termos autorizativos. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e retirar sua autorização. Caso decida permanecer como participante, mas desista de ter o nome divulgado na pesquisa, Respeitaremos sua decisão e manteremos os sigilos necessários. Em todas as situações, garantimos que os dados não serão usados para fins diferentes do proposto nessa pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Na medida em que toda pesquisa envolvendo seres humanos implica em algum tipo de risco, sabemos que você poderá se sentir incomodada ou constrangida durante as etapas de coleta de dados, seja em função da exposição à câmera ou da própria exposição pessoal ao ser observado e questionado durante as entrevistas. Ademais, como faremos momentos atividades na nossa presença poderá causar embaraços, por essa razão fica ao seu critério a indicação das melhores datas e horários, dentro do período estipulado.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Quaisquer dúvidas que o(a Senhor(a)) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o(a Sr., caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço, ainda, que, de acordo com as

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade do Estado da Bahia, aprovada sob número de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Apêndice 4- Continuidade do Termo de autorização de uso do nome, depoimento e imagem.

leis brasileiras, o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O(A) senhor(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS:

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Joel Bastos Alves
Endereço: Rua 15, Santa Bárbara, nº 31, Petrolina- PE. Telefone: (87) 9 99613727 E-mail: joelbastos15@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador-BA. CEP: 41 150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: comitetedebioetica@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPPI 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSÓLO, Edifício Ex-PLAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **AFINAL, O QUE É SER HOMEM? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADES PELOS ESTUDANTES EM UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM PETROLINA-PE** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos, e assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

_____ de _____ de _____



Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da Universidade do Estado da Bahia, aprovada sob número de parecer _____ em _____, consulta disponível no site: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil>

Apêndice 5- Continuidade do Termo de autorização de uso do nome, depoimento e imagem.

Assinatura do participante da pesquisa

[Assinatura]
Assinatura do pesquisador docente
responsável
(orientador)

[Assinatura]
Assinatura do professor
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do Estado da Bahia - aprovada sob número de parecer: _____ em _____, consulta disponível no site: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Apêndice 6- Termo de assentimento do menor.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR
ESTA PESQUISA SEGUE OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **AFINAL, O QUE É SER HOMEM?** REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADES PELOS ESTUDANTES EM UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM PETROLINA-PE. Seus pais permitiram que você participe. A pesquisa procura analisar quais são as representações sociais de masculinidades entendidas através dos estudantes do 3º ano na Escola Otacílio Nunes de Souza, Petrolina-PE. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será entrevistado(a), e utilizaremos um gravador digital para facilitar a transcrição dos diálogos. Não há nenhum envolvimento a pesquisa, haja vista que você será entrevistado com perguntas sobre suas próprias experiências dentro da sala de aula e fora dela. Em todo o processo você terá capacidade de tomar decisões, e de se opor a qualquer situação proposta na pesquisa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos e estaremos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa não serão publicados, mas sem identificar os participantes da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para elucidar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Joel Barros Alves
Endereço: Rua 13, nº 31, Bairro Santa Bárbara, Petrolina - PE. Telefone: (87) 09981-3727, E-mail: joelbarros19@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - CEP/UNEB, UNEB - Prédio da Rectoria, 1º andar - Rua Silveira Martins, 2555, Catiaia, Salvador - BA, CEP: 41.150-000 Tel: (71) 31172399 E-mail: cepuneh@uneb.br

Eu, _____, aceito participar da pesquisa **O MINECRAFT EDUCATION: UMA ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA ESTAÇÃO DO SABER, EM JUAZEIRO-BA**. Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, e eu concordo em participar da pesquisa.

Salvador, _____ de _____ de 20__

Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade do Estado da Bahia, aprovada sob o número do parecer _____ em _____ consulta disponível na web: <http://opinionacao.sgcde.gov.br/portal/consulta>

Assinatura do participante da pesquisa

João Bastos Alves
João Bastos Alves
(orientando)

Prof. Dr. Ceres Santos
Prof. Dr. Ceres Santos
(orientador)

Pesquisa submetida na Comissão de Ética em pesquisa com seres humanos da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, aprovada sob o número de parecer: _____ e/ou _____
consulta disponível na íntegra: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil>